D. FRANCISCO S. LUIZ

Cardeal Patriarcha.

OS
PORTUGUEZES
EM
AFRICA, ASIA, AMERICA, E OCCEANIA.

OBRA CLASSICA.

VOLUME I.

Segunda Edição.

LISBOA:
Typographia de Borges, Rua da Oliveira (ao Carmo) N.º 65.

1849.

Fz k.

Descrever os brilhantes feitos dos Portuguezes, dar testimunho ás virtudes religiosas e civicas, que de fracos mortaes fizeram heroes, é tarefa que só por um coração todo Portuguez póde ser emprehendida e acabada! E' preciso que a mão, que houver de traçar a historia d'essas idades homericas e dos homens que as illustraram, seja dirigida por um coração que palpite aos doces nomes de Christo, de Patria, de Liberdade; que seja esta trilogia divina quem inspire a sua penna, e lhe dicte a escriptura.

Quem, senão um Portuguez, póde extasiar-se diante do Infante Santo, que preferiu a morte, em martyrisado captiveiro, á deshonra de Portugal, d'essa Patria tão chara, cuja voz foi a ultima que dos labios lhe escapou de envolta com a de Jezus?

Qnem, senão um Portuguez, póde bem comprehender e avaliar esses prantos que os Indios perseguidos hiam chorar diante da estatua de Affonso d'Albuquerque?

Quem, senão um Portuguez, póde achar louvores condignos a esse magistrado popular, tão inaccessivel aos carinhos e promessas como aos ferros e ameaças; que sem faltar ao respeito, que a seu Rei devia, foi fiel ao que o Povo lhe incumbira; a João Mendes Cecioso, emfim!

Entre diversos, e muitos, esses trez typos de patriotismo, de fidelidade religiosa, de amor da liberdade, se offereceram espontaneos á nossa veneração, e como outros tantos defensores de nossa these. A elles pois nos ativemos.

Portuguez somos, de Portuguez nos presamos, nestes tempos, mesmo, em que alguns que em Portugal nasceram, só para a Gallia, ou para Albion, ou ainda para Castella voltam os olhos, como quem as inclinações alli tem apprehendidas; e porque de tal ser muito nos honramos, não temos hesitado um só instante em metter hombros á empreza de narrar as principaes acções de nossos maiores, tornando popular a antiga historia Portugueza, o que será tambem como um solemne protesto a favor da nossa nacionalidade.

A Cruz, a Patria, a Liberdade nos tornaram a admiração, a inveja, a gloria da Europa, — a Religião, e o Patriotismo nos fizeram temidos e respeitados; serão por tanto esses tambem os sentimentos que guiarão a nossa penna, quando transmittirmos ao Seculo 19 a herança dos Seculos que já lá vão.

Bardos das glorias da Patria nestes tempos de

scepticismo e de desconfiança, a nossa voz ha-de ser escutada, porque já melodiosa, suave e meiga, já grave, austera e forte erguer-se-ha acima do clamor das discussões politicas, do murmurio dos cosmopolitas, e do troar dos invejosos: os tectos dourados dos palacios, o estuque das casas do habitante das cidades, assim como o côlmo da cabana das aldêas, ecchoarão os nossos cantos, e imporão silencio a tudo o que possa privar seus moradores do gosto de ouvir o que fizeram seus antepassados por esta nobre terra.

Sabemos quanto são grandes os deveres que contrahimos — temos a consciencia da importancia de nossa missão, e isso nos anima a esperar que não nos será difficil elevar-mo-nos á altura d'esses deveres, e que não fraquejaremos sob a importancia do mandato, porque o patriotismo nos dá a necessaria dedicação, a liberdade inspirações, e a Religião forças, para bem os desempenharmos.

A' voz da Patria accompanharemos em suas aventurosas e arriscadas viagens os Dias, os Gama, os Corte-Real, os Alvares Cabral e tantos outros nautas arrojados:

Com D. João Primeiro, o Conde de Alcoutim, e os Duques de Vizeu e de Coimbra, lidaremos em Ceuta estas batalhas tão feridas, apoz as quaes as Quinas eclipsaram o Crescente, e a Cruz foi hasteada no alto das mesquitas:

Demandaremos a China com Fernando de Andrade; com Magalhães a Terra do Fogo, as Ilhas

dos Ladrões e as Filippinas; e com Côrte Real a Terra Nova:

Seguindo Affonso de Albuquerque entraremos Gôa e Malaca, levando ao centro das hostes inimigas o terror de nossas armas, e o castigo da perfidia de seus Reis:

Defenderemos com D. João de Mascarenhas a heroica Diu; e prestando homenagem á sua valentia, lançaremos um crepe negro sobre o seu nome para chorarmos a traição que ennodoou seus velhos dias:

Onde quer que um exforçado Capitão Portuguez commettesse uma acção heroica, ahi nos acharemos ao seu lado para lhe cantarmos o triunfo.

A' voz da liberdade contaremos essas luctas em que o Rei e o Povo, de mãos dadas, levaram de vencida a theocracia e o feudalismo, que contra elles se alevantavam, conduzindo a escravisação dos communs, o ludibrio da realeza, a anarchia e a guerra civil, e a dominação da Thiara:

Contaremos ainda ess'outros certames em que os Reis, illudidos pelos Cortezãos e Palacianos, não duvidaram entrar contra o Povo, de que tão prestante auxilio haviam antes recebido; e como auxiliando-se da gloria e da riqueza conseguiram adormecer, sob ramagens de louros, a passada vigilancia, e pelo fulgor dos brocados e do ouro obscurecer os foros populares:

A' voz da Religião Santa, que professamos, mostraremos os adoradores do Fogo, e os de Brahma

e Vichnou, os sectarios de Confucio e os do Grão-Lama — essas Seitas, que nos seus pagodes sacrificam victimas humanas a hediondas e obscenas divindades, virem correndo aos Templos de Jezus, que os Portuguezes por toda a parte erguiam, para abjurarem seus êrros, e pedirem a regeneração e a vida eterna ás aguas do Baptismo; ou refugiarem-se tranzidas de medo nos subterraneos mais escuros e profundos para assim occultarem suas ceremonias lascivas ou sanguinolentas, que não podiam supportar o explendor da Cruz:

Daremos relação das escripturas e costumes dos gentios da India Oriental; de seu *Parabramá*, e da trindade que em si encerra; das incarnações de *Ramá* em peixe, tartaruga, porco, homem-leão, anão, e homem; de sua morte e ressurreição; e finalmente de seu Eucupurí (purgatorio), Cumbapacá (inferno), e Amaravotí (Ceo); assim como de outras cousas que dizem respeito à sua lithurgia, e doutrina.

Narraremos tambem as formalidades do culto, a disciplina, e crenças da religião dos Abexis; daremos sufficiente noticia do seu Rei Sacerdote ou Preste-João; e falaremos sobre outras curiosidades d'este povo tão digno de ser conhecido, quer social, quer pelitica, quer religiosamente fallando.

☞ Eis manifesto o plano da nossa obra, que procuramos fosse o mais interessante possivel.

Interessante para o homem religioso que nella encontrará uteis ensinos, e curiosas novidades,

mesmo na discripção d'essas seitas politheistas que ainda sujeitam ao dominio de Satanaz tantos milhões de almas, que poderiam ser conquistadas para o Ceo, se os dominadores actuaes d'aquelles paizes não tivessem substituido o arcabuz ao Evangelho; e se a propaganda Italiana com seus escandalos e intrigas não tivesse conseguido expellir os missionarios portuguezes do meio d'estes infelizes;

Interessante para o patriota, que assim verá compendiadas as acções heroicas pelas quaes não só conquistamos, conservamos e defendemos a nossa independencia, mas egualmente conseguimos dominar sobre os dous hemispherios;

Para o politico, que pela comparação dos Portuguezes de então e os de agora, mais forte se lhe apresentará a influencia das Leis sobre os costumes — e assim com maior efficacia procurará os meios de reformar e melhorar estes pela reforma e melhoramento d'aquellas;

Para o homem dos salões e da boa sociedade, cujo espirito se lhe deleitará pela comtemplação dos brilhantes quadros da nossa historia, que deixam obscurecidas essas peripecias ingenhosamente inventadas para os romances modernos; que condemnam esses lances de um heroismo satanico com que a litteratura actual confrange o coração, em vez de suavemente o dilatar, com que tortura febrilmente o espirito, em vez de o enriquecer e alegrar;

Para o homem sabio, que nesta leitura deparará com o util e o agradavel, travados ambos em doce ligação, e ajudando-se mutuamente;

Para a mocidade, que na leitura d'esta obra encontrará bellos exemplos que seguir, nobres acções que imitar; pois que a sua alma ainda noviça, isenta ainda das paixões que na edade adulta lhe empannam a louçania, saberá comprehender tão bem os feitos, como tomar para modello os que os acabaram.

Esta Obra, enriquecida com os retratos dos Heróes, que elevaram a Patria Lusitana á maior veneração e que tão respeitavel fizeram o nome Portuguez, constará do seguinte:

PRIMEIRA PARTE.

Iudice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do Seculo XV. até 1811 — enriquecido com a exacta discripção das forças navaes de Portugal pela qual se mostra o grande poder maritimo d'este Reino em diversas épocas.

SEGUNDA PARTE.

Resumo Historico das Descobertas e Conquistas dos Portuguezes n'Africa, Asia, América, e Occeania, accompanhada de noções sobre os usos, religião, costumes, e legislação dos povos indigenas; e de diversos apontamentos historicos do nosso distincto litterato o Ex.^{mo} Visconde de Santarem, e outros sabios antigos e modernos.

TERCEIRA PARTE.

Diccionario Geographico das Cidades, Villas, Aldêas, Praças, e Presidios, que Portugal actualmente possue em Africa, Asia, e Occeania; importancia d'estas possessões, sua população, riqueza, e commercio.

Ex.^mo *e Revd.*^mo *Sr.*

Se contemplarmos a nossa Patria desde as suas origens politicas e litterarias, e atravessarmos por essa mansão dos seculos, que lá nos ficão já andados, folgaremos de vêr, se tivermos portuguez o coração, que ella dera nesses tempos, embora lhe chamem rudes, á Europa e ao mundo inteiro lições cheias de saber, de valor, de honra, e de patriotismo. No seu berço creou animos, creou coração; e posto que mingoada em forças, não receou entrar em profiosas lides com seus pelejadores, sempre temidos em numero, atrevidos no poder.

O estandarte lusitano arvorado nos peitos diamantinos dos extremados companheiros d'armas do grande Viriato, lá ameaça Roma de o fazer tremular sobre os seus muros, e de vêr as legiões do aurifero Tejo, conduzidas por um segundo Annibal, pisar as margens do vetusto e veneravel Tibre. Cobiçados thesouros, primazias d'um bonissimo solo lá fazem brotar desejos de conquista n'outros povos: á porfia se desenrolão essas massas colossaes, apresentando uma continuada arêna de sanguinolentas lides. Mas todos os seus dominadores bem caro tiverão de comprar usurpados direitos:

por certo quando a justiça da causa é a mesma, o valor não tem differença; recuperar a liberdade usurpada ou morrer por ella, eis a estrella polar, que dirigiu sempre os Portuguezes, e que nelles fez animar as esperanças da victoria; é por isso que o nosso Homero, immortalisando com apollinéa lyra seus dignos feitos, brada em altisono canto

. . . . não é das forças lusitanas
Temer poder maior por mais pequeno.

Quem firmou de Portugal a independencia, dirigindo os bellicos esforços de doze mil Portuguezes na campina Euriquéa contra os cerrados esquadrões e forças innumeras dos filhos d'Agar, facto espantoso, que, dando logar á fundação da monarchia collocou Portugal na lista das nações? Portugal não adquire egualmente singulares titulos na gloria das armas ganhados nas famosas acções dadas nos campos de Aljubarrota, e de Montes-Claros, escalamentos da soberba Ceuta, d'Arzila, dos muros e baluartes d'Ormuz, de Diu, de Malaca? Todas as gerações no tributo do seu mudo assombro, e da sua admiração silenciosa com justiça pagão aos nossos avoengos bem cabido premio pelas suas façanhas, e gentilezas d'armas.

Na verdade a patria dos Viriatos, e dos Affonsos sobra em filhos, que sempre a ennobreceram por serviços inimitaveis e illustres feitos: esses monumentos de gloria assás os proclamão, erigidos nos diversos angulos do globo, que illustrados brilhão pelas armas portuguezas, não deixando jamais a mão dos seculos vindouros de gravar com delicado cinzel os seus triunphos, que um só momento contemplados, já excedem as forças d'exultador prazer. Ah!

Possão tão felices recordações reanimar na geração presente esse patriotismo o mais ardente, virtude civica, tão solida, e a unica, que sempre trouxe ás nações, onde predomina, a sua grandeza e estabilidade. — Poderião acaso raiar dias tão brilhantes em nosso horisonte politico, e verem-se dos seculos respeitados esses padrões eternos, que altamente denuncião o nosso Portugal como uma Nação amiga das letras, da independencia, e da victoria, se não alimentasse em seu seio genios verdadeiramente imitadores das virtudes dos Regulos, e dos Aristides, e do merito litterario dos Livios, dos Sallustios, dos Polybios, e dos Virgilios?

Bellos com razão dizemos serem os monumentos, que apresenta em diversas epochas o estado das letras portuguezas a par da gloria das armas. Um esclarecido Infante D. Henrique já recommendavel por seus militares feitos, toma debaixo de seus auspicios a arte nautica, explanando assim o passo para as victorias das armas portuguezas; genio brilhante e talhado para grandes emprezas, e que fez florecer outros debaixo da sua influencia, talvez superiores nos conhecimentos d'astronomia e geographia aos dos povos contemporaneos; genio raro, que, attrahindo a veneração dos sabios, mereceu na restauração da liberdade o tributo indelevel da nossa gratidão, erigindo-se-lhe em Sagres um padrão perpetuo á sua memoria. — Um Pedro Nunes adquire nome immortal, abrindo com a descoberta de novos instrumentos, e aperfeiçoamento de outros, um vasto campo ás sciencias mathematicas, e á importante arte da navegação: é bem conhecida a elegantissima divisão ou graduação do astrolabio, simplificação assás obvia, e da qual ainda se usa nas alidades de todos os instrumentos astronomicos, que ser-

vem para medir distancias angulares, divisão, que ficou conservando para honra do seu auctor a denominação de *Nonius*, do appellido do nosso geometra. — Um Barros com brilhante pluma illustra a litteratura nacional. — Um Couto lá consagra seus dias á gloria das letras, e tambem á nação vota um braço valoroso, servindo longo espaço na militar carreira. — Bernardes, o primeiro dos bocolicos portuguezes, que embocou com feliz successo a tuba campezina, se com elegantes poemas se faz mimoso das muzas e valido d'Apollo, não se distingue menos na pratica de guerreiras virtudes; regressando á patria do cargo de secretario d'embaixada em Hespanha, levado do seu genio cavalheiresco, deixa o seu decantado Lima pelas costas arenosas d'Africa adusta, e alli sopésa a lança e com denodo na celebre batalha de Alcaçar-Kebir. Certamente não foi só o Lacio, que produziu os Fabios, os Scipiões, os Regulos e outros varões d'intrepida constancia, cujos animos jamais repousaram em buscar honra, nome e gloria á chara patria.

A cadeia heroica dos lusitanos fastos é interminavel; novos seculos trazem triumphos novos, e novos genios. Collocados os Portuguezes no ultimo occidente, e alongando as suas vistas para a immencidade do occeano, que mil idéas concebião de grandeza e sublimidade! Impellidos pelo desejo de conhecer regiões ignotas, se determinão a encarar os grandes perigos, superar as maiores difficuldades, e vencer os abismos de procelosas syrtes. Eis surgem os celebres descubridores Zarco, Diego Cam, Bartholomeu Dias, Pedro d'Alemquer, Pedro Alvares Cabral, Fernando Magalhães, e o heroe dos Lusiadas. Laboriosas e reiteradas expedições, descubertas longinquas são sua partilha, seguidas

sempre de maravilhosos resultados. Entregues á inconstancia d'um terribil elemento denodados partem e se entrenhão pelo vasto occeano, audaces na empreza, e de esforço apare-lhados, deixando na amada terra os olhos e coração. — Lá se alongão e crescem pelas costas d'Africa: ávante levão custosas derrotas, demandando á custa de peniveis vigilias e fadigas as regiões remotas e a cabo d'ellas esse tormentoso promontorio, que vencêl-o, valia então o mesmo, que passar incolume pelo imperio da morte, dos naufragios, das tormentas, das perdições. Afoutos assomão além d'esse padrão assustador, e logo os olhos fitão no horisonte d'oriente: é para esse centro de unidade heroica, que os corações gravitão com força irresistivel. Certamente os Gamas, sulcando as vagas de indomitos mares, e fazendo a nação portugueza avassalladora de vastos potentados, abrem a gloriosa arena para os Albuquerques, os Castros, os Mascarenhas, os Noronhas, e os Pachecos cingirem a fronte de immarcessiveis louros, sopesando a honrosa espada pelo engrandecimento do paiz natal, e fazendo scintillar illustre no universo o nome lusitano. Pelo que o nosso Livio, quando falla de seus compatriotas com sensatez e justiça diz que — « Se Deus tivesse creado outros mundos, lá terião tambem erigido monumentos á victoria. » — E o nosso Épico, em cujo espirito fermentavão as mais sãas idéas, zelo ardente, e amor pela patria, bem os exalta com digno plectro; não lhe estorvando o peso da ferrea cota, e de bellicas fadigas a dextra, para eternisar em altisona lyra a gloria lusitana.

Tão gloriosas emprezas, tão dignos feitos! resultados protentosos de assignaladas viagens e descobrimentos, que de tão reconhecida utilidade se notão em todos os ramos da ci-

vilisação, e progresso do mundo moderno, jámais podião deixar de occupar profundamente o espirito esclarecido e sobremaneira patriotico de V. Ex.ª Assás meritorios e reconhecidos são os titulos que já ha muito a patria possue, e que venera na Pessoa de V. Ex.ª; olhando-o, não só como o primeiro e mais digno Ministro na jerarchia prelaticia, mas tambem como firme sustentaculo da Religião dos nossos pais; eximios e relevantes predicados, que tanto se recommendão, e attrahem os suffragios e sympathias publicas. Entre tantos monumentos litterarios, com que V. Ex.ª tem enriquecido a republica das letras, mais se encontra na sua carreira laboriosa e digna este padrão de grande valor e importancia, que mais vem perpetuar o merecido credito, e fama da Nação Portugueza = *Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo XV.* = Na verdade esta obra sobremodo estimavel bem mostra a apreciação das vantagens, que alardea; e que a todas as luzes se manisfestão reaes e permanentes.

* * * vendo esta obra de V. Ex.ª, este monumento unico na Historia das nações modernas, dedicado á gloria nacional, e ao seculo XV. portuguez, rogou a V. Ex.ª se dignasse conceder-lhe a propriedade d'esta preciosa producção, que hoje vem locupletar a Litteratura portugueza, mercê que felizmente foi concedida por V. Ex.ª e pela qual tributa cordealmente seus eternos agradecimentos.....

Queira pois V. Ex.ª acolher com a benevolencia, que tanto o caracterisa, este testemunho do nosso zêlo, com que muito folgamos corresponder aos desejos do publico illustrado. Só nos cumpre, a par das mais vivas emoções, que ger-

minão em nosso animo grato, testemunharmos a V. Ex.ª os nossos puros desejos pela conservação da preciosissima saude de V. Ex.ª por dilatados annos; profundos desejos, que ardentemente nos animão, como todos os seus mais sinceros admiradores.

Somos com a mais alta consideração e respeito

De V. Ex.ª

Ex.mo e Rev.mo Sr. Patriarcha Arcebispo Eleito.

Veneradores e subditos fieis

* * *

Ill.^{mos} Srs.

Ainda agora me é possivel responder á obsequiosa, e mui lisongeira carta, que de V. S.^{as} ha muitos dias recebi. O estado pouco firme da minha saude, e as incessantes obrigações do cargo, que exercíto, devem obter de V. S.^{as} indulgente desculpa.

Seria difficil e ao mesmo tempo desnecessaria empreza minha, se eu pertendesse accrescentar cousa alguma ao brilhante e pomposo elogio, que V. S.^{as} na sua carta tecem á *Nação Portugueza*, já pelas nobres virtudes, estremado valor, constancia heroica, e aventurosas emprezas de seus illustres Filhos, já pelo amor das Sciencias e das Letras, de que sempre se mostraram animados, e de que em todos os tempos tem dado abonadas provas nos diversos ramos dos humanos conhecimentos.

Limitando-me por tanto ao que diz especial respeito *á minha pessoa*, e reconhecendo ingenuamente quam superiores são ao meu merecimento os louvores, com que V. S.^{as} me acreditão e exaltão, devo comtudo confessar, que aceito com grande satisfação, e não sei se diga com alguma vaidade, o testemunho que V. S.^{as} dão na sua carta ao

constante e apaixonado empenho, com que desde os meus primeiros annos desejei promover (se me fosse possivel) o adiantamento da Litteratura Patria, e fazer conhecidos os merecimentos de todo o genero, com que os nossos compatriotas tanto se tem illustrado.

A este principal fim foi dirigida a publicação do *Indice Chronologico*, a que V. S.as querem agora dar maior publicidade e credito: honra, que eu não podia esperar para tão imperfeita composição, e que me constitue em grande divida de gratidão para com V. S.as

Dignem-se V. S.as de aceitar com benevolencia esta minha confissão, e com ella as expressões da distincta estimação e respeito, com que sou

De V. S.as

Ill.mos Srs. * * *

Muito Attento Venerador e Obsequioso Servo

F., *Patriarcha Arcebispo Eleito.*

S. Vicente 1.º de Setembro de 1842.

INDICE CHRONOLOGICO.

Das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos desde o principio do seculo XV.

PREFAÇÃO.

Damos á luz pública neste escripto o *Indice Chronologico* das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes Ultramarinos, desde os principios do seculo XV.

Este titulo não inculca, por certo, obra de grande valor e importancia, nem nós o escrevemos com esse intento: mas pareceu-nos o mais accommodado á natureza e fins do nosso trabalho, e o mais proprio das circumstancias que o motivaram.

Muito tempo havia que nós desejavamos, e procuravamos ter uma idéa geral, mas fiel e exacta, das grandes e gloriosas emprezas ultramarinas dos nossos compatriotas, que n'aquelle tempo derão tanto credito e fama á Nação Portugueza, e forão de tanta e tão reconhecida utilidade para o mundo moderno, em todos os ramos do seu progresso, e civilisação. Mas ainda que para o conseguir não poupassemos nenhum dos meios, que estavão ao nosso alcance, a cada passo comtudo nos viamos ou embaraçados no nosso estudo, ou frustrados nas nossas diligencias.

Os escriptores nacionaes, que podiamos consultar erão poucos, incompletos, ás vezes discrepantes em suas narrações, e sempre diminutos nas particulares noticias do seculo XV, que mais convinha indagar e apurar.

Dos Roteiros, Relações e Memorias, que necessariamente se havião de escrever logo naquelle tempo de nossas primeiras navegações e descobrimentos, mui pouco nos resta hoje, salvo as relações de Cadamosto, e essas mesmas impressas um seculo depois em Italia, e em lingua italiana, e não de todo isentas de imperfeições e êrros. (*)

E' natural que o prudente e cauteloso segredo, em que os nossos Principes, ao principio, reservavão aquellas Memorias, e Relações; a perda de muitas d'ellas nas mãos dos chronistas, ou nos proprios gabinetes dos Principes por occasião da sua morte; o descuido de recolher estes e outros documentos ao Archivo geral do Reino; a difficuldade de multiplicar as copias, por não haver ainda a Arte Typographica, ou por não ter chegado a Portugal, logo nos primeiros annos da sua invenção; é natural, digo, que estas ou outras semelhantes causas produzissem a falta, que depois se experimentou, logo que se quiz escrever em corpo de historia a serie de nossas emprezas ultramarinas.

O certo é que o illustre Barros, quando tomou sobre si esta difficil incumbencia, já se queixava da falta de memorias antigas; e bem mostrou, que as não tinha, pois tão breve e imperfeitamente fallou dos successos, que precedêram á expedição do grande Vasco da Gama.

Castanheda começou a sua Historia da India por essa mesma expedição, e nada diz dos tempos anteriores.

(*) Quando isto escreviamos ainda não tinha apparecido a edição da *Obra de Azurara*, ha pouco publicada em Pariz pelo Sr. Visconde de Santarem.

Nos outros nossos escriptores (pela maior parte mais modernos) achão-se na verdade algumas noticias do objecto de que tratamos; mas são ellas tão dispersas por differentes obras, tão apoucadas em suas circumstancias, e assim mesmo escriptas com tanta falta de coherencia, exacção e alinho, que é de mui difficil, e impertinente trabalho reduzil-as a alguma ordem, e tirar d'ellas um resultado, qual se deseja, liquido, seguro, e aceitavel.

Nos escriptores estrangeiros não ha que procurar neste assumpto nem a conveniente miudeza e exacção, nem (as mais das vezes) a devida imparcialidade. Omittem factos, e circumstancias substanciaes; alterão datas; errão ou desfigurão nomes; e alguns deixão-se dominar de tão desarrazoado ciume, que parece que ainda hoje lhe fazem sombra os relevantes serviços, que os Portuguezes fizerão ao mundo n'aquelles antigos tempos, e o immenso louvor, que por elles merecêram, e lhes é devido. E não se tenha por apaixonado este nosso juizo; porque muito teriamos com que o justificar se tanto fosse necessario.

Em tal estado de cousas resolvemos começar a escrever, para nosso uso particular, o *Indice Chronologico*, que agora damos á luz, apontando nelle mui summariamente os factos que nos parecêram mais importantes, e collocando-os na sua ordem puramente chronologica, como para nos servirem de guia, quando quizessemos dar maior extensão ao nosso estudo, ou instruir-nos mais amplamente neste ramo da nossa historia, que reputamos de tanto interesse para o publico litterato, quanto glorioso para os Portuguezes.

Com este intuito lemos as obras, escriptos, memorias, ou documentos, nacionaes, ou estrangeiros, que se offerecêram á nossa indagação, combinando (quando nos pareceu necessario) uns com outros, comparando os gráos de credito que cada um podia merecer, e tirando de todos, não

sem grande trabalho, aquelles resultados, que tivemos por bem assentados, ou que pelo menos se nos apresentaram fundados em maiores, e mais certas razões. Artigo ha no *Indice*, que contendo-se em poucas linhas, nos levou algumas horas de leitura, e talvez alguns esforços de reflexão: e nem por isso nos gloriamos de haver evitado êrros e defeitos, hoje inevitaveis em semelhante materia.

Decorrêram os tempos, e a nossa situação pessoal soffreu por vezes graves e penosas mudanças, privando-nos de alguns dos meios, que podião concorrer para que o nosso trabalho fosse menos imperfeito. Por fim pareceu-nos, ou nos persuadiram, que assim mesmo seria util a sua publicação, já por não se perder de todo o tempo que nisto tinhamos consumido, já porque o nosso trabalho poderia aproveitar a quem com o mesmo intento, e zêlo, e com mais meios e capacidade quizesse levantar á gloria nacional, e ao seculo XV. portuguez um monumento unico na historia das nações modernas.

Começámos a escrever o Indice em 1832, e fizemos-lhe depois retoques, correcções, e additamentos. A *Memoria* sobre as viagens por terra foi escripta posteriormente. Hoje, ser-nos-hia impossivel rever estes trabalhos, e dar-lhes mais algum aperfeiçoamento. O Publico medirá pelo nosso zêlo, e amor da patria, a sua benigna e favoravel indulgencia.

ANNO DE 1412.

Os nossos escriptores, que trataram dos descobrimentos, e emprezas maritimas, de que foi primeiro autor o grande e inclito Infante D. Henrique, filho de El-Rei D. João I, notão commumente este anno de 1412 como principio de seus uteis e gloriosos trabalhos; e dizem que então começou este sabio Principe a mandar alguns navios ao descobrimento da costa africana, desde o cabo *Nam* para as partes do Sul, e pólo antarctico.

João de Barros nas suas *Decadas*, e Faria e Souza, tanto na *Azia Portugueza*, aonde faz o extracto d'ellas, como na *Relação das armadas*, que colligio de listas, e memorias antigas, assignão a referida época. O mesmo seguiram muitos escriptores nossos; e muitos outros o suppõem,

quando dizem, que depois da conquista de Ceuta (em 1415), e das informações, que o Infante ahi houvera dos Mouros, viera muito mais animado a *proseguir* nos seus projectos.

Assim, posto que não tenhamos individual noticia dos navios, que então sahiram ao descobrimento, nem dos capitães, ou pilotos que os governaram, não julgamos dever por isso alterar a época estabelecida; antes havemos por mui provavel, que por aquelles annos é que os nossos navegadores passaram o cabo *Nam*, que era até então o termo das navegações européas, e chegaram ao *Bojador*, aonde por muito tempo encontraram depois obstaculo a seus repetidos esforços.

Se alguem comtudo duvidar de que o Infante, já no referido anno de 1412 começasse a executar os seus particulares projectos, ainda assim se pode, e deve sustentar a mesma época, reflectindo-se que nesse anno se deu principio aos preparativos para a grande expedição de *Ceuta*, que foi sem duvida um passo importantissimo para os descobrimentos, não só pela ampla informação, que ahi se houve das terras, costas, e gentes de Africa, mas tambem e especialmente, porque sendo a praça de *Ceuta* como chave dos mares adjacentes, e abrigo das armadas barberescas, mal podião os nossos navios frequentar com segurança as costas, visitar os portos, e navegar para as partes do Sul, em quanto *Ceuta* estivesse em poder dos Mouros.

Notemos ainda mais, que na Bulla de Nicoláo V. do anno de 1455, de que em outro lugar fallaremos, se diz que o Infante começára de mui pequena idade (*ab ejus ineunte ætate*) as suas emprezas: e esta fraze mais convem ao anno de 1417, em que já contava 23.

ANNO DE 1415.

Neste anno foi a gloriosa expugnação de *Ceuta*, concluida por El-Rei D. João I., acompanhado dos Infantes seus Filhos, em um só dia, a 21 de Agosto.

Alguns dos nossos escriptores se equivocaram assignalando a esta conquista o dia 14 de Agosto. Outros muitos porém, mais bem informados, a poserão em 21, e este é o dia, que se collige do epitafio de El-Rei, gravado sobre o seu tumulo em tempo de El-Rei D. Duarte seu filho, e successor, aonde se nota, que El-Rei depois de tomada a praça de *Ceuta*, a presidiára por 18 annos, menos oito dias, e que fallecêra a 14 de Agosto de 1433; por onde se vê que os 18 annos serião completos, se elle vivesse mais oito dias, isto he, até 21 de Agosto.

Em *Ceuta* procurou o Infante D. Henrique, e alcançou dos Mouros, algumas importantes informações para a execução dos seus designios, e teve mais certo e induvidual conhecimento do deserto, que os arabes chamão *Çahará*, dos póvos *Azenegues*, confinantes pelo Sul com os *Gelofos*, do commercio que d'aqui se fazia para e costa septemtrional, e de muitas circumstancias d'aquellas terras, costas, e gentes, com o que se animou muito mais (como já dissemos) e de todo se resolveu a proseguir na empreza, que o seu grande espirito, auxiliado dos conhecimentos cosmograficos, lhe havia inspirado.

A armada, que El-Rei levou á expedição de *Ceuta*, constava de 220 vasos de guerra e transporte, a saber 33

náos, 59 galeras, e varios galeõs, caravellas, e outros baixeis de differentes grandezas, em numero de 128.

Logo depois d'esta conquista tomou El-Rei o titulo de « *Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta.* »

ANNOS DE 1416 E 1417.

Por estes annos, logo depois da conquista de *Ceuta*, começaram as tentativas, que o Infante mandava fazer para dobrar o cabo *Bojador*, e passar ávante para o Sul, as quaes forão continuadas, mas sem fructo, por alguns annos.

O grande lançamento que o Cabo fazia ao mar, as correntes impetuosas das agoas, a sua apparente effervescencia, e outras semelhantes circunstancias, forão causa de se mallograrem por muito tempo estas tentativas, temendo, os ainda então inexpertos navegantes, que os mares os engolissem, ou que as correntes os não deixassem voltar ao rumo de Norte.

ANNO DE 1418.

Neste anno foi mandado Bartholomeu Perestrello, Cavalleiro da Casa do Infante D. João, á empreza de dobrar o *Bojador*; mas sendo assaltado de tempestade, perdeu a

derrota que levava, e foi arrojado a uma Ilha desconhecida, a que deu o nome de *Porto Santo*, por ter achado nella abrigo, e descanço de sua trabalhosa navegação.

Damião de Goes, e Soares da Silva põem este descobrimento no anno seguinte de 1419.

Alguns negão que Perestrello fosse o descobridor d'esta Ilha, e sómente dizem que o Infante lhe dera a *Capitania* d'ella: mas a pratica geral d'aquelle tempo nos parece persuadir o contrario.

ANNOS DE 1419 E 1420.

No anno seguinte de 1419 voltou Perestrello com os outros dous navegantes João Gonçalves Zarco, e Tristão Vaz, Cavalleiros da casa do Infante D. Henrique, cada um em seu navio á Ilha de *Porto Santo*, levando Perestrello ordem, e alguns preparos para começar a sua cultura.

Dizem os escriptores antigos, que lançando-se na Ilha uma coelha, que no mar havia parido, fôra a criação destes animaes em tanto augmento, que destruião as searas, e por algum tempo retardaram, ou embaraçaram o projecto da colonisação da Ilha.

Perestrello voltou a Portugal: mas João Gonsalves, e Tristão Vaz, tendo observado uma especie de nevoeiro, que constantemente se lhes offerecia no mar, e sempre no mesmo sitio e direcção, suspeitaram o que poderia ser, e dirigindo-se para aquella parte, descobriram a Ilha da *Madeira*, a que derão este nome pelo alto e basto arvoredo, de que a acharam coberta.

Algumas antigas memorias dizem que Francisco Alcoforado, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique, fôra neste descobrimento, e o descrevera em uma exacta *Relação.*

De João Gonsalves Zargo, se diz que foi o primeiro Portuguez, que usou da polvora, e artilheria nos navios. Manuel Thomaz, na *Insulan.* I. 1.º est. 83 fallando d'elle diz.

« *Bem é verdade, que este o Lusitano*
Primeiro foi, no mar com nome eterno,
Que usou da dura fruta de Vulcano,
E o salitrado aljofar do inferno; »

ANNO DE 1425.

Por este anno começou o Infante a mandar povoar as Ilhas da *Madeira*, e *Porto Santo*, e tambem a *Deserta*, que sem duvida foi descoberta com as primeiras.

Elle mesmo na doação que fez do espiritual d'estas Ilhas á ordem de Christo em 18 de Setembro de 1460, quasi dous mezes antes do seu fallecimento, diz « *comecei de povoar a minha Ilha da Madeira, haverá ora trinta e cinco annos, e isso mesmo a do Porto Santo, e deshi, proseguindo, a Dezerta* » por onde parece fazer-se verosimil, ao menos em parte, o que uniformemente referem os nossos escriptores, que lançando-se fogo aos bosques da Ilha da *Madeira*, este se ateára de tal modo, que por alguns annos não fôra possivel povoal-a. Os annos devem neste caso contar-se desde 1419, anno do descobrimento, até 1425. E dizemos, *ao menos em parte*, porque algum tempo era preciso para

se prepararem as familias, e os mais objectos necessarios á povoação e cultura d'aquellas Ilhas.

O Infante dividio a Ilha da *Madeira* entre os seus dous descobridores. Mandou vir da Ilha de *Candia* a preciosa planta da malvazia, que tanto alli prosperou, e tão util tem sido ao commercio, e riqueza da *Madeira*. Mandou tambem vir da *Sicilia* a canna do assucar, e mestres, que a ensinassem a plantar e cultivar, e a fabricar o assucar. E foi esta cultura tão bem recebida do terreno, que em 1501 se participava a El-Rei D. Manuel haverem-se fabricado, nesse anno, na Ilha, 63:800 arrobas de assucar. Quando Barros escrevia as suas Decadas, diz elle, que uma porção de terra de trez leguas dava ao quinto mais de 60:000 arrobas. E Bluteau, nos principios do seculo passado, escrevia que na Ilha houvera algum tempo 150 engenhos de assucar os quaes rendião 400:000 arrobas.

Da Ilha da *Madeira* sahiram depois os mestres, que forão introduzir o fabrico do assucar na Ilha de *S. Thomé*, e de ambas estas Ilhas se propagou mais depois no Brazil, por industria dos Portuguezes, tanto a cultura da canna, como a factura do assucar.

O grande Infante D. Henrique, posto que applicado á povoação e cultura da *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta*, nem por isso se esquecia de continuar, e promover a sua primeira, e principal empreza, da qual porém sabemos, que por espaço de doze annos se não tirou fructo algum, não se conseguindo em todo este tempo dobrar o Cabo *Bojador*.

ANNOS DE 1429 E 1430.

Gil Eannes, natural de Lagos, dobrou emfim o formidavel *Bajador*.

Dizem os antigos escriptores portuguezes, que esta passagem do cabo fôra então reputada como uma façanha igual a algum dos *trabalhos d'Hercules*: expressão, que hoje parece nimiamente exagerada, mas que o não era tanto naquelles tempos, vistas as difficuldades, os medos, e os perigos, que ou se tinham experimentado, ou se imaginavão e sopunhão na mesma passagem, e que por tanto tempo a havião retardado.

Parece-nos não se ter ainda determinado com bastante precisão, e certeza, a época d'este notavel acontecimento. Muitos dos nossos escriptores a referem ao anno de 1433: alguns ao de 1432: outros ao de 1434: e outros finalmente ao de 1428.

Se nesta materia póde haver lugar a conjecturas, nós temos por mui verosimil, que a passagem do *Bojador* se executou em 1429, ou quando mais tarde em 1430. As razões, em que nos fundamos, são as seguintes:

Primeira: que os nossos antigos uniformemente dizem, que o Infante D. Henrique, *por mais de doze annos*, fizera tentativas para dobrar este cabo, mandando a elle frequentemente os seus navios. E como estas tentativas começaram logo depois da expedição de *Ceuta*, isto he, em 1416, ou ao mais tardar em 1417, parece que a passagem do cabo seria em 1429 ou em 1430.

Segunda: que o Papa Martinho V, permittiu por uma sua bulla, que se podesse contractar e commerciar com os infieis. Esta permissão, cuja verdadeira data ignoramos, não podia ser posterior a 20 de Fevereiro de 1431, em que aquelle santo Padre falleceu. Tinha pois sido pedida, e póde ser que concedida pelo menos em 1430. Por outra parte é de presumir, que o Infante sómente a pediria depois de se ter vencido a grande difficuldade do *Bojador*; porque até então nem sabemos que os nossos navegadores sahissem em terra a negociar, ou procurassem ter communicação e commercio com os habitantes; nem é verosimil que o intentassem a respeito dos Mouros, com quem os Portuguezes estavão em actual, e contínua guerra. D'onde se collige, que antes de 1430, ou quando muito nesse mesmo anno, já se tinha vencido o *Bojador*.

Terceira: que na bulla do Papa Nicoláo V. (já citada) dos principios de Janeiro do anno da *Encarnação* de 1454, que é anno vulgar de 1455, se diz que o Infante, havia vinte e cinco annos, (*a viginti quinque annis citra*, isto é, *ha vinte e cinco annos a esta parte*) não cessava de mandar navios ao descobrimento das *terras, e costas do Bojador para as partes do Sul*. Logo o *Bojador* já tinha sido dobrado, e já se navegava além d'elle para o Sul *vinte e cinco* annos antes da data da bulla, o que vem a dar em Janeiro de 1430, e mui provavelmente no anno antecedente de 1429.

ADVERTENCIA.

Pareceu-nos aqui lugar proprio para notar em geral, que algumas das differenças que se encontrão nos antigos escriptores a respeito de datas, e que talvez parece que embaração a chronologia dos descobrimentos, se devem attribuir, segundo o nosso juizo, a que uns tomavão por época de tal, ou tal expedição e descobrimento o anno em que

os navegantes sahião de Portugal: outros o anno em que chegavão á costa d'Africa, e effectivamente tocavão o ponto descoberto, o que muitas vezes succedia no anno seguinte ao da sahida: e outros finalmente o anno em que voltavão ao reino, e se divulgava a noticia. Por onde entendemos, que quando a differença das datas é pequena, e de annos immediatos, se não deve fazer conta com ella para ahi arguir alguma incerteza no acontecimento, ou alguma variação essencial na sua época.

ANNOS DE 1431 E 1432.

O Infante D. Henrique mandou no anno de 1431, que o Commendador de Almourol na O. de Chr. Fr. Gonçalo Velho Cabral fosse correr os mares a Oeste, em demanda de novas terras. O navegante encontrou os *baixos das Formigas*, situados entre as Ilhas de *Santa Maria* e *S. Miguel*, mas não deu fé de alguma d'ellas, e voltou a Portugal a informar o Infante do que tinha observado.

Foi outra vez mandado no anno seguinte de 1432 a explorar os mares, em que existião aquelles baixos, e então com melhor fortuna descobrio a Ilha de *Santa Maria*, primeira descoberta no archipelago dos Açores a 15 de Agosto, e pela circumstancia da festividade do dia lhe deu aquelle nome.

O Infante fez a Gonçalo Velho Capitão-donatario da Ilha, e elle a começou logo a povoar, e cultivar com grande proveito e interesse.

ANNOS DE 1434 E 1435.

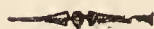
O mesmo Gil Eannes, que dobrára o cabo *Bojador*, voltou em 1434 áquellas paragens com Affonso Gonsalves Baldaya, Copeiro do Infante. Passaram obra de 30 leguas adiante do cabo, e descobriram uma angra, ou bahia, a que posérão o nome de *Angra de ruivos* por acharem alli muitos dos peixes, a que os Portuguezes chamão *ruivos*.

No anno seguinte ou estavão ainda nas mesmas paragens, ou a ellas voltaram. Adiantaram mais 12 leguas pela costa, e sahindo em terra Heitor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, encontraram alguns barbaros, que á vista dos nossos se poserão em fugida.

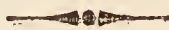
Passaram ainda depois um pouco mais adiante, e chegaram á fóz de um rio, aonde mataram muitos lobos marinhos (especie de *phocas*, segundo parece) cujas pelles trouxerão a Portugal.

Este lugar é o que nas antigas relações se ficou denominando posto o dos lobos marinhos: e o rio tomou logo depois o nome de *Rio do ouro* pelo resgate que ahi se fez d'este metal.

Sobre o *Rio do ouro*, segundo a observação de um antigo piloto Portuguez, *corre a linha do tropico de Cancer*, pelo que se vê que denotava o rio a 23.° e 30' septemtr., que era a posição que algumas antigas cartas davão á linha do tropico.

ANNOS DE 1437 E 1438.

Em 1437 foi a infeliz expedição de *Tanger*, em que esteve o Infante D. Henrique. E como além do desgosto que ella cauzou no Reino, se seguisse logo em 1438 o fallecimento do sabio, e virtuoso Rei D. Duarte, e apoz elle sobreviessem as perturbações publicas, occasionadas da tutoria da Rainha D. Leonor; não parece verosimil que se tentasse nestes annos cousa alguma importante para adiantar os descobrimentos. Comtudo o Infante nunca deixava de mandar os seus navios á costa de Africa.

Ao mesmo anno de 1438 attribuem alguns a vinda de *Mestre Jacomo de Maiorca* para Portugal, chamado pelo Infante para dar regularidade e direcção á sua *Escola de Sagres*. D'elle diz um douto Geografo moderno, que era *versadissimo na navegação, e na arte de fabricar instrumentos e de projectar Cartas nauticas*, e que o immortal Infante o *posera á frente da Academia, que havia fundado, com o fim de propagar tão uteis conhecimentos.*

ANNO DE 1439 OU 1440.

Diniz Fernandes, Escudeiro do Infante D. João, chegou em algum d'estes annos a um grande rio, que os naturaes da costa chamavão Quedec, (*) e a que os nossos de-

(*) Damião de Goes na *Chron. do Principe D. João,* edição

rão o nome de *Sanagá*, do nome de um senhor da terra, com quem fallaram, arrumando a sua fóz a 16° de latit. septemtr.

Cadamosto que fez a sua primeira viagem em 1445, diz expressamente que o *Senegal* tinha sido descoberto *cinco annos antes.*

(*Navegações de Cadamosto, Relação* 1.ª)

ANNOS DE 1440 E 1441.

Nuno Tristão, e Antão Gonsalves, criados do Infante D. Henrique, hindo ao posto dos lobos marinhos, tomaram alguns barbaros.

Antão Gonsalves, que ainda era mancebo, foi alli armado cavalleiro, e por esta circumstancia se deu áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*, que parece ser o mesmo, que Ortelio em suas Taboas designa «*P. de Cavalli*» alterando o nome, como faz outras muitas vezes, ou por ignorancia do idioma portuguez, ou por se ter já perdido de vista o facto, que motivára a denominação.

Gonsalves voltou a Portugal, e Nuno Tristão, proseguindo, chegou a *Cabo branco*, que os nossos arrumavão a 20° septemtr., e lhe deu o nome.

de 1724, em lugar de *Quedec* escreve *Sonedech*» — Manuel Corrêa, nos Commentarios a Camões, escreve *Quedec*, e diz que é o nome que os Mouros dão ao rio na entrada do mar. E Barros I. 1. 13, diz que o verdadeiro nome do rio, *alli na sua fóz*, *é Ovedeck*, segundo a lingua dos negros que habitão o paiz; e que subindo por elle toma differentes nomes.

ANNO DE 1442.

Antão Gonsalves depois de armado cavalleiro no *posto dos Lobos marinhos* voltando a Portugal, como dissemos, trouxe alguns barbaros que alli captivára, dos quaes o Infante não cessava de tirar novas informações sobre as costas, terras, e gentes que por alli habitavão.

Como estes Mouros promettessem dar alguns *negros de Guiné*, em seu resgate, *cousa que o Infante muito desejava, pelo que o vulgo fabulava d'aquellas terras*, voltou Gonsalves com elles á Africa neste anno de 1442.

Os Mouros cumpriram a promessa, e derão em preço da sua liberdade *algum ouro, e dez negros de differentes terras.*

Este (dizem os nossos escriptores) foi o *primeiro ouro que veio d'aquellas partes*, assim como *os negros foram os primeiros escravos, que da Costa Occidental de Africa vieram a Portugal.*

ANNO DE 1443.

Nuno Tristão, a quem ha pouco deixámos no *Cabo branco*, proseguindo as suas explorações, descobriu a Ilha de *Adeger*, e a *das Garças* (no golfo de *Arguim*) á segun-

da das quaes deu o nome das muitas aves assim chamadas, que alli achou.

Depois voltou a Portugal, trazendo mais de quarenta *negros captivos*, *que muito se estimáram* (diz um antigo escriptor portuguez) *por sua estranha figura.*

ANNO DE 1443 OU 1444.

Diniz Fernandes (de quem fallâmos ao an. 1439) descobriu o *cabo*, que fórma o ponto mais occidental de Africa, denominado pelos antigos geografos gregos «*hesperion keras* (*occidental cornu*)» e arrumado pelos antigos navegadores portuguezes em *pouco mais de* **14°** *septemtr.* (hoje em **14° 48'**).

A este cabo derão o nome de *Cabo Verde*, pelo aspecto, que mostrava, todo coberto de verdura: e parece que era ornado, na sua maior elevação, da grande arvore *baobab*, a que alguns naturalistas chamão *colosso do reino vegetal*: a qual extendendo ao largo seus grandes ramos, desce com as folhas até á superficie da terra, e a cobre de verdura mui agradavel. O seu tronco cavernoso serve talvez de sala de assembléa a uma povoação inteira.

Os nossos escriptores varião sobre a época d'este descobrimento entre os annos de 1440 e 1446. Nós adoptamos os annos de 1443 ou 1444, porque Cadamosto diz que o cabo fôra descoberto por Portuguezes um anno antes da sua primeira viagem, e como esta foi em 1445, vem o descobrimento *do Cabo Verde* a cahir em algum dos ditos

dous annos, confórme o maior, ou menor rigôr, em que tomarmos as palavras de Cadamosto.

(*Cordeiro*, na Hist. Insulan. assigna o anno de 1443) Vej. o liv. 2. cap. 8. pag. 57. e liv. 6. cap. 1. pag. 241, aonde diz que as Ilhas de Cabo Verde forão descobertas *em* 1443, *e muito mais em* 1445.

ANNO DE 1444.

No anno de 1444 se organisou, e estabeleceu com a uthoridade, e aprazimento do Infante, a Companhia de Lagos, destinada a continuar os descobrimentos, e o commercio de Africa, debaixo da direcção do illustre Principe, e com certas condições, que elle lhe prescreveu.

Esta companhia aprestou logo algumas caravellas, em que sahirão ao mar Lançarote, Gil Eannes, Estevão Affonso, Rodrigo Alvarez, João Dias, Martim Vicente, João Vasquez &c. os quaes descobriram a Ilha de *Nar*, e de *Tider*, e outras.

(*Barros*: *Faria e Sousa*: *Vid. do Inf. D. Henr.* &c.)

AÇÔRES.

Parece que neste mesmo anno o Commendador Gonçalo Velho Cabral mandado pelo Infante continuar os des-

cobrimentos nos mares de Oeste, descobriu a segunda Ilha do archipelago dos Açôres, a que pôz o nome de *S. Miguel* pela ter tocado a 8 de Maio, dia da apparição do Santo Archanjo. E como obtivesse do Infante a capitania d'esta nova Ilha, assim como já tinha a de *Santa Maria*, passou no anno seguinte de 1445 a povoal-a, e cultival-a, como já tinha feito á primeira.

ANNO DE 1445.

Em 1445 a 22 de Março sahio de Portugal ao descobrimento de novas terras em Africa uma caravella do Infante D. Henrique, de que era Patrão Vicente Dias de Lagos, e nella, com licença e aprazimento do Infante, se embarcou o Veneziano Luiz de Cadamosto, que para isso se offerecêra.

Abordou á Ilha de *Porto Santo,* que diz ter sido descoberta *haveria vinte e sete annos.*

Passou á Ilha da *Madeira*, da qual diz que o Infante a fizera *povoar ha vinte e quatro annos para cá.*

D'ahi foi ás *Canarias*, e d'estas Ilhas passou ao *Cabo branco*, já descoberto pelos Portuguezes.

Entrou no golfo de Arguim, aonde diz elle que erão já conhecidas 4 Ilhas: a saber, a 1.ª chamada de *Arguim*, que deu nome ao golfo: a 2.ª que os Portuguezes tinhão denominado *Ilha Branca*, por ser toda arenosa: a 3.ª *das Garças*: e a 4.ª que elle diz ter sido denominada *dos Corações*, todas pequenas, arenosas, deshabitadas, e sem agoa doce, excepto a 1.ª

Continuando a navegar chegou ao *Senegal*, que, segundo elle diz, tinha sido descoberto *cinco annos antes* por trez caravellas do Infante, que entraram por elle acima.

D'ahi passou á terra de *Budomel*, tambem já conhecida dos Portuguezes, aonde esteve em terra muitos dias, tratando, e commerciando com os senhores do lugar, e com os negros que alli concorrião.

Estando para partir d'aqui, e navegar ávante, teve o encontro de duas caravellas, em que hião *Antonio de Nola*, grande navegador e gentil homem genovêz, e alguns Portuguezes criados do Infante: e acordando-se todos, resolveram hir em conserva adiantar os descobrimentos.

Chegaram ao *Cabo verde*, que Cadamosto diz haver sido descoberto pelos Portuguezes *um anno antes*, que elle fosse áquellas partes.

Correndo pela costa para o Sul, descobriram a bôca de um rio, a que derão o nome de *rio Barbacim* a 60 milhas do *Cabo verde*: e este foi o primeiro descobrimento novo, que fizerão as trez caravellas.

Passando ainda adiante avistaram outro rio; que lhes pareceu menor, que o *Senegal*; mas não sendo bem recebidos dos negros, navegaram mais ao Sul, e descobriram o paiz de *Gambia*, e o rio do mesmo nome, pelo qual enraram algum espaço. *Este era o paiz, que determinadamente buscávão por expressa ordem do Infante,* que d'elle tinha informações pelos negros que já havia em Portugal.

Os navegantes quizerão entrar mais acima pelo rio; mas como a gente do mar repugnasse a este intento, resolvêram voltar ao Reino.

(*Relação* 1.ª *de Cadamosto.*)

Neste mesmo anno um criado do Infante, por nome Gonçalo de Cintra, descobriu adiante do *rio do Ouro* a angra, que do seu nome se ficou chamando *Angra de Gonçalo de Cintra*, notada nas taboas de Ortelio com as palavras « *G. de Goncintra* » querendo dizer, segundo parece, « *golfo de Gonçalo de Cintra.* »

Este infeliz navegante, entrando por um esteiro na Ilha de *Arguim*, e ficando em sêcco á vasante da maré, foi accommettido pelos barbaros, e morto com alguns seus companheiros.

ANNO DE 1446.

Neste anno fez Luiz de Cadamosto a sua segunda viagem em uma caravella, acompanhado de outra em que hia Antonio de Nola, e de outra do Infante D. Henrique, tudo com licença, e aprazimento d'este Principe. Sahiram de Lagos no principio de Maio.

Na altura de *Cabo verde* descobriram quatro das Ilhas, que do mesmo cabo se denominão, e diz Cadamosto, *que outros, que depois alli forão, as reconheceram, e acharam serem dez, entre grandes, e pequenas, e todas deshabitadas.*

Das quatro que agora se descobriram, derão á primeira o nome *da Boa-vista* por ter sido a primeira que naquelles mares avistaram; a outra, (*que lhes pareceu a melhor das quatro*) chamaram de *Santiago.* As outras duas, a que Ca-

damosto aqui não dá nome, serião provavelmente a de *S. Filippe*, e de *S. Christovão*, que tambem se chamou *do Sal*. Parece que todas forão descobertas no dia 25 de Julho.

Deixadas estas Ilhas, vierão em demanda do *Cabo verde*. Tocaram o lugar *das duas palmas* (entre o *Senegal* e o *Cabo*), assim chamado das que alli collocou ou designou Diniz Fernandes, como marco para denotar o sitio em que os povos *Azenegues*, se apartão dos *negros idolatras*. Forão ao *Gambia*, e entraram por elle *mais de* 60 *milhas*, até o senhorio de *Battimanza*, aonde estiveram 11 dias, permutando as fazendas, que levavão, por *ouro*, *e escravos*.

De Gambia, navegando ao Sul, descobriram o rio que chamaram de *Casamanza*, do nome do senhor, que alli governava, o qual ficava 25 *leguas ou cem milhas*, *além do Gambia*. O seu nome, segundo Damião de Goes, era *Rha*.

D'aqui correndo sempre a costa no rumo do Sul, descobriram, a cousa de vinte milhas de distancia, um cabo a que derão o nome de *Cabo vermelho*, pela apparencia da côr da terra (ou *Cabo roxo*).

Pouco adiante chegaram a um rio, que denominaram de *Santa Anna*.

D'aqui navegando descobriram outro rio, a que derão o nome de *S. Domingos*, e por estimativa julgaram distar do *Cabo vermelho* obra de 55 a 60 milhas.

Continuando a navegar mais uma *jornada* pela costa, descobriram outro rio grandissimo, que tinha na bocca mais de 20 milhas de largura. Este se ficou chamando o *Rio Grande*. Defronte d'elle avistaram ao mar algumas Ilhas, que estarião a cousa de 30 milhas de distancia da terra.

D'esta paragem voltando ao reino fizeram caminho por

aquellas Ilhas, e observaram que duas d'ellas erão grandes, e habitadas de negros, e as outras duas mais pequenas; mas não se podendo entender com os habitantes, continuaram viagem para Portugal.

Vê-se pois, que nas duas viagens, em que foi Cadamosto, se descobriu a costa desde o *rio Barbacim*, 60 milhas ao Sul de *Cabo verde*, até o *Rio Grande*, e no mar as quatro Ilhas de *Cabo verde*, e as outras quatro, de que acabamos de fallar, e que são sem duvida as que formão o archipelago dos *Bissangos*.

Os nossos navegadores denotavão a embocadura do *Rio Grande* em 11° de lat. septemtr., e parece que o remontaram por espaço de algumas 90 leguas até chegarem a uma cataracta, que os não deixou hir ávante. Pelo tempo adiante se fundaram nas suas margens alguns estabelecimentos portuguezes.

(2.ª *Relação das navegações de Cadamosto — Cordeiro Hist. Insulan. &c.*

ANNOS DE 1446 E 1447.

No anno de 1446 achamos mencionada a expedição de trez navios, em que forão Antão Gonsalves, Diogo Affonso, e Gomes Perez, encarregados de propôr aos habitantes do *rio do Ouro* a sua conversão ao christianismo, e aliança de commercio com os Portuguezes.

Nesta occasião veio um d'aquelles habitantes, por sua propria vontade, a Portugal; e lá quiz ficar, tambem es-

pontaneamente, um Portuguez, por nome *João Fernandes*, que aprendeu a lingua do paiz, observou os costumes dos póvos, e veio depois informar de tudo o Infante D. Henrique, com inexplicavel gosto e satisfação d'este grande Principe.

Em 1447, entrando Nuno Tristão pelo *Rio Grande*, e sendo acommettido de grande numero de barbaros, foi morto no conflicto.

Alvaro Fernandes, que tinha descoberto o *Cabo dos mastos*, passou adiante do *Rio Grande*, e descobriu o rio de *Tabite*.

Já a navegação dos Portuguezes para aquellas partes era tão frequente, que por estes annos chegaram a achar-se lá reunidos, alguns 27 navios, sahidos de Portugal, e da Ilha da Madeira.

No mesmo anno em que Nuno Tristão foi morto no *Rio Grande*, ou no antecedente de 1446, descobriu elle o rio, que se ficou chamando *Rio de Nuno*, a poucas leguas do *Rio Grande* ao Sueste.

ANNO DE 1448.

Neste anno foi mandado Fernando Affonso como Embaixador a um Rei chamado *Farim*, na costa, ao Sul de *Cabo verde*, convidando-o a abraçar a religião christã, e assentar commercio com os Portuguezes.

Notão os antigos escriptores, que d'aqui vierão a Por-

tugal os primeiros *dentes d'elefante*, trazidos d'aquellas regiões.

Notão tambem, que Diogo Gil Homem, encarregado de estabelecer commercio com os Mouros, passando além do Cabo de *Gué*, trouxera a Lisboa o primeiro *leão*, que veio d'Africa.

ANNO DE 1449.

Soeiro Mendes foi neste anno de 1449 lançar os fundamentos ao castello de Arguim, de que ficou sendo capitão, ou governador. Foi o primeiro castello, que levantamos naquellas conquistas, para segurança do commercio e da navegação.

AÇÔRES.

A este anno se attribue com grande probabilidade o descobrimento da Ilha *Terceira*, que no anno seguinte de 1450 se dizia *ter sido descoberta pouco tempo antes*. O nome que se lhe deu ao principio foi o de *Ilha de Jesus-Christo*; mas pelo tempo adiante tomou, e hoje conserva, o de *Terceira*, que parece allusivo á ordem do descobrimento.

A capitania d'esta Ilha foi dada pelo Infante em 1450 a Jacomo de Bruges, cavalleiro Flamengo, que tendo vindo para Portugal, entrou no serviço do Infante, e cazou com uma dama da Infante D. Brites. Elle a povoou com

alguns cazaes que levou do Reino, e da Madeira, e assim começou a sua cultura.

A este Jacomo de Bruges, e a este mesmo anno de 1449, se attribue tambem o descobrimento da Ilha de *S. Jorge*, que se julga ser a quarta que se descobriu no archipelago dos *Açôres*, posto que alguns dão a preferencia do descobrimento á *Graciosa*.

A do *Corvo*, é fóra de duvida que estava descoberta em 1453; porque nesse anno a doou El-Rei D. Affonso V. ao Duque de Bragança por Carta de 20 de Janeiro, dada em Evora. E parece verosimil, que ao mesmo tempo se descobriu a das *Flóres*, situada a tão pequena distancia.

Das duas que restão, e pertencem a este archipelago, chamadas do *Fayal*, e do *Pico*, não temos noticia exacta de quando fossem descobertas; mas parece provavel que o serião dentro do periodo em que forão achadas todas as mais.

NOTA.

Neste proprio anno em que estamos, de 1449, succedeu a fatal catastrofe de *Alfarrobeira*, em que perdeu a vida o illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, irmão do nosso Infante D. Henrique. É natural que os desgostos, de que foi acompanhado, e seguido, este infausto sucesso, cauzassem alguma interrupção no progresso dos descobrimentos, maiormente attendendo-se á idade já adiantada do Infante, aos seus assiduos e incessantes trabalhos, e aos muitos e variados objectos que dividião, e demandavão a sua attenção; já para os estabelecimentos do commercio, já para a colonisação, povoação e cultura das Ilhas novamente descobertas, já para o seu bom governo, e administração, &c.

ANNO DE 1458.

Em 1458 conquistou El-Rei D. Affonso V. a praça de *Alcacer-ceguer*, na Mauritania Tingitana, levando a esta facção uma armada de mais de 200 baixeis de todos os portes.

Em consequencia d'esta conquista tomou logo o dictado de «*Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta, e de Alcacer em Africa.*» (*Dissert. Chron. e Crit.* tom. 2. pag. 207).

ANNO DE 1460.

Neste anno, a 13 de Novembro, falleceu o inclito, immortal Infante D. Henrique autor d'estes descobrimentos, na sua villa «*Villa nova do Infante*» por elle mesmo fundada no promontorio de *Sagres*, aonde fizera sua ordenaria habitação.

Alguns escriptores, e entre elles João de Barros, alargaram a vida d'este grande Principe até ao anno de 1463, mas com manifesta equivocação, como se poderia provar (se necessario fosse) por documentos authenticos. Bastará porém lembrar aqui sómente a doação, que El-Rei D. Affonso V. fez a seu irmão o Infante D. Fernando, de varias Ilhas;

que tinhão sido de D. Henrique, a qual doação o suppõe já fallecido, e é datada de 3 de Dezembro de 1460, como adiante notaremos.

Além dos grandes serviços, que o Infante D. Henrique fez á Corôa de Portugal, principalmente na expugnação de Ceuta, e nas guerras d'Africa, trabalhou incessantemente, e com admiravel preserverança, por mais de 40 annos contínuos, na grande e gloriosa empreza dos descobrimentos maritimos, deixando descoberta em seu tempo toda a costa occidental de Africa desde o cabo *Bojador* em 26° e 23', quazi até *Serra Leôa* em 8.° septemtr., e além d'isso as muitas Ilhas, que deixamos referidas, cuja povoação, cultura, e commercio fundou, e promoveu com grande intelligencia, e com incriveis despezas da sua fazenda.

Fundou tambem a Escóla mathematica, cosmografica e nautica de Sagres, aonde se fazião as *observações* astronomicas uteis e applicaveis á navegação; se projectavão *Cartas* hydrograficas; se fabricavão *instrumentos* proprios para observar o sol e os astros; se trabalhava em aperfeiçoar a construcção naval, &c.: e donde sahiram os habeis navegadores portuguezes, que neste e no seguinte seculo admiraram a Europa, e levaram o nome portuguez até ás mais remotas extremidades do mundo.

E' muito para sentir, que os nossos antigos nos não conservassem escripto algum, d'este grande Principe, nem os commentarios, que necessariamente havia de fazer, ácêrca do resultado de seus utilissimos trabalhos, e sabias fadigas.

O elegante chronista dominicano Fr. Luiz de Souza diz que vira em Valença de Aragão «*um livro dos descobrimentos do Infante D. Henrique que parecia ser obra sua*, mandado pelo Infante a um Rei de Napoles, d'onde pas-

sára ao poder do Duque de Calabria, ultimo descendente da linha masculina d'aquelles Principés, e Vice-Rei de Valença de Aragão. *Na portada* (continúa ainda o chronista) *se vião debuxadas umas pyramides, e a conhecida letra do Infante « talent de bien faire »* letra que este heroico Principe tão completamente desempenhou. Esta preciosa obra perdeu-se como muitas outras, que servirião para illustrar as épocas de nossos primeiros descobrimentos, firmar, e augmentar a gloria da Nação, e arguir o affectado e ingrato silencio dos estrangeiros.

Apezar d'isso não se poderá jámais negar, que todas *as vantagens procedidas do descobrimento de uma boa parte de Africa, e das Indias Oriental e Occidental, e todas as que d'ellas se derivarem até ao fim dos seculos*, bem como os progressos da Geografia, das Sciencias, e das Artes, e em fim o estado actual da civilisação Européa se deve em grande parte ao genio d'este Principe, e á sua infatigavel diligencia, e constancia.

PERIODO 2.º

DESDE O ANNO DE 1460 ATÉ AO DE 1495

COMPREHENDE O RESTO DO REINADO D'EL-REI D. AFFONSO V. DESDE O FALLECIMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE, E TODO O REINADO D'EL-REI D. JOÃO II.

REINADO DE EL-REI D. AFFONSO V.

ATÉ AO ANNO DE 1481.

ANNO DE 1460.

No anno de 1460, a 3 de Dezembro, estando El-Rei D. Affonso V. em Evora, fez doação a seu irmão o Infante D. Fernando, para elle, e para o seu filho maior barão, de varias Ilhas *para as possnir* (diz El-Rei) *do mesmo modo, como as de nós havia o Infante D. Henrique meu Tio, que Deos haja.*

Fazemos aqui lembrança d'este documento, para noticia das Ilhas, que nelle vem expressamente nomeadas, e são pela ordem do texto, as seguintes:

1 *Madeira.*
2 *Porto Santo.*
3 *Dezerta.*
4 *S. Luiz.*
5 *S. Diniz.*
6 *S. Jorge.*
7 *S. Thomaz.*
8 *Santa Eyréa.*
9 *Jesus-Christo.*
10 *Graciosa.*
11 *S. Miguel.*
12 *Santa Maria.*
13 *S. Jacobe.*
14 *S. Filippe.*
15 *De las Mayaes.*
16 *S Christovão.*
17 *Ilha Lana.*

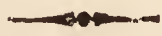
Aqui achamos as trez Ilhas primeiro descobertas, *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta.*

Aqui achamos *cinco* das do archipelago dos *Açôres* e *S. Jorge*, *Jesus-Christo*, *Graciosa*, *S. Miguel*, e *Santa Maria.*

Aqui achamos *quatro* das de *Cabo verde*, a saber: *S. Jacobe*, *S. Filippe*, *das Mayaes*, (de Maio) e *S. Christovão* (ou *do Sal*).

E achamos finalmente algumas outras, cuja situação não temos podido averiguar, como são: *S. Luiz* (que póde ser a do *Senegal*), *S. Diniz*, *S. Thomaz*, *Santa Eyréa*, e *Ilha Lana.*

(Veja-se o documento que citamos, no tom. 1. das *Prov. da Hist. Genealog. da Casa Real Portugueza.*)

ANNO DE 1460 OU 1461.

Depois da morte do Infante D. Henrique, despachou El-Rei D. Affonso V. a Pedro de Cintra, dando-lhe por re-

gimento correr a *costa dos negros*, e descobrir novas terras.

O primeiro descobrimento d'este navegador foi o *Rio de Bessegue*, 40 milhas do *Rio Grande* por costa.

D'ahi a mais 140 milhas descobriu o *Cabo*, que se chamou da *Verga*.

D'ahi a 80 milhas descobriu outro *cabo* muito alto, e coberto de arvores viçosas, a que deu o nome de *Cabo de Sagres de Guiné*.

Defronte d'este cabo ao mar descobriu *duas Ilhas*, deshabitadas, e sem nome.

Do mesmo cabo a 40 milhas descobriu o rio, que se chamou de *S. Vicente*: e mais adiante 5 milhas o rio que se denominou *Rio verde*.

A 24 milhas do *Rio verde* achou o cabo a que deu o nome de *Cabo ledo* por ser mui viçoso.

Por esta costa se extende em longura de mais de 50 milhas uma altissima montanha cheia de verde e copado arvoredo, a que se deu o nome de *Serra leôa*, pelo grande rugido, que continuamente fazem as trovoadas, de que está cercado o seu cume.

Defronte da extremidade meridional d'esta serra estavão trez ilhotas, que os navegantes denominaram *Selvagens*.

A 30 milhas adiante da ponta da montanha descobriram o *Rio vermelho* (ou roxo), a que derão este nome, por que a sua agoa, correndo por terreno *avermelhado*, mostrava a mesma côr.

Além d'este rio está um *Cabo*, que tambem denominaram *vermelho*; e defronte d'elle ao mar uma ilhota deshabitada que igualmente ficou com o nome de *Ilha vermelha*.

Passado o Cabo vermelho descobriram um rio grande, que chamaram de *Santa Maria das Neves*, pelo avistarem a 5 de Agosto.

Além d'este rio está uma ponta, e defronte d'ella a *Ilha* que chamaram *dos Bancos*, pelos muitos que alli faz a arêa.

Além d'esta Ilha descobriram um cabo grande que chamaram *Cabo de Santa Anna*, pelo avistarem a 30 de Julho.

Do *Cabo de Santa Anna* a 60 milhas, descobriram um rio, a que déram o nome *das Palmas*, por haver alli muitas.

Navegando ainda outras 60 milhas, acharam o *rio*, a que pozérão o nome *dos Fumos*, por verem muitos na costa quando alli passaram.

Mais adiante 24 milhas descobriram o *Cabo do Monte*, assim denominado porque o cabo entrando muito ao mar mostra um elevado monte.

D'ahi a 60 milhas achárão outro *cabo*, e outro *monte* mais pequeno, a que por isso chamarão *Cabo Mesurado.*

Navegando ainda mais 16 milhas notaram um bosque grande com arvores mui verdes que vinhão até ao mar, e lhe chamaram o *Bosque de Santa Maria.*

D'aqui voltou Pedro de Cintra ao Reino; trazendo da ultima terra um negro, conforme a ordem de El-Rei, que depois o mandou restituir ao seu paiz.

A *Relação* d'esta viagem foi escripta por *Cadamosto*, e della se vê:

1.º Que Pedro de Cintra, passando além dos ultimos descobrimentos, explorou mais de 629 milhas de costa para o Sul.

2.º Que a sua viagem foi executada logo depois da morte do Infante D. Henrique, e provavelmente no anno de 1461, ou quando mais tarde em 1462, porque Cadamosto, concluindo a narração diz «*E d'este ultimo lugar (que era o Bosque, ou Matta de Santa Maria) não tinha passado navio algum até á minha partida de Hespanha, que foi no primeiro dia do mez de Fevereiro de* 1463.

(Vej. *Navegação do Capitão Pedro de Cintra escripta por Cadamosto, impressa na collecção de noticias para a hist. e geograf. das nações ultramarinas* da Academia R. das Scienc. de Lisboa, tom. 2. n.º 1.

ANNO DE 1469.

Neste anno de 1469 mandou El-Rei arrendar o commercio da costa d'Africa a Fernam Gomes por cinco annos, e por 500 cruzados em cada anno, ficando reservado para a Corôa o marfim, e impondo-se ao arrendatario a obrigação de descobrir cada anno *cem leguas de costa.*

Fernam Gomes encarregou o descobrimento a João de Santarêm, e Pedro de Escobar, criados de El-Rei, os quaes partiram em dous navios, levando um d'elles por piloto Martim Fernandes de Lisboa, e o outro Alvaro Esteves de Lagos, *um dos homens mais entendidos e accreditados em sua arte por aquelles tempos.*

Estes navegantes descobriram o resgate do ouro, a que chamaram a *Mina*, e dizem alguns escriptores, que chegaram ao *Cabo de Santa Catharina*, que os nossos antigos pu-

nhão a 2° de lat. austr. Outros porém dizem que o cabo fôra descoberto por um *N. Sequeira*, um pouco mais tarde em 1471.

Fernam Gomes, por conta do qual se fazião estes descobrimentos, teve depois o appellido *da Mina*, e por armas *um escudo em campo de prata, com trez meios corpos de Ethiopes, ornados de collares de ouro ao pescoço, e arrecadas nas orelhas e narizes.* Estimavão então os Portuguezes este genero de premios, com que os Principes honravão e perpetuavão o seu nome, e a memoria de seus serviços, e por isso erão tão frequentes entre elles as acções generosas, grandes, e uteis.

ANNOS DE 1469 E 1471.

Parece, que a algum d'estes annos, com pouca differença, se deve referir o descobrimento do *Cabo*, que do nome do seu descobridor se chamou *de Lopo Gonsalves*, o qual fica ao norte do de *Santa Catharina*, a pouco menos de 1.° austr., á boca do rio *Gabam*.

Tambem alguns põem no anno de 1469, e outros em 1471 o descobrimento da Ilha, que se chamou *Formosa*, no golfo de Guiné, e que depois tomou o nome de *Ilha de Fernando Pó*, que foi o seu descobridor.

Finalmente as outras Ilhas do *Corisco*, *Anno bom*, *S. Thomé*, e *Principe*, parece natural terem sido descobertas pelos mesmos tempos, visto serem situadas naquelles mares, tão frequentados então dos navegantes portuguezes. È certo porém, que todas forão achadas em tempo de D. Affonso V.

N. B. As duas Ilhas de *Fernando Pó*, e *Anno bom* forão cedidas a Castella pelo Art. 13 da Convenção ou Tractado de 11 de Março de 1778, e parece que o Gabinete de Madrid tinha em vista, por este meio, livrar-se da dependencia dos estrangeiros, que, por os Castelhanos não terem possessão alguma na costa d'Africa, erão os que fornecião de negros as colonias hespanholas da America.

ANNO DE 1471.

Neste anno conquistou El-Rei D. Affonso V. *Arzilla e Tangere* na Mauritania, levando a esta expedição mais de 300 vazos de todos os portes, e cousa de 30:000 homens de guerra, e marinhagem.

Depois d'estas conquistas alterou El-Rei o seu dictado, e se intitulou « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa* » (*).

Este Principe entretido nas conquistas da Mauritania, e embaraçado depois com a mal fadada guerra de Castella, e com os outros pouco felizes successos que d'ella se origina-

(*) *V. as Dissert. Chronol. e Criticas* do Sr. João Pedro Ribeiro, aonde tracta *dos Titulos ou dictados dos Soberanos de Portugal*, tom. 2. pag. 207, e Ruy de Pina, ahi citado, *Chronica de El-Rei D. Affonso V.* cap. 167.

ram, não adiantou mais os descobrimentos. Os nossos escriptores dizem uniformemente que no seu tempo se não passou do *Cabo de aSnta Catharina.*

El-Rei falleceu em 1481, e em seu lugar subio ao throno seu filho, D. João II., cujo reinado se póde reputar como uma das épocas mais gloriosas dos nossos descobrimentos, e sem duvida a mais gloriosa d'este *Periodo,*

REINADO DE EL-REI D. JOÃO II.

DESDE 1481 ATE' OUTUBRO DE 1495

ANNOS DE 1481 E 1482.

El-Rei D. João II. (denominado com razão pelos Portuguezes o *Principe Perfeito*) concebeu toda a extensão, e grandeza das idéas e projectos de seu Tio, o immortal Infante D. Henrique, e conheceu a fundo as grandes vantagens, que Portugal, e o mundo inteiro havia de tirar da sua execução. Assim, foi este um dos principaes cuidados e empenhos do seu saudozo, posto que infelizmente pouco dilatado, governo.

Logo no anno de 1481, em que subio ao throno,

mandou á costa d'Africa Diogo de Azambuja, commendador do Castello de Vide na Ordem de Aviz: o qual sahindo de Portugal em 12 de Dezembro com 10 caravellas e 2 urcas, aportou em *Guiné* a 19 de Janeiro do anno seguinte de 1482.

Sahio em terra a 20, e começou logo a levantar o Castello, que El-Rei quiz se denominasse de *S. Jorge da Mina*, cujos materiaes hião apparelhados de Portugal.

Em roda d'este Castello se ajuntou logo uma povoação notavel, a que El-Rei deu o nome, e foro de *cidade*, por Carta de 15 de Março de 1486.

Azambuja assentou paz e commercio com *Casamanza*, Rei d'aquella costa, e tentou (posto que sem effeito) persuadi-lo a abraçar o christianismo.

(*Garcia de Resend. Chron. de El-Rei D. João II.*)

ANNO DE 1485.

Neste anno despachou El-Rei a Diogo Cam aos descobrimentos da costa d'Africa, aonde já tinha hido outra vez de seu mandado, no anno anterior de 1484, ou pouco antes.

O illustre navegador chegou na primeira viagem aos 13° lat. aust., descobriu o grande rio *Zaire*, e o reino de *Congo*, e collocou nessa paragem um dos padrões que para isso levava preparados.

Na segunda viagem adiantou até os 22° austr. e collocou segundo padrão não longe do *Cabo Negro.*

Os padrões erão delineados por El-Rei. Constava cada um de uma columna de pedra com 14 ou 15 palmos de altura, e em cima d'ella uma cruz: tinha esculpidas as armas de Portugal, e dous letreiros, um em lingua portugueza, e outro em latim, nos quaes se declarava o nome de El-Rei, a data do descobrimento, e o Capitão que o fizera, e alli collocara aquelle padrão.

Diogo Cam e os Portuguezes que o acompanhavão, e com elle sahiram em terra no *Congo*, houverão-se de tal modo com o Rei que governava aquellas terras, que elle não só ficou inclinado a favorecer a religião christã, mas tambem quiz que logo viessem a Portugal alguns dos seus para se instruirem, e doutrinarem na lingua, nos costumes, e nas artes dos Portuguezes; e pedia a El-Rei, que lhe mandasse ministros da religião, officiaes de algumas artes mecanicas, lavradores que lá ensinassem a amansar os bois, e a cultivar, e aproveitar as terras, mulheres que ensinassem a arte de amassar, e fabricar o pão, &c.

Os moços Conguezes, que o Rei mandou, chegaram a Portugal, e estiverão a aprender as primeiras letras na Casa de Santo Eloy até Dezembro de 1490, em que voltaram ao *Congo*, hindo juntamente alguns religiosos, varios officiaes para a construcção de uma igreja, e para os exercicios de algumas artes, muitos ornamentos, e vasos sagrados, livros, &c.

Esta missão chegou ao Congo a 29 de Março de 1491. O Rei, a Rainha, e muitos dos grandes, e povo recebêram o baptismo. Lançaram-se os fundamentos á igreja a 6 de Maio de 1491. Um dos negros que tinha vindo a Portugal começou logo a ensinar a lêr, e escrever, &c. Finalmente a armada Portugueza voltou ao reino em 1492, fi-

cando lá muitos Portuguezes, uns para o tracto do commercio, e para a defensão da fortaleza, que se levantára no paiz; e outros destinados particularmente por El-Rei para descobrirem o interior das terras; passarem, se possivel fosse, até ao *Preste João* (de que aqui parecia terem-se achado novos indicios); indagarem os caminhos d'aquelle imperio, &c.

Por estes tempos, ou pouco depois, accrescentou El-Rei ao seu dictado o de «*Senhor de Guiné*» intitulando-se «*Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné.*

(Veja-se a respeito d'este *Titulo*, ou *Dictado*, o que diz o Sr. João Pedro Ribeiro, nas *Dissert. Chronol. e Criticas*, tom. 2.º pag. 207.)

ANNO DE 1486.

No anno de 1486 descobríu João Affonso de Aveiro o reino, e terras de *Benin*, subindo pelo rio *Formoso*. D'ahi veio a primeira *pimenta de Guiné*, que sendo levada pelos Portuguezes a Flandres, foi muito bem acolhida, e estimada no commercio.

Os governadores, e habitantes de *Azamor* na Mauritania, se mandaram submetter á obediencia de El-Rei de Portugal, obrigando-se a um tributo annual.

ANNO DE 1486.

Neste mesmo anno de 1486 sahiu do Téjo a fausta, e feliz expedição mandada ao descobrimento do grande *cabo*, que termina a Africa ao Sul, arrumado por alguns dos nossos antigos em 35°, e por outros em 34° e 30' lat. austr. Da qual expedição diz um moderno geografo estrangeiro, que foi « *a mais delicada, e a mais difficil que se tem tentado nos tempos modernos.* »

Encarregou o grande Rei D. João II. esta tão importante, como arriscada empreza a Bartholomeu Dias, e Lopo Infante (que alguns chamão João Infante) cada um em seu navio.

Corrêram os illustres e ousados navegadores a costa occidental desde o *Cabo Negro*, aonde tinha chegado Diogo Cam, (como ha pouco dissemos) para o Sul.

Aos 24° assentaram o padrão *Santiago* no lugar chamado *Serra Parda.*

A 29° descobriram a *Angra das Voltas*, assim denominada das muitas voltas que os navegantes andaram dando nessa paragem por espaço de cinco dias.

Apartados d'este lugar navegaram ao Sul treze dias: e como começassem a sentir grandes frios, e tivessem já corrido por tanto tempo n'aquelle rumo, mandou Bartholomeu Dias demandar a terra pelo rumo de Leste, cuidando que a costa ainda alli correria Norte-Sul.

Passados dias, e não se encontrando terra, mandou velejar ao Norte, e nesta direcção foi ter á *Angra dos Vaqueiros*, a que deu este nome pelos que ahi viram pastoreando seus gados. Já os navegantes estavão *além do grande cabo*, que hião buscando, e que muito por largo tinhão rodeado sem o avistarem.

Correndo ainda ávante pela costa na mesma direcção, chegaram a um ilhéo, que denominaram *da Cruz*, pelo padrão que nelle collocaram, a 33° e 45′ austr.

Bartholomeu Dias mandou ainda navegar ávante, obra de 25 leguas, e chegaram com effeito ao *Rio do Infante*, a que derão este nome do appelido de um dos navegadores. Os nossos antigos marinheiros arrumavão este rio em 32° e 20′ austr.

Nesta paragem foi Bartholomeu Dias obrigado (com grande magoa sua) a retroceder, por a isso o forçarem os clamores da gente dos navios.

Retrocedeu com effeito, avistou o grande Cabo, a que chamou *das Tormentas*, pelas que nelle experimentára, e ahi collocou o padrão *S. Filippe*.

Entrou finalmente em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido.

Dando conta da sua viagem a El-Rei, este grande Principe, com admiravel penetração de espirito, quasi presagiando o futuro, quiz que o *Cabo* se chamasse da *Bôa Esperança*, nome que conserva até ao dia de hoje; e que será em todas as idades, para o Monarca Portuguez, e para toda a Nação, um titulo incontestavel de gloria, superior ao despeito, ao baixo ciume, e á inveja dos estrangeiros.

ANNO DE 1487.

Quando El-Rei D. João II. mandava por mar descobrir o *Cabo da Bóa Esperança*, despachava tambem por terra, e por differentes vias, varios descobridores, que tentassem chegar á India, penetrar até os estados do *Preste João*, indagar a possibilidade de navegar para aquellas partes, examinar os caminhos por onde vinhão as especiarias, e drogas orientaes, informar-se de alguma passagem pelo interior da Africa para a costa oriental, &c.

Entre estes viajantes descobridores são dignos de especial memoria os dous, João Peres da Covilhã, e Affonso de Paiva.

Pelo mesmo tempo, e annos seguintes entretinha El-Rei correspondencia com alguns Principes e Senhores de Africa, e mandava estabelecer feitoria Portugueza em *Huadem*.

Entre os descobridores, que foram ao interior, e viram *reinos e gentes até então desconhecidas*, ficaram em lembrança da Historia os nomes de Pedro de Evora, e Gonçalo Annes, mandados a *Tucurol*, e *Tombucutum*; Rodrigo Rebello, Pedro Reynel, e João Collaço a *Mandimanza*, a *Tamala dos Fulos*, ao *Rei de Songo*, e *dos Moses*, *&c.*

Em uma Nota particular ajuntaremos as noticias que se conservão nos escriptores, ácêrca d'estas viagens.

ANNOS DE 1487 E 1488.

No mesmo anno de 1487, estando alguns Portuguezes na fóz do *Sanagá* (Senegal) por elles mandou *Bemohi*, Rei negro de Gelofo, embaixada a El-Rei, com um rico presente, de que fazião parte *cem escravos negros.*

No anno seguinte de 1488 veio o mesmo Principe em pessoa a Portugal, implorar o auxilio de El-Rei D. João II, contra alguns seus vassallos rebeldes. Em Lisboa recebeu o baptismo, elle e outros senhores, que o acompanhavão; e quando quiz voltar a Africa, mandou El-Rei uma frota, que o escoltasse, auxiliasse, e restituisse aos seus estados, e nella ecclesiasticos, que ensinassem e prégassem o evangelho, e a doutrina christã; obreiros, que edificassem um templo, &c. E ordenou ao mesmo tempo, que na fóz do *Sanagá* se levantasse uma fortaleza, por ser informado, que este rio passava por *Tambucutum* e *Mombarce* que erão as maiores feiras do interior, de que toda a Berberia de levante e poente se provia, e abastecia.

Como El-Rei tinha em diversas partes do *levante* pessoas encarregadas de o informarem, e avisarem de tudo quanto podesse ser conducente á execução das suas vastas idéas, o S. P. Innocencio VIII. lhe enviou por estes annos um Sacerdote Ethiope, recem-chegado da Ethiopia, e residente no Collegio de Santo Estevão dos Indianos em Roma, para dar informação a El-Rei das cousas do Preste João, de que tanto desejava noticias. Este Sacerdote se chamava *Lucas Marcos*, e tinha vindo a Roma de mandado do Im-

perador da Ethiopia sobre o Egyto, isto é, do proprio Principe a quem se applicava o nome de *Preste João*. El-Rei o recebeu e acolheu com grande prazer, e depois de haver d'elle muitas importantes noticias, o despedio contente, e lhe deu cartas suas para o Imperador.

ANNO DE 1490.

Em 1490 chegou João Peres da Covilhã (v. anno de 1487) á Côrte da Abyssinia, sendo Imperador *Escander* (Alexandre) a quem entregou as cartas de El-Rei de Portugal.

El-Rei, logo que teve noticias certas d'aquellas partes, começou a preparar uma armada para hir ao descobrimento da India; ordenou o Regimento por que ella havia de governar-se; e designou para Capitão-mór da expedição o grande Vasco da Gama, como refere o seu chronista Garcia de Rezende. A morte prevenio este Principe no meio de seus gloriosos trabalhos, e o descobrimento ficou reservado para o seu succesor.

No mesmo anno forão expugnadas na Mauritania as villas de *Targa*, e *Caiice*.

ANNO DE 1491.

A este anno, e aos nove seguintes, até o de 1500, se devem referir as grandes viagens do Dr. Martim Lopes, Jurisconsulto, Filosofo, e Medico, pelas terras do Norte da Europa, até aos confins d'esta parte do mundo, aonde confronta com a Asia. D'estas viagens dá elle mesmo succinta noticia a El-Rei D. Manuel em carta que lhe escreveu de Roma no 1.º de Fevereiro de 1500, e de que existe original no Archivo da Torre do Tombo, Corp. Chronol. P. 1. maço 3.º Docum. 5.º

ANNO DE 1493.

Neste anno aportou a Lisboa Christovão Colombo, já de volta do seu primeiro descobrimento, a que fôra debaixo dos auspicios dos Reis Catholicos.

Foi opinião mui corrente ente os nossos antigos, e referida por muitos eccriptores ncionaes e estrangeiros, que o primeiro descobrimento do *Novo Mundo* fôra feito por um piloto Portuguez, arrojad pelo temporal até ás terras occidentaes, o qual commuicára a Colombo as suas cartas, notas, e derrota.

Pareceu-nos pois que esta meioria se devia aqui con-

servar tal como a recebemos dos antigos, sem comtudo ser nosso animo roubar ao navegador Genovêz a sua gloria, ou diminuir um só ponto da honrosa fama, e nome illustre, que tão justamente adquirio, e a Historia lhe conserva.

No mesmo anno de 1493 mandou El-Rei povoar a Ilha de *S. Thomé*, dando a capitania d'ella de juro e herdade a Alvaro de Caminha, cavalleiro da sua Casa.

ANNO DE 1494.

A 7 de Junho d'este anno se assignou o celebre *Tractado de Tordesilhas* entre El-Rei de Portugal, e os Reis Catholicos, pelo qual se ajustou, que contando 370 leguas desde as Ilhas de *Cabo verde* para occidente, e tirando por esse ponto uma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da terra, e dividisse o globo em dois hemisferios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos.

ANNO DE 1495.

A 25 de Outubro d'este anno de 1495 falleceu El-Rei

D. João II. com o que terminâmos o 2.º Periodo do Indice dos nossos descobrimentos.

Não é aqui lugar proprio para fazer o elogio d'este Soberano, a quem os portuguezes, mui avisadamente, denominaram «o *Grande*» e deram a qualificação de «*Principe Perfeito.*» Lembraremos tão sómente pelo que toca ao nosso assumpto:

Que em seu tempo se descobriu toda a cósta occidental de África desde o *Cabo de Santa Catharina* para o Sul; se dobrou o grande *Cabo da Bôa Esperança*, e se passou ainda além d'elle até ao rio do Infante.

Que no seu reinado se fundou o castello e cidade de *S. Jorge da Mina*, e se lançaram os primeiros fundamentos aos estabelecimentos do *Congo*, plantando-se alli a Religião Catholica, que depois foi em tanto crescimento, e introduzindo-se n'aquelles barbaros paizes as artes, os officios, e uma parte da civilisação européa.

Que este grande Rei não poupou diligencias algumas, nem despezas, para obter por meio de viagens terrestres o conhecimento dos paizes orientaes, e das terras do interior da Africa, deixando por este modo ao seu successor as informações, e planos que tão uteis lhe foram para o progresso de nossas emprezas.

Que no tempo d'este Principe, por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dous Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebreu, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim conseguiram melhorar o instrumento nautico, de que usão os navegantes para tomar a altura do sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e poderam os navios desviar-se das costas, que até então seguião com grandes delongas, e inconvenientes.

Que elle mesmo, com a grande intelligencia que tinha *em todos os officios, e em particular nas artilherias* (como se explica Rezende) achou e inventou o modo de trazer *mui grossas bombardas em pequenas caravellas, cousa até então desconhecida*, conseguindo com isto defender as costas, e a navegação dos seus navios com menos despeza, e mais segurança.

Que foi elle o primeiro que poz no mar uma Náo de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, *e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar* (Rezende).

Tambem não parecerá improprio d'este lugar referir, como este illustre Principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manuel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subio, tomasse por deviza a *Esfera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia e penetração de El-Rei, das suas vastas idéas, e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Este Principe, diz um geografo estrangeiro moderno, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região profunda em ouro, marfim, e outras ricas producções; e legou á sua Nação uma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois d'elle se praticaram na conquista maritima das Indias Orientaes.

Finalmente ao tempo do seu fallecimento deixou quasi prompta a armada que havia de hir ao descobrimento da India (como já dissemos) e muitas importantes memorias para ulterior execução de seus vastos projectos.

PERIODO 3.º

DESDE O ANNO DE 1495 ATÉ AO DE 1578.

COMPREHENDE OS REINADOS D'EL-REI D. MANUEL — DE EL-REI D. JOÃO III. — E DE EL-REI D. SEBASTIÃO.

REINADO DE EL-REI D. MANUEL.

1495 — 1521.

ANNO DE 1497.

El-Rei D. Manuel, achando quasi prompta a armada, que seu antecessor apparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedil-a, tendo em pouco os obstaculos, que a ignorancia, e o timido receio lhe quizerão ainda oppôr.

Constava a armada de trez Náos, a saber:

1.ª A Náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, Capitão mór da expedição. Piloto, Pedro de

Alemquer, o mesmo que tinha hido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Bôa Esperança.

2.ª A Náo *S. Rafael*: Capitão, Paulo da Gama irmão de Vasco da Gama. Piloto, João de Coimbra.

3.ª A Náo *Berrio*: Capitão, Nicoláo Coelho. Piloto, Pedro de Escobar.

Hia mais uma barca com mantimentos: Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavão não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomêão Fernam Martins e Martim Affonso, linguas, e tambem pilotos.

Esta pouco numerosa, mas ousada e feliz companha sahio do Tejo em um sabbado 8 de Julho de 1497.

Ao quinto mez de sua navegação, a 4 de Novembro, tambem dia de sabbado, descobriram uma bahia, que denominaram *Angra de Santa Helena*, situada ainda na costa occidental, pouco antes de se chegar ao resto do cabo. Aqui se demoraram doze dias, e na quinta feira 16 de Novembro continuaram viagem.

A 22 de Novembro dobraram o *Cabo da Bôa Esperança*.

A 25, dia de Santa Catharina, chegaram ao lugar, a que se deu o nome de *Aguada de S. Braz*, d'onde partiram a 8 de Dezembro.

A 25 de Dezembro avistaram a terra, a que se deu o nome de *terra de Natal*, com respeito á festividade do nascimento de Jesus-Christo. As antigas cartas portuguezas punhão o principio d'esta *terra de Natal* em 32° e meio austr.

A 10 de Janeiro de 1498 descobriram o *Rio dos Reis*, a que derão este nome, por ser então o oitavario da festa

da Epiphania. Este rio se chamou tambem *Rio do Cobre*, e á terra se deu o nome de *terra da bôa gente*. Os antigos a denotavão a 25°. O Gama deixou neste lugar dous degradados dos que levava para exploradores das terras barbaras, e continuou viagem a 15 de Janeiro.

A pouca distancia do *Rio dos Reis* denotaram a *Agoada da bôa paz* em 24° e meio austr.

A 25 de Janeiro descobriram um rio grande, que denominaram *dos bons signaes*, pelos bons auspicios que o Gama tirou de algumas circumstancias favoraveis á sua empreza. Aqui se deu pendôr aos navios, e se collocou o padrão *S. Rafael*, e teve o Gama o desgosto de lhe morrer alguma gente por effeito de uma terrivel, e ascorosa doença. Passados 32 dias, e deixando em terra outros dous degradados, continuaram a navegar a 24 de Fevereiro.

No 1.° de Março descobriram 4 Ilhas, e tomaram terra na de *Moçambique*, aonde collocaram o padrão *S. Jorge*. Levantaram ferro a 13 de Março, terça feira.

No 1.° de Abril, hindo em demanda de *Quilôa*, a não poderam tomar, pelo que navegando ávante, chegaram a *Mombaça* a 7 de Abril, vespera de Ramos, lançaram ferro á sua entrada. D'aqui sahiram a 13.

No dia 15 de Abril, que foi nesse anno *dia de Pascoa*, fundearam em *Melinde*, aonde assentaram o padrão *Santo Espirito*. Está esta cidade em 3° austr.

De *Melinde*, tomando piloto da terra, navegaram a 24 de Abril no rumo de Nordeste, atravessando aquelle grande golfo.

A 20 de Maio de 1498 surgiram a duas leguas da cidade de *Calecut*, termo de sua navegação, e logo depois passaram ao proprio surgidouro da cidade, aonde collocaram o padrão *S. Gabriel*.

A 29 de Maio se avistou o grande Gama com o *Çamori*, entregou as cartas de El-Rei, e deu a sua embaixada.

A' volta de *Calecut* descobriram ainda a Ilha de *Anchediva*, e os ilhéos de *Santa Maria*, assim denominados do padrão que ahi se collocou.

A 5 de Outubro de 1498 sahiram de Anchediva para Melinde; mas experimentando grandes calmarias, sómente chegaram a *Magadaxo* a 2 de Fevereiro, e a 7 surgiram em Melinde, anno de 1499.

A 20 de Março de 1499 debraram o *Cabo da Bôa Esperança.*

A 29 de Julho (alguns dizem *de Agosto*) entrou Vasco da Gama no Téjo, aonde já o esperava Nicoláo Coelho, que tinha chegado a 10 de Julho. Paulo da Gama ficou sepultado na Ilha *Terceira.*

Foi o tempo da viagem e ausencia d'esta companhia de heroes dous annos e vinte e um dias; e sómente chegaram vivos 55 homens.

O grandioso templo e mosteiro de *Belem*, erigido por El-Rei D. Manuel em acção de graças ao Céo pela felicidade do descobrimento da India, é um monumento immortal da piedade do Monarca, e da gloria da Nação Portugueza. Foi levantado no proprio lugar, em que o inclito Infante D. Henrique havia fundado uma ermida para d'ahi se administrarem os sacramentos aos mareantes, e um hospital para o tratamento dos enfermos. Ainda hoje se vê a estatua do illustre Infante sobre a porta principal, e as de El-Rei D. Manuel e da Rainha D. Maria em lugares mais secundarios,

El-Rei, logo que o Gama entrou em Lisboa, accrescentou o seu Dictado, e denominou-se « *Rei de Portugal e*

dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, &c.» Titulo tão honroso (diz Dam. Goes) *quanto o é a mesma conquista!* Com elle se acham lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499. E nesse mesmo anno mandou El-Rei lavrar os Portuguezes de ouro com a legenda:

Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae.

E ao redor das armas:

Conquista, Navegaçam, Commercio, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae.

ANNO DE 1500.

Pedro Alvares Cabral, mandado á India com uma grande armada de 13 Náos, sahiu de Lisboa a 9 de Março d'este anno: e engolfando-se muito com o fim (ao que parece) de se desviar da costa de Africa, e evitar as calmarias de Guiné, foi arrojado a uma costa desconhecida ao Sudoeste, a qual avistou a 22 de Abril, quarta feira da oitava da Pascoa, e nesse dia surgio a cousa de 6 leguas da terra. Ahi deu o nome de *monte pascoal* a um alto monte que se avistava, e á terra chamou a terra da *Vera-Cruz.*

A 23 navegou para a terra, e lançou ancora em frente de um pequeno rio, que Nicoláo Coelho foi examinar, achando gente mansa e tratavel.

A 24 correram a costa para o Norte em busca de alguma bôa abrigada, e achando lugar seguro para as Náos, ahi lançaram ancora. Este é o que depois se chamou *Porto Seguro*, arrumado pelos nossos navegadores em 16° e 30' austr., ou em 16° e 40'.

A 26 de Abril, domingo, oitava da Pascoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que elle assistio com a gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizeram grandes festas, e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia uma grande Cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveu de agoa e lenha, despachou Cabral um dos seus navios, Capitão Gaspar de Lemos, para vir trazer a El-Rei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dous homens, que no Reino tinhão sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguio viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Bôa Esperança soffreu a armada subita e horrivel tempestade, perdendo-se logo quatro Náos, uma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobríra, e dobrára o mesmo cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

« *Aqui espero tomar, se não me engano,*
« *De quem me descobriu summa vingança.* »

Na costa oriental de Africa, esteve a armada em *Moçambique*, *Quilôa*, e *Melinde*; e na costa da Arabia e Persia observou *Magadaxo*, *Socotorá*, *Julfar*, *Ormuz*, *&c.* Chegado á India sahio em Anchediva, passou a *Calecut*, entrou em *Cochim* e *Cananor*, e voltando a Portugal em 1501 trouxe Embaixadores d'estes dous ultimos Reinos.

A' volta lançou em Melinde doüs portuguezes, que trabalhassem por penetrar até á Abyssinia, e encarregou a Sancho de Toar de reconhecer *Çofala*, e informar-se do resgate do ouro, que alli se fazia.

Em *Besenegue*, junto a *Cabo verde* encontrou a expedição de trez navios, em que Americo Vespucio fazia a sua primeira viagem á *terra de Santa Cruz* por ordem de El-Rei D. Manuel.

A Relação d'esta viagem de *Cabral*, escripta por um piloto Portuguez, que nella hia, foi traduzida em latim por *Archangelo Madrignano*, e inserida no *Novus orbis regionum ac insularum*, *de Grineo*, tendo já sido vertida em italiano, e mettida na collecção de *Ramusio* com o titulo « *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por um piloto Portuguez.* »

(Veja-se esta Relação *na Collecção de Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa tom. 2. num. 3., e a carta de Pedro Vaz Caminha a El-Rei D. Manuel* na mesma Collecção tom. 4. num. 3.)

ANNO DE 1500.

Neste mesmo anno de 1500, Gaspar Côrte Real, nobre Portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septemtrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctivo.

Sahiu do Téjo, na primavera, com dous navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude Norte. Descobriu e correu toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *terra de Côrte Real*, e acima d'ella a costa, que corre até ao *Rio das Malvas*: descobriu tambem a que chamou *terra*, ou *Ilha dos Bacalháos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominaram *Côrtes Reaes*, e mui provavelmente á pequena Ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou *de Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caraméllo* (*neve congelada*).

O illustre navegante, voltando ao Reino, repetiu a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia d'elle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côrte Real em busca d'elle, mas aconteceu-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou El-Rei D. Manuel duas Náos em busca de ambos, as quaes voltaram sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dous, por nome Vasco Eannes Côrte Real, do Conselho de El-Rei, Alcaide-mór de Tavira, e Governador das Ilhas de S. Jorge e Terceira; mas El-Rei não consentiu que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova*, ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da Casa, e por ella a seu marido D. Christovão dè Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descentes, senhor da *Terra Nova*.

As cartas geograficas modernas, não tem querido conservar a memoria do illustre Portuguez no nome de *Côrte*

Real, dado ás terras por elle descobertas: mas Pinkerton, no seu *Comp. de geograf. modern.*, edição de 1811, não só diz, *que no anno de 1500, Côrte Real, Capitão Portuguez, buscou uma passagem ao Norte, e descobriu o Labrador*; mas accrescenta em outro lugar, que «*a vasta extensão das costas, comprehendidas entre os 57 e 77° de longit. Oeste de Pariz, e entre os 52 e 62° de lat. septemtr., foi chamada terra do Labrador por Côrte Real, navegador Portuguez, que a descobriu em 1500.* « E Malte Brun, *Hist. de la Geograf.* liv. 32, não duvida dizer, *que a idéa de um estreito ao Norte da America, parece ter tido origem nas Relações, ainda mal conhecidas, de Gaspar Côrte Real, navegador Portuguez.*

ANNO DE 1501.

Neste anno, João da Nova, mandado á India por Capitão de quatro Náos, e partindo de Lisboa a 5 de Março, descobriu a Ilha da Ascensão a 20° e ½ austr., e a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e a outra que se ficou chamando *Ilha de João da Nova* ao oriente da Africa. — Barros. 1. 5 10. edição de 1628, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o Sul, achára uma Ilha a que pozerão nome de *Concepção*.

Voltando a Portugal, já no anno seguinte de 1502, descobriu a *Ilha de Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16⅔ de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Negro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun.

Os Portuguezes nunca povoaram esta Ilha; mas um Portuguez, por nome Fernam Lopes, que por especial graça obteve viver alli em desterro, a povoou de varios animaes domesticos, como porcos, cabras, coelhos, perdizes, &c., e fez algumas plantações. A' cerca d'este Fernam Lopes, e suas circumstancias, póde vêr-se *Castanheda*, na *Hist. da India*, liv. 3 cap. 69. e cap. 94.

ANNO DE 1501.

Neste mesmo anno de 1501 foi a primeira viagem, que Americo Vespucio, florentino, fez por mandado de El-Rei de Portugal.

Sahiu de Lisbôa a 10 de Maio; correu a costa de Africa até Cabo verde, e passando d'ahi a reconhecer as costas da *Terra de Santa Cruz*, que era o seu particular destino, navegou por ellas até ao *Rio da Prata*, chegando ainda á terra, que depois se chamou *dos Patagões*, d'onde voltou a Lisbôa em Setembro de 1502.

(Veja-se a 1.ª *Carta de Americo Vespucio, na Collecção de Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa*, tom. 2. num. 4.)

ANNO DE 1502.

O grande D. Vasco da Gama voltou segunda vez á India com uma armada constante de 20 Náos em trez divisões, parte das quaes havião de lá ficar em guarda dos mares.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa fez tributario o Rei de Quilôa, primeiro principe d'aquellas regiões, que págou páreas a El-Rei de Portugal.

Na India assentou tractos de commercio com os Reis de *Cochim, e Cananor,* aonde já havia feitorias portuguezas: e em Cochim recebeu embaixada dos christãos de *Mangalor*, e de muitos outros lugares, que espontaneamente quizeram render vassalagem a El-Rei de Portugal, e se pozeram debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos lugares 30:000 christãos, regidos por um senhor.

Castigou severamente a perfidia, e tracto doble do Imperador de *Calecut*, e voltando ao reino em 1503, apresentou a El-Rei em acto solemne, o ouro do tributo de *Quilôa*, que o pio Monarca dedicou a N. Senhora de Belem n'uma rica costodia.

Um Portuguez, por nome *Thomé Lopes*, que Barbosa diz ser natural da cidade do Porto, escreveu esta viagem com o titulo « *Navegação ás Indias Orientaes* » de que foi parte e testemunha ocular.

(Veja-se *Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc.* tom. 2. num. 5.)

ANNO DE 1503.

Antonio de Saldanha, hindo neste anno para a India, deixou o seu nome á *Agoa'la do Saldanha*, proxima ao Cabo da Bôa Esperança, tendo ahi pelejado com os barbaros. Neste mesmo lugar foi depois morto por elles o illustre Almeida, primeiro Vice-Rei da India, como em seu lugar notaremos (an. 1510.)

No mesmo anno navegaram para a India duas armadas, commandadas pelos dous Albuquerques Francisco, e Affonso.

Na primeira hia Antão Lopes, mandado por El-Rei com embaixada ao Rei, ou Imperador dos Abexins; mas perdendo-se a Náo, em que hia, ficou a embaixada sem effeito.

Francisco de Albuquerque restituio El-Rei de Cochim aos seus estados, de que havia sido expulso pelas armas de Calecut: fundou fortaleza em Cochim, e foi a primeira que levantámos na India; e quando d'alli se retirou, deixou em defeza d'aquelle reino o invicto heroe Duarte Pacheco Pereira, cujas espantosas façanhas são bem conhecidas na Historia.

A segunda armada, commandada por Affonso de Albuquerque, teve um sucesso semelhante ao de Pedro Al-

vares Cabral; porque de Cabo verde, engolfando-se ao mar avistou a Ilha da *Ascenção*, e tocou a costa da *Terra de Santa Cruz.*

Chegado á India, entrou em *Coulam*, cidade ainda não conhecida dos Portuguezes, assentou paz, e amizade com o Rei, estabeleceu feitoria, e tracto de commercio, e fez alguns ajustes em beneficio, e para protecção dos numerosos christãos que alli habitavão.

Neste mesmo anno despachou ainda El-Rei D. Manuel outra armada de seis Náos, e nella fez sua segunda viagem Americo Vespucio.

As Náos navegaram a *Cabo Verde*, e logo depois fazendo-se ao largo, pelo rumo de Sudoeste, aos 3.° da equinoccial para o Sul, avistaram uma Ilha á qual foi mandada a Náo, em que hia Americo, com o fim de examinar, se nella haveria porto, em que a armada ancorasse, e neste meio tempo soçobrou a Náo capitania, salvando-se a gente.

A armada dividiu-se nesta paragem, e Americo, que se mostra na sua Relação mui descontente do capitão Portuguez, acaso porque este se não sujeitava á sua orgulhosa presumpção, nada mais diz do resto das Náos. Elle porém na sua, com outra de conserva, navegou em demanda da Terra de Santa Cruz.

No fim de 17 dias descobriu um *porto a que poz o nome de Bahia de todos os Santos*, aonde sahiu em terra, e esteve 64 dias.

D'aqui resolvêram estas duas Náos correr a costa, e chegaram a um porto em 18° austr.

Neste lugar estiveram cinco mezes, fundaram uma fortaleza, e a deixaram guarnecida com 24 homens, armas,

12 bombardas, e mantimento para seis mezes, E diz Americo, que neste lugar, e acompanhado de 30 homens, entrára pelo sertão a distancia de 40 leguas da costa.

D'aqui voltou a Lisboa, e entrou no Tejo em Junho de 1504. (*)

ANNO DE 1504.

Ruy Lourenço Ravasco, que fôra na armada de Saldanha, fez tributarios a Portugal os Reis de *Zanzibar*, e de *Mombaça*.

Diogo Fernandes Peteira (ou *Pereira*) que da mesma armada se desgarrou, foi invernar a *Çocotorá*, aonde ainda não tinhão hido os Portuguezes.

El-Rei D. Manuel mandou ao *Congo* homens letrados, mestres de lêr, e escrever, musicos, livros de doutrina christã, paramentos sagrados, e outras cousas necessarias para se continuar a instrucção religiosa, e a civilisação d'aquelles povos. De lá vieram tambem muitos moços nobres

(*) Sobre esta, e a precedente viagem de Americo Vespucio, que notamos ao an. 1501, devem ver-se as «*Recherches historiques, critiques & bibliografiques sur Améric Vespuce*» pelo Senhor Visconde de Santarem, Paris, 1842.

a Lisboa para estudarem a religião, as letras, e os costumes portuguezes. (*Osorio*, *Maffei.*, *&c.*)

Por estes tempos o Soldão do Egypto começou a publicar que havia de destruir a casa santa de Jerusalem, o sepulchro de Jesus Christo, e o mosteiro do monte *Sinay*, e obrigar os christãos dos seus estados a se fazerem Mahumetanos, se os Portuguezes não desistissem de suas emprezas na India. Estas ameaças vierão a ter o resultado, que se verá no anno de 1505.

ANNO DE 1505.

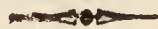
El-Rei D. Manuel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveu mandar á India um grande Capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação e commercio d'aquellas partes. E escolheu para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual, acompanhado de uma poderosa armada de 22 vellas, sahiu do Tejo em Março d'este anno.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa expugnou *Quilôa*; desthronisou o Rei que recusava pagar as páreas estipuladas, e se mostrava inimigo dos Portugue-

zes: deu á cidade novo Rei, que elle mesmo coroou com grande solemnidade; e fundou a fortaleza a que deu o nome de *Santiago*. El-Rei D. Manuel mandou depois debuxar o acto da coroação em ricas tapeçarias, que por muito tempo se conservaram.

Chegado á India fundou as fortalezas de *Anchediva* e *Cananor*. Coroou solemnemente o Rei de *Cochim* a quem El-Rei D. Manuel mandava uma rica corôa de ouro. Recebeu Embaixadores do Rei de *Narsinga*, e de outros principes, e assentou com elles paz, amizade, e alliança.

Seu valoroso filho D. Lourenço de Almeida descobriu *Ceilão* (que Goes escreve *Zeiland*) de que os Portuguezes já tinhão noticia. Entrou no porto de *Gale*, e prometteu ao Rei defensão e protecção, com elle se obrigar ao tributo annual de 400 bahares de canella para El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1505.

Pedro de Anhaya fez vassallo e tributario de Portugal o Rei de *Çofala*, e lançou ahi os fundamentos de uma fortaleza aos 21 de Setembro d'este anno, (*Castanh.* liv. 2. cap. 11.)

No mesmo anno se lançaram os fundamentos ao castello de Santa Cruz, no Cabo de *Aguer*, na Mauritania, aonde logo se formou uma notavel villa, que se denominou « *Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer.* »

ANNO DE 1506.

João Homem, capitão de uma caravella, pertencente á armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, descobriu, *antes de chegar ao Cabo da Bôa Esperança trez Ilhas. a dez leguas umas das outras, a que poz nomes Santa Maria da Graça, S. Jorge, e S. João. (Dam. de Goes, Chron. de El-Rei D. Manuel*, part. 2. cap. 3.)

Tristão da Cunha, hindo para a India, e tomando muito ao Sul para dobrar o Cabo da Bôa Esperança, descobriu umas Ilhas despovoadas, que do seu nóme se ficaram chamando « *as Ilhas de Tristão da Cunha.* »

Ruy Pereira Coutinho descobriu pela parte de dentro (occidental) a grande Ilha de *Madagascar*, e pôz o nome de *Bahia formosa*, á bahia em que primeiro entrou. Dando parte do descobrimento a Tristão da Cunha, partiu este a reconhecer a terra. Tocou varios pontos da costa occidental, e chegando ao cabo da Ilha em dia de *Natal*, lhe deu esse nome. A Náo de João Gomes de Abreu dobrou este cabo, e correndo pela costa oriental foi dar na bôca de um rio, na provincia de *Matatana*, aonde descendo em terra, e sendo necessario apartar-se a Náo, ficaram alguns Portuguezes em terra. (*Castanh.* liv. 2. cap. 30 e 31.)

Ao mesmo tempo que as Náos do commando de Tristão da Cunha descobrião *Madagascar* pela banda occidental, outras Náos que vinhão em frota para o Reino, capitão Fernam Soares, a descobrião pela parte oriental, avistando-no 1.º de Fevereiro. Corrêram á vista d'ella 17 dias, e ten-

do feito aguada e lenha, a passaram a 18 do mesmo mez. A esta Ilha deram o nome de *S. Lourenço*, por ser achada a 10 de Agosto pelos descobridores da parte occidental.

A 6 de Fevereiro de 1507 escrevia Affonso de Albuquerque a El-Rei D. Manuel com data de *Moçambique*, e já lhe fallava do descobrimento da Ilha de *S. Lourenço* (R. Archiv. *Corp. Chronolog.* P. 1., maço 6.º, num. 8.º)

ANNO DE 1506.

Affonso de Albuquerque voltou neste anno á India, encarregado de tomar o cargo de Governador, logo que D. Francisco de Almeida acabasse o tempo do seu vice-reinado. Na passagem para a India embocou o *Estreito do golfo arabico*.

No mesmo anno sahiu da India para Portugal o primeiro elefante que de lá veiu, mandado a El-Rei pelo illustre Almeida.

No mesmo anno finalmente fundou Diogo de Azambuja, por ordem de El-Rei, o *Castello Real* (Mazagão) na Mauritania.

ANNO DE 1507.

Neste anno descobriu D. Lourenço de Almeida as Ilhas *Maldivas.*

Tristão da Cunha pôz em *Melinde* um portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (*Castanh.* diz *João Gomes ho jardo*) um mourisco christão; chamado João Sanches, e um mouro de Tunes, por nome Cide Mahamede, mandados por El-Rei D. Manuel com cartas suas ao Imperador *Abexi.* O bom Rei de Melinde encarregou-se de lhes dar aviamento para a viagem; mas como o não podesse fazer com a segurança, que desejava, ficou a viagem sem effeito por aquelle caminho.

Tristão da Cunha, correndo a costa de *Ajan*, expugnou e destruio *Oja* e *Brava*, e fez tributaria *Lamo.* Em *Brava* foi armado cavalleiro pelo grande Albuquerque, que o acompanhava nestas expedições. D'hi passou a *Çocotorá*, cuja fortaleza tomou, e reformou, dando-lhe o nome de *S. Miguel*, e deixando-a guarnecida de Portuguezes, e tendo ordenado o governo da Ilha, partiu para a India (*Castanh.* liv. 2. cap. 36 e 38. — *Goes. Chron. de El-Rei D. Man.*)

Duarte de Mello fundou a fortaleza de *Moçambique*, e nella uma igreja, e um hospital.

Affonso de Albuquerque correu a costa da *Arabia* e *Persia*: assentou paz com *Calaiate*: expugnou *Curiate* e *Mascate*: fez tributaria *Soar*: mandou saquear *Orfaçam*, que achou despejada de habitantes: e entrando em *Ormuz* fez o seu Rei vassallo, e tributario de Portugal, e começou a 24 de Outubro a levantar alli a fortaleza, a que pôz o nome « *Nossa Senhora da Victoria.* » (*Castanh.* liv. 2. cap. 53. e segg. *Goes*, *Chron. de El-Rei D. Man.*)

No mesmo anno de 1507 os Portuguezes, commandados por Diogo de Azambuja, entraram na cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Çafim*) na Mauritania Tingitana, da qual se assenhoriaram completamente no anno seguinte de 1508.

Guerra que o Rei de Cananor faz aos nossos. Cerco da nossa fortaleza, defendida valerosamente pelos Portuguezes, capitão Lourenço de Brito. *Castanh.* liv. 2. cap. 45. e 52.

ANNOS DE 1508 E 1509.

No anno de 1508 foi Diogo Lopes de Sequeira man-

dado por El-Rei a reconhecer a Ilha de *Madagascar*, e a descobrir *Malaca*.

Chegou á Ilha a 4 de Agosto. A 10 avistou, na parte oriental, um cabo, a que pôz o nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas Ilhas, aonde achou Portuguezes, que alli tinhão naufragado. Entrou no porto de *Turumbaia*, aonde se viu com o senhor da terra, e achou outro Portuguez. D'aqui navegou a outras Ilhas, que denominou de *Santa Clara*, e nellas fez provisões. Passou ao reino de *Matatana*; aonde sahiu em terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambem ahi achou Portuguezes. Correu ainda ao longo da costa, por onde viu muitas povoações, até chegar a uma grande bahia, que denominou de *S. Sebastião*, pela ter descoberto a 20 de Janeiro de 1509. D'aqui partiu para a India, e chegou a *Cochim* a 21 de Abril de 1509.

Em Agosto do mesmo anno de 1509 navegou ao descobrimento de *Malaca*, conforme as ordens que tinha de El-Rei D. Manuel. Passadas as Ilhas de *Niçuar*, foi ter a *Pedir*, e a *Pacêm*, na Ilha de *Çamatra*, e em ambas as cidades levantou padrões, depois de ter assentado capitulações de paz com os seus Reis. D'ahi navegando foi surgir a 11 de Setembro em *Malaca*, cidade principal da peninsula do mesmo nome, e grande emporio de todo o oriente, arrumada pelos escriptores Portuguezes em 2^{o} e $\frac{2}{1}$ de lat. septemtr. Em *Malaca* assentou artigos de paz, e commercio com o Rei, e estabeleceu feitoria. Nesta expedição hia Fernam de Magalhães.

ANNOS DE 1508 E 1509.

Os trez mensageiros de El-Rei, que Tristão da Cunha pôz em Melinde para passarem á Abyssinia, e que por alli não poderam penetrar (v. an. de 1507) forão em 1508 ter com Albuquerque, que andava no cabo de *Guardafui*. Elle os pôz em um lugar a 3 leguas do cabo, donde, levando tambem cartas de Albuquerque, penetraram com effeito até á côrte do *Abexi*, aonde reinava David, e por sua menoridade governava sua Avó Helena. Desde então resolveram estes principes mandar um Embaixador a Portugal, e deram este cargo ao Armenio Matheus, de que a seu tempo se dirá. (an. 1514.) *Castanh.* liv. 2. cap. 85.)

Em dia de S. Braz 3 de Fevereiro de 1509 foi a grande batalha naval, em que o insigne Vice-Rei D. Francisco de Almeida venceu a armada do Soldão do Egypto, combinada com a de Calecut e de Cambaya, e afugentou da India os Rumes destroçados. Assentou então pazes com Melique-As, senhor de Diu: confirmou as que tinhamos com o Rei de *Chaul*, de quem recebeu as párcas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onôr*, e augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impôz tambem tributo. Finalmente recolheu-se a *Çochim*, e pouco depois

entregou o governo da India a Affonso de Albuquerque; que para elle fôra nomeado, como já indicamos no anno de 1506.

De volta para Portugal, já no anno de 1510, e no 1.° de Março, foi este insigne capitão morto cruelmente pelos barbaros na *Aguada do Saldanha*, aonde sahira em terra: verificando-se nelle tambem aquella terrivel ameaça do implacavel Adamastor:

« *E do primeiro illustre, que a ventura*
« *Com fama alta fizer tocar os Céos*
« *Serei eterna, e nova sepultura.* »

ADDITAMENTO.

Em 1508 partiu Tristão da Cunha de Moçambique, de volta para Portugal, a 17 de Janeiro, *e de caminho descobriu a Ilha da Ascensão*, diz Castanheda liv. 2 cap. 84.

N. B. Duas ilhas tem o mesmo nome *da Ascenção* uma em 20° e ½ Sul, a 120 leguas da costa do Brazil, descoberta por João da Nova em 1501, de que fallámos n'esse anno. Outra no mar da Ethiopia a 8.° Sul e a 6.° 48' long. da Ilha do Ferro, que deve ser esta de que falla Castanheda. (*Pimentel, Art. de Naveg.*)

ANNO DE 1510.

Mandou El-Rei trez armadas ao Oriente, constantes todas trez de 14 Náos.

Uma d'estas armadas, de que era capitão João Serrão, hia encarregada de assentar paz, e amizade com os Reis de *Matatana*, e *Torumbaia* na Ilha de *S. Lourenço* (*Madagascar*) e fazer ajustes de commercio.

João Serrão entrou no porto de *Antepara*, no reino de *Torumbaia*; foi aos Ilhéos de *Santa Clara*, entrou no rio de *Monaibo*, e tomou outros portos da Ilha: mas *não achando as especiarias que buscava* (diz *Goes*) *partiu para a India.*

ANNO DE 1510.

Neste anno, a 25 de Novembro, dia de Santa Catharina, expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a cidade de *Gôa*, na costa occidental da India áquem do Ganges, reino do *Dekham*. (*Castanh.*, *Barros*, *Goes*, *&c.*)

Ahi levantou logo fortaleza: bateu moeda de ouro, prata, e cobre: casou muitos Portuguezes com moças naturaes da terra, fazendo a todos mercês, e distribuindo-

lhes terras, e palmares: organisou o governo municipal; e deu sabias providencias para a conservação, augmento, povoação, e policia de uma cidade, que no seu pensamento era já destinada para assento do governo Portuguez, e capital do imperio lusitano oriental.

Os Reis de *Baticala*, de *Chaul*, de *Narsinga*, o Çamori de *Calecut*, o Rei de *Cambaya*, e outros principes lhe mandaram por seus Embaixadores os emboras da victoria.

No muro da nova fortaleza mandava o inclito capitão metter uma lapida, em que fizera gravar os nomes dos capitães, que forão com elle na empreza d'aquella conquista. Como porém os proprios capitães entrassem em discordias, e ciumes sobre preferencias dos nomes, Albuquerque mandou voltar a face da pedra para o interior da muralha, e ordenou que na face exterior se gravassem aquellas palavras:

« *Lapidem, quem reprobaverunt œdificantes.* »
« *Pedra reprovada pelos edificadores.* »

ANNO DE 1511.

No mez de Agosto d'este anno expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a grande cidade de *Malaca*, cujo Rei havia intentado perfidamente dar a morte a Diogo Lopes de Sequeira, depois de ter assentado com elle paz, e commercio, como dissemos no anno de 1509.

Levantou logo fortaleza; bateu moeda de ouro, prata,

e estanho; e ordenou as cousas do governo e administração pública com singular prudencia, e discrição.

Immediatamente despachou Embaixadores, e descobridores para differentes partes d'aquelle remoto oriente, para *Sião*, *Maluco*, *Pegú*, *Jahua*, e *China*.

1.º Para assentar o trato de *Maluco* mandou trez Náos, e um junco. Nas Náos hião Antonio de Abreu, Capitão mór da armada, Francisco Serrão, e Simão Affonso: no junco hia por capitão um mouro, que costumava navegar para *Maluco*, e era vassallo de Portugal. Uma das Náos se perdeu atravéz de *Jao*. As mais forão ter á Ilha de *Banda* onde estiverão quatro mezes, voltando a *Malaca*, sem hirem ao seu destino, tanto pela demora da monsão, como porque alli mesmo receberam de *Maluco cravo*, com que se carrégaram as Náos, e alli mesmo tomaram *maça*, e *nóz*. Abreu porém enviou ao Rei de Maluco as cartas de Albuquerque.

Nesta viagem, e já no anno de 1512 descobriu Antonio de Abreu a Ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a *Ternate*, uma das *Malucas*.

2.º Ao Rei de *Siam* mandou Albuquerque cartas, e recados seus por Duarte Fernandes: e como o Rei recebesse bem o cumprimento, e mandasse embaixada a Albuquerque com ricos presentes, e com carta para El-Rei de Portugal, Albuquerque lhe correspondeu enviando a *Hodiá*, *côrte de Siam*, por Embaixadores, Antonio de Miranda de Azevedo, e Duarte Coelho.

3.º Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamão Gomes da Cunha) o qual assentou ajuste de paz com o Rei, &c.

Pelo mesmo tempo recebia Albuquerque em Malaca Embaixadores de um Rei da *Jahua*, do Rei de *Campar*,

de um dos Reis da Ilha de *Çamatra*, e de outros Reis, e senhores do sertão, e das Ilhas visinhas, parte dos quaes se fizerão vassallos, e parte amigos e confederados de El-Rei de Portugal. (*Castanh.* liv. 3 da *Hist. da India*, e *Goes* na *Chron. de El-Rei D. Manuel.*)

Ao tempo que Albuquerque sahiu de Malaca para a India, encommendou muito ao capitão que alli deixou, e depois ao seu successor, *que não partisse navio de mercadores d'aquella cidade, onde não fosse um Portuguez homem de bom espirito, e discrição, para trazer informação do que visse, e ouvisse d'aquellas regiões, e tantas mil Ilhas como aquelle mar oriental tem.* (*Barros,* 3. 2. 6., &c.)

ANNOS DE 1512 E 1513.

Albuquerque voltando á India, recebeu Embaixadores do Rei de *Visapor* (ou *Vigapor*), do *Çabaimdalkan,* do Rei de Cambaya, &c.

Recebeu tambem o Armenio *Matheus,* Embaixador do *Abexi*, que vinha para passar a Portugal com carta, e recados d'aquelle principe: e outro Embaixador do Rei de *Ormuz* que vinha com o mesmo destino.

Nos fins de 1512, e principios de 1513 ajustou capitulações de paz com o *Çamori de Calecut,* o qual consentio que alli fundassemos logo fortaleza, e despachou dous Embaixadores seus a Lisboa.

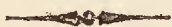
Restituio o Rei das *Maldivas* á posse de algumas Ilhas, que lhe andavão usurpadas, e o Rei se fez vassallo, e tributario de Portugal.

Navegou depois para o golfo arabico, e entrou as suas portas pela parte da Arabia: tomou a Ilha de *Cammaram*, collocou um padrão na Ilha de *Mehum* ás portas do Estreito, com a denominação de *Vera-Cruz*; e mandou Ruy Galvão, e João Gomes a descobrir *Zeila*

No mesmo anno de 1513 foi enviado ao Albuquerque um Judêo portuguez do Cairo, morador em Jerusalém, mandado pelo Guardião do convento de S. Francisco da Santa Cidade, para o avisar das ameaças que fazia o Soldão do Egypto, das quaes já fallámos no anno de 1504. Albuquerque dirigiu este mensageiro a Portugal, aonde El-Rei recebeu ou tinha recebido outros semelhantes avisos por via de Roma, e por cartas do S. Padre, que parecia mui assustado d'aquellas ameáças. El-Rei D. Manuel respondeu com a dignidade que devia, desprezando os ferros, e ameaças do Soldão. Dizia ao Papa que sentia muito não ter dado ao Soldão mais, e maiores motivos de seu desgosto, e queixumes, &c. E foi continuando em seu plano. (Goes, *Chron. de El-Rei D. Manuel.* part. 1. cap., 93. &c.)

A este anno de 1513 reduzimos o descobrimento da Ilha *de Mascarenhas*, a Leste de Madagascar: porque constando que ella fôra descoberta por Pedro de Mascarenhas, de cujo apellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a Moçambique em 1512, pelo que, ou nesse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Comtudo alguns geografos estrangeiros a suppõem descoberta em 1505, e Malte Brun assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta Ilha é a mesma que os Francezes chamaram de *Bourbon*, quando d'ella se apossaram: mudança de nome, que sómente póde servir para escurecer a memoria do descobridor: mas não nos admiremos. Esta mesma Ilha a que os Francezes tiraram o nome de *Mascarenhas*, e deram o de *Bourbon*, foi por elles mesmos, e no espaço de poucos annos, chamada *Ilha da Reunião*; logo depois *Ilha Bonaparte*; mais depois outra vez *Ilha de Bourbon*; e ao presente deverá admirar, que se lhe não tenha dado o nome de *Ilha de Orleans*! Os Portuguezes a povoaram de animaes domesticos, e muitas vezes hião alli as Náos prover-se de refresco.

ANNO DE 1513.

Os Portuguezes commandados pelo Duque de Bragança D. Jayme, conquistaram neste anno *Azamor*, *Tite*, e *Almeidina*, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Athlantico.

Diz *Dam. de Goes*, que a armada constava de mais de 400 vellas de todos os portes, e que hião nella 18:000 infantes, e 2:500 cavallos, além da gente da manobra e serviço do mar. Esta grande armada apromptou-se em quatro mezes e meio.

ANNO DE 1514.

Mandou El-Rei ao oriente duas Náos, capitães Luiz Figueira, e Pedro Yañes Francêz, com o determinado intento de concertarem ajustes de commercio com os habitantes da *Ilha de S. Lourenço*, e levantarem fortaleza em *Matatana*. Os dous capitães estiverão cousa de 6 mezes neste porto; mas retirarão-se sem outro effeito.

Em Fevereiro d'este anno recebeu El-Rei em Lisbôa o Armenio Matheus, Embaixador de David Rei da *Ethiopia sobre o Egypto*, com cartas d'este principe, e de sua Avó Helena. Matheus tinha precedentemente chegado a *Gôa* para d'alli vir a Portugal, e dava noticia de trez Portuguezes, que estavão na Ethiopia, um, por nome *João*, que *havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal*, e os outros dous, que de pouco tempo tinhão lá chegado.

Recebeu tambem El-Rei o Embaixador do Rei de *Ormuz.*

Veiu a Lisbôa um *Naire* mandado a El-Rei pelo *Çamori* de *Calecut* para aprender a lingua portugueza, andar na Côrte, e vêr os costumes portuguezes. Este Naire recebeu o baptismo, e tomou o nome de D. João.

Neste mesmo anno, em um domingo, 12 de Mar-

ço foi apresentado ao Papa Leão X., em nome de El-Rei de Portugal, um riquissimo presente (*insolita ac prorsus magnifica munera*) em que hião muitas cousas ricas e preciosas da Asia, e algumas curiosidades d'aquellas terras, como era, por exemplo, um elefante governado por um Indio, e um cavallo persio com sua onça de caça, dadiva do Rei de Ormuz, &c. Foi Embaixador de El-Rei a Roma Tristão da Cunha, assistido dos Doutores Diogo Pacheco, e João de Faria, e levando por Secretario da Embaixada Garcia de Rezende.

ANNO DE 1505.

Neste anno o grande Albuquerque pôz definitivamente á obediencia de El-Rei de Portugal a importante cidade de *Ormuz*: recebeu nella com grande solemnidade o Embaixador do Schach Ismael, Rei da Persia: e mandou com o mesmo caracter á Côrte de *Ispahan* Fernam Gomes de Lemos, senhor da Trofa.

Fernam Gomes já estava de volta na India em 1517 e de Cochim mandou a El-Rei *um Livro em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera.*

Neste mesmo anno, o grande Affonso de Albuquerque, este não menos homem do estado, que insigne capitão, vindo de Ormuz para Gôa, falleceu no mar á vista

de Gôa, em domingo 16 de Dezembro, aos 63 annos de sua idade.

Nos seis annos do seu governo fundou, e firmou o imperio portuguez do oriente pela conquista dos trez importantes pontos de *Gôa*, *Malaca*, e *Ormuz*, que na sua vasta idéa abrangião todo o commercio do Oriente, e fazião os Portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o emporio geral a que concorria o *cravo* das *Molucas*, a *nóz* de *Banda*, o *sandalo* de *Timor*, a *canfora* de *Borneo*, o *ouro* de *Çamatra*, e do *Lequio*, e as gommas, aromas, e mais mercadorias preciosas da *China*, do *Japão*, de *Siam*, de *Pegú*, *&c.*

Gôa reunia ao que lhe vinha de *Malaca* os estofos de *Bengala*, as perolas de *Kalckar*, os diamantes de *Narsinga*, a canella e rubins de *Ceilão*, a pimenta, gengibre, e outras especiarias de *Malabar*, que até então enriquecião *Calecut*, *Cambaya*, e *Ormuz*.

Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavão todas as producções da India, e mais paizes orientaes, para d'ahi passarem pelo golfo persico a *Bassora*, e logo em caravanas á *Armenia*, *Trebisonda*, *Alepo*, *Damasco*, *&c.*

Já dissemos muito em summa, como este grande homem extendeu, e amplíou em todo o oriente o nome Portuguez, mandando Embaixadores, e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes, e commercio com muitos Principes, e recebendo de todos elles testemunhos de respeito. Muitos d'elles deram mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomaram lucto por ella . . . Nunca a inveja e a ingratidão sacrificaram mais illustre victima!

Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos,

cosmograficos, e nauticos, como educado que fôra na escóla portugueza d'aquelles felices, e saudosos tempos: e frequentes vezes propunha difficeis problemas nestas sciencias ao grande geometra portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar um grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Um filho d'este illustre capitão, por nome *Braz de Albuquerque*, a quem El-Rei D. Manuel mandou tomar o nome de *Affonso* em memoria de seu Pai, escreveu « *Commentarios de Affonso de Albuquerque* » que se imprimiram em Lisboa em 1576, em fol.

ANNO DE 1516.

O primeiro Portuguez (diz um escriptor antigo) que descobriu o reino da *Cauchinchina* foi Duarte Coelho, aos 18 annos da nossa entrada na India, deixando em memoria d'isso um padrão com o seu nome, e tempo do descobrimento. Este fidalgo teve depois em remuneração dos seus serviços da India as terras da capitania de Pernambuco no Brazil, que começou a povoar, quando se resolveu a colonisação d'aquelle grande continente, como em seu lugar tocaremos.

Neste anno de 1516 acabou de escrever o seu *Livro* Duarte Barboza, descrevendo nelle a maior parte de nossos descobrimentos, e os lugares e portos desde o cabo de S. Sebastião até aos Lequios, &c. (Vej. a edição da Academ. R. das Scienc. que o imprimiu em 1813.)

Não se nos estranhará, que façamos aqui menção de *trez nobres Sarmatas*, que movidos da grande fama, que corria do nome de El-Rei D. Manuel entre aquelles póvos, vieram a Lisboa com o unico intento de verem um tão grande principe, e de receberem d'elle a Ordem da Cavallaria. El-Rei os armou cavalleiros neste anno de 1516, e com generosas dadivas os despediu contentes. Isto prova (a nosso parecer) o brado que davão pela Europa os nossos descobrimentos, e navegações, que os escriptores estrangeiros tratão hoje com tanto desdêm, e quasi desprezo. (*Goes*, *Chron. de El-Rei D. Man.*)

ANNO DE 1517.

Fernam Peres de Andrade, mandado á *China*, tocou *Pacém* na Ilha de *Çamatra*, onde os Portuguezes já tinhão

commercio; assentou pazes com o Rei de *Patane*, e neste anno de 1517 passou á *China*, aportando primeiro á *Ilha de Tamou*, a pouca distancia do continente d'aquelle grande imperio. Chegando ao continente, fez ajustes de paz e commercio com os Governadores de *Cantam*, e lançou em terra o Embaixador que levava com esse destino, por nome *Thomé Pires*, o qual depois de quatro mezes de caminho entrou na Côrte de *Nanquim*. Fernam Mendes Pinto ainda encontrou na *China* uma filha d'este Embaixador, e um Vasco Calvo, que o tinha acompanhado na sua infeliz missão. (Vej. as *Peregrinações de Fern. Mend. Pinto* cap. 91. e 116.) Fernam Peres de Andrade voltou da *China* com Simão de Alcaçova, e Jorge Mascarenhas, e chegou á India em 1519. (Vej. *Castanh.* liv. 4. cap. 27. e segg., e liv. 5, cap. 80., &c.)

Neste mesmo anno foi expugnada e destruida a cidade de *Zeila* ás portas do extreito do *golfo arabico*, da parte de Africa. (*Livr. de Duarte Barbosa*. art. *Zeila*.)

O Schá da Persia mandou Embaixador a Portugal pedindo a El-Rei a sua amisade, e annunciando as disposições em que estava, de ligar-se com S. Alteza contra os Turcos, inimigos de ambos. Pelo mesmo tempo chegavão avisos dos cavalleiros de Rhodes, prevenindo a El-Rei da armada, que se aprestava no Egypto contra os Portuguezes da India.

No mesmo anno falleceu na Ilha de *Camaram*, dentro do *golfo arabico*, Duarte Galvão, mandado por El-Rei D. Manuel como seu Embaixador á Abyssinia, onde não chegou a entrar.

Depois de Fernam Peres estar em *Cantam*, foi Jorge Mascarenhas, de seu mandado, descobrir *uma terra mui grande* ao sueste, que se chamava *Lequia*. (*Castanh.*, *Hist.* da India liv. 4. cap. 40.) (Vej. adiante anno de 1544.)

ANNO DE 1518.

Duarte Coelho de Albuquerque (de quem já fallámos aos annos 1511 e 1516) assentou paz, e commercio com o Rei de *Siam*, e levantou na côrte de *Hodiá* um padrão com as quinas portuguezas. (*Barros.* 3. 2. 1.)

Passou depois ao reino de *Pam*, cujo Rei se fez tributario a Portugal, como d'antes o era ao Rei de *Malaca*. (*Ibid.*)

Fundou-se em *Columbo* fortaleza. (*Castanh.* liv. 4. cap. 42. e 43.)

O Papa Leão X. concedeu por um seu Breve, que se podessem ordenar de Sacerdotes os Ethiopes, e Indios, que concorrião em Lisboa, a fim de serem uteis á Religião, quando voltassem a suas patrias.

Em Dezembro d'este anno de 1518 foi despachado D. Tristão de Menezes a *Maluco* com cartas e presentes de El-Rei de Portugal para os Reis d'aquellas Ilhas, e para assentar com elles o tracto do cravo. (*Castanh.* liv. 4. cap. 47.)

ANNO DE 1519.

Antonio Corrêa ajustou paz, e amizade com o Rei de *Pegú* (*Breve Discurs. em que se conta a Conquista de Pegú pelos Portuguezes*, edição de 1829. 12.)

A 10 de Agosto d'este anno começou a sua famosa viagem o illustre cavalleiro Portuguez Fernam de Magalhães, que por desgosto se desnaturalisou de Portugal, e foi offerecer seus serviços a Castella.

A derrota e os varios successos da armada pódem vêr-se no *Roteiro*, ha pouco impresso na » *Collecção de Noticias para a historia, e geografia das nações ultramarinas* « da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, vol. 4.º num. 2. que nos dispensa de aqui repetirmos a sua descripção.

Das cinco Náos, de que constava a armada, uma só

voltou á Europa, e a Sevilha, a Não *Victoria*; *a primeira que fez um giro inteiro á roda do globo da terra.* O insigne, e intrepido capitão foi morto em uma das Filippinas, sem ter o gosto de vêr o fim á sua arrojada empreza.

Duarte Rezende, que então servia de feitor de Portugal em *Ternate*, e que teve em sua mão os papeis, e roteiros da viagem, escreveu um »*Tratado da navegação de Fernam de Magalhães*« que offereceu a João de Barros.

ANNO DE 1520.

O Governador da India, hindo ao *golfo arabico*, sondou e medio o porto e Ilha de *Maçuá*, aonde El-Rei mandava levantar fortaleza. Ajustou paz e amizade com o *Barnagues*, que pelo Abexi governava aquella provincia, e entregou o Embaixador de Ethiopia Matheus, que em 1515 tinha sahido de Lisboa em companhia de Duarte Galvão, e que só agora pôde ser restituido á Abyssinia no porto de *Arquico*.

Ahi mesmo sahiu em terra D. Rodrigo de Lima, mandado Embaixador de El-Rei á Abyssinia, por ter fallecido Duarte Galvão, como notámos ao anno de 1517.

Com D. Rodrigo foi, entre outros Portuguezes, o P. Francisco Alvares, que havia sahido de Portugal com Galvão, como Capellão da Embaixada, e depois escreveu »*Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias*« Obra que se imprimiu em Lisboa em 1540, e se traduzio em varias linguas.

ANNO DE 1521.

Neste anno despachou El-Rei trez Náos, Capitão mór Sebastião de Sousa de Elvas com ordem de hir á *Ilha de S. Lourenço*, e levantar fortaleza nô porto de *Matatana*. Este projecto não teve execução, por se haver desgarrado o navio, que levava os materiaes da obra.

O Rei de *Pacem*, restituido pelas armas portuguezas aos seus estados, que lhe andavão usurpados, fez-se tributario a Portugal; e consentiu que os Portuguezes levantassem fortaleza no seu porto. Foi Capitão d'esta expedição Jorge de Albuquerque.

Antonio Corrêa, com alguns Portuguezes, restituio a Ilha de *Baharem*, no golfo persico, á vassalagem do Rei de Ormuz, matando em guerra o Rei usurpador. Por esta expedição teve Antonio Corrêa o appellido de *Baharem*, e no seu escudo de armas *uma cabeça de Mouro coroada, cortada em vermelho, com corôa de ouro.* (*Castanh.* liv. 5, cap. 59. *Goes*, *&c.*)

Fundou-se a fortaleza de *Chaul*

Neste mesmo anno de 1521, querendo El-Rei D. Manuel executar um projecto, que muito antes tinha meditado, mandou ao *Congo* Gregorio de Quadra com ordem

de investigar o caminho de *Congo* para *Abyssinia*, atravessando a Africa. O Quadra achou no *Congo* embaraços ordidos pela inveja e malevolencia, e como voltasse a Portugal para os remover, soube que El-Rei tinha fallecido, e o projecto desvaneceu-se. (*Goes, Chron. de El-Rei D. Man. P.* 4. cap. 54.)

ANNO DE 1521.

Neste anno de 1521 a 13 de Dezembro falleceu El-Rei D. Manuel, appellidado entre nós *o Venturoso.* D'elle dizem alguns escriptores que deixára de sua propria composição »*Commentarios dos successos da India.*« Succedeu-lhe no throno El-Rei D. João III. seu filho.

Ao tempo do fallecimento d'este feliz Monarca, erão tributarios á Corôa de Portugal muitos Reis, e Principes do Oriente, e tinhamos fundado na India muitas fortalezas em differentes portos.

Em Africa na Mauritania, ás cidades e fortalezas ganhadas por seus antecessores, accrescentou *Çafim Azamor*, e outras, e fez tributarias algumas provincias até além de *Marrocos.*

N. B. Nas primeiras ordens de El-Rei D. João III. que chegaram á India, mandava elle, *que nenhuma fortaleza, das que El-Rei seu Pai mandara fazer de novo, se fizesse; porém que as que estivessem começadas se acabassem.* (*Castanh. Hist. da India* liv. 5. cap. 79.)

REINADO DE EL-REI D. JOÃO III.

1521 — 1557.

ANNO DE 1522.

Neste anno lançaram os Portuguezes os primeiros fundamentos á *cidade de S. Thomé*, a pouca distancia da antiga *Meliapôr*, na costa de *Coromandel*, aonde já tinhão algum commercio desde o anno de 1514.

Antonio de Brito fundou a fortaleza de *Ternate* nas *Molucas*, e ajustou artigos de paz, e commercio com a Rainha, que por seu filho menor governava a Ilha. Começou-se a fortaleza a 24 de Junho de 1522. (*Castanh.* liv. 6. cap. 12.)

N. B. Antes d'este anno, e depois d'elle, já os Portuguezes tinhão descoberto e continuaram a descobrir muitas das Ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém foram em tanto numero, que já um antigo escriptor portuguez queria que se lhes désse o nome de *Asia Insular*, e que se distribuissem em cinco provincias, a saber «provincia de *Maluco*, de *Amboino*, do *Moro*, dos *Papuás*, e das *Celebes*, ou *Macassar.*» Pelo que não parece de todo original a lembrança dos modernos geografos, que tem feito de todas aquellas terras, e mares uma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome de *Occeania*, dividindo-a em *Australasia*, *Polinesia*, e *Asia Insular*.

A este mesmo anno se deve referir o principio das *Viagens* de Antonio Tenreiro. Sahiu oste Portuguez de *Ormuz* em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes hia por Embaixador á Persia. Esteve na *Persia*, passou á *Armenia*, veiu á *Syria*, ao *Cairo*, a *Alexandria*, e á *Ilha de Chipre*. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ahi cinco, ou seis annos, (como elle mesmo diz) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei, sobre a armada do Turco, sendo Governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e Capitão de Ormuz Christovão de Mendonça. Sahiu de Ormuz nos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal no anno seguinte, com alguns

mezes de viagem. Elle mesmo escreveu o seu *Itinerario*, que se imprimiu em Coimbra em 1560, e depois de outras reimpressões, sahiu novamente á luz em Lisboa, em 1829.

ANNO DE 1523.

Fez El-Rei D. João III. doação do reino de *Ormuz* e *Mahumede Xaa*, filho mais velho de El-Rei *Çafadim Abanader*, em 19 de Agosto d'este anno de 1523, e na carta de doação usa do dictado « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e Senhor do reino e senhorio de Malaca, do reino e senhorio de Gôa, e do reino e senhorio de Ormuz, &c.* » (*Dissert. Chronol. e Crit.*, tom. 3. part. 2. pag. 203.)

Expugnaram os Portuguezes a cidade de *Xael*.

ANNO DE 1524.

Foi terceira vez á India com o titulo de Vice-Rei o Almirante D. Vasco da Gama, já então Conde da Vidigueira; porém aos trez mezes e vinte dias da sua estada

na India, falleceu em *Cochim* a 25 de Dezembro d'este anno. Os seus ossos vieram para Portugal, e forão sepultados no convento carmelitano da Vidigueira, na Igreja, ao lado do Evangelho.

Heitor da Silveira ajustou pazes com o Rei de *Adem*, que se fez tributario a Portugal. Estas pazes não duraram muito.

ANNO DE 1525.

Antonio de Brito, capitão de *Ternate*, armou uma fusta com 25 Portuguezes, piloto Gomes de Sequeira, e a mandou com fazendas ás Ilhas *Celebes*, aonde se dizia que havia muito ouro. Os Portuguezes forão ao principio bem recebidos dos insulares; mas sendo depois obrigados a sahir d'alli, e navegando com grandes tormentas, foi a fusta arrojada a um *mar largo, e desconhecido*, e havendo corrido obra de 300 leguas a Léste, achou-se em frente de uma grande, e formosa Ilha, que do *nome do piloto* (diz a Relação que seguimos) se ficou chamando *Ilha de Gomes de Sequeira*, e aonde os Portuguezes acharam bom acolhimento.

Aqui (diz a mesma Relação) *acharam homens mais alvos que morenos, cabellos corredios, barbas extendidas, presença agradavel, corpos enxutos, e grande candura, e simplicidade no trato, de maneira, que a Ilha se poderia bem chamar « Ilha da simplicidade » pela mansidão, e bondade de seus habitantes. Vestião umas tunicas interiores de estei-*

ra mui fina, e outras sobre-vestes tecidas em tranças mais grossas, sem talho algum, e cobrindo tão sómente da cintura até aos pés. Sustentavão-se de inhames, legumes, cocos, bananas, &c.

Os Portuguezes demoraram-se quatro mezes nesta bella Ilha, e o piloto a demarcou na sua carta; mas logo que tiveram monsão, sahiram d'ella (a 20 de Janeiro de 1526) e voltaram a *Ternate.*

Parece-nos haver alguma analogia entre o caracter, costumes, e usos d'estes insulares, e os da Ilha, que os castelhanos depois denominaram *Ilha da bella nação,* situada a 13° austr., e descripta na Relação de Fernando de Queiroz, citada por Buffon, na *Hist. natur. de l'homme.* (Vej. Andrade, *Chron. de El-Rei D. João III. P.* 1. cap. 92., e o *Oriente Conquist.* do P. Sousa: e veja-se tambem Castanheda, liv. 6. cap. 127.)

Alguns escriptores estrangeiros dizem, que *neste anno, ou ainda antes, fôra descoberta pelos Portuguezes* a grande terra, que depois se chamou *Nova Hollanda*: a qual ficando por então em esquecimento, fôra depois reconhecida pelos Hollandezes desde 1616 em diante por varias vezes. Póde ver-se o que diz a este respeito o illustre geografo Malte Brun no liv. 23. da *Historia da Geograf.* pag. 630, aonde não duvida affirmar que os *direitos dos Portuguezes á honra d'este descobrimento vem de receber nova luz por duas antigas cartas, que se achão no Museu Britannico, &c.*

ANNO DE 1526.

Neste anno hindo D. Jorge de Menezes para *Maluco*, foi mandado tomar o caminho de *Borneo*, e descobrir esta navegação, como mais commoda, do que aquella, que se costumava fazer por *Banda*.

Com este designio foi dar através das *Ilhas do Moro*, e em uma noite, que o vento foi calma, escorreu tanto com as grandes correntes que ha por entre aquellas ilhas, que foi parar ao *grande golfo do estreito de Magalhães*, aonde com rijo temporal foi arrojado á *terra dos Papuás*. Aqui, forçado dos ventos de Oeste, invernou, e demorou-se tanto tempo que só pôde chegar a Maluco em Maio de 1527. (Andrade, *Chron. de D. João III.* P. 2. cap. 19. Veja-se Barros, Dec. 4. liv. 1. cap. 16.)

Neste mesmo anno entrou effectivamente em *Borneo* Vasco Lourenço, achando já nesta ilha outro capitão Portuguez.

No golfo arabico se fizeram tributarias a Portugal as ilhas de *Maçuá* e de *Dalaca*.

Sahiu da *Ethiopia* D. Rodrigo de Lima (v. anno de

1520): o Imperador David enviou a El-Rei por seu Embaixador *Zagata-Ab*, sacerdote, e Bispo (que os nossos escriptores comumente chamão *Zagazabo*) com cartas para El-Rei D. João III., e para o Papa Clemente VII., datadas do anno de 1524. Com este Embaixador voltou ao reino o P. Francisco Alvarez, de quem fizemos menção ao referido anno de 1520.

ANNO DE 1527.

Neste anno Diogo Garcia, Portuguez, que andava no serviço de Castella, navegando para o Sul, aportou um pouco afastado da bôca do *Uruguay*: e achando alli os navios de Sebastião Caboto, e sabendo que este tinha subido pelo *Paraguay*, subio tambem com as suas lanchas até muito acima da confluencia do *Paranná*, aonde o encontrou acabando de construir o Fortim de Santa Anna, e ahi derão ambos ao *Paraguay* o nome de *Rio da Prata*, por verem alguns pedaços d'este metal nas mãos dos indigenas. (*Gaeth, Harrera, &c.*)

Henrique Gomes Leme entrou na Ilha *da Sunda*, cujo Rei offereceu lugar para uma fortaleza, e dar de tributo 350 quintaes de pimenta em cada anno. Este ajuste porém não teve effeito.

O Rei de Bintão restituido pelas armas portuguezas aos seus estados, fez-se tributario a Portugal.

Nuno da Cunha fez tributario o Rei de Mombaça. (*Barros* 4. 3. 5.)

Belchior de Sousa Tavares foi em auxilio do Rei de *Baçorá* contra o de *Gizaira*, e foi o primeiro Portuguez, que entrou pelos rios Tigres e Eufrates.

ANNO DE 1529.

Neste anno a 22 de Abril foi celebrada a Capitulação de Saragoça entre Portugal e Hespanha, pela qual o Imperador Carlos V. Rei de Castella vendeu a El-Rei de Portugal o dominio, propriedade, posse, ou quasi posse das Molucas por 350:000 ducados de ouro, com condição que pagando El-Rei de Castella integralmente esta quantia, ficarião as partes contratantes cada uma com o direito e acções que ao tempo do contracto tinha, ou pertendia ter naquellas Ilhas. Vem este notavel Contracto por intrega na *Collecção das Viagens e descobrimentos dos Hespanhoes* por D. M. F. de Navarrete, tom. 4. pag. 389.

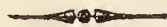
ANNO DE 1530.

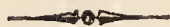
A 20 de Novembro d'este anno são datadas as Cartas

Regias, pelas quaes El-Rei mandou, que Martim Affonso de Sousa sahisse com uma armada a investigar as costas e terras do Brazil, autorisando-o para repartir terrenos áquelles que nellas quizessem habitar. (Veja-se o *Diario* d'esta navegação, ha pouco publicado pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen com mui eruditas e interessantes Notas.)

Aqui se deve fixar (a nosso parecer) a épocha da Colonisação do Brazil, que logo depois se continuou com regularidade.

Martim Affonso reconhèceu nesta viagem o *Rio de Janeiro*, chegou ao *Rio da Prata*, descobriu a 30° austr. o rio que do seu nome se ficou chamando *Rio de Martim Affonso*; e a 22 de Janeiro de 1532, dia de S. Vicente, surgio no porto de *S. Vicente*, aonde lançou os fundamentos á primeira Colonia Portugueza do Brazil.

ANNO DE 1533.

Nos principios d'este anno foi Nuno da Cunha com uma armada de cousa de 80 velas sobre *Baçaim*, e alcançando gloriosa victoria, tomou e destruio a fortaleza que alli tinha levantado o Rei de Cambaya. (*Castanh.* liv. 8. cap. 59. e 62.)

ANNOS DE 1534 E 1535.

O Rei de Cambaya implorando o auxilio das armas portuguezas contra os Magores, cedeu a Portugal *Baçaim* com todas as suas terras, e portos maritimos.

Permittiu tambem que os Portuguezes fundassem em *Diu* a fortaleza, que tanto desejavão, e que depois lhes foi tão pertinazmente disputada. Fundou-a o Governador da India Nuno da Cunha. E como todos sabião quanto El-Rei de Portugal era empenhado em ter alli fortaleza, um Diogo Botelho, querendo adiantar-se a lhe trazer tão grata noticia, veiu, quasi furtivamente, da India a Lisboa em uma fusta de 18 pés de comprido, 6 de largo, e 4 de alto, trazendo a El-Rei a planta de Diu, e os artigos da capitulação: viagem que maravilhou a todos, e que certamente merece esta memoria. (*Annaes da Marinh. Portugueza* ao anno de 1535.)

Em 1534 navegou para a India *Garcia de Horta*, Portuguez, que lá escreveu, e imprimiu em *Góa* em 1563 o *Colloquio sobre as drogas e simplices do Oriente*, obra que deve ser conhecida dos naturalistas.

No mesmo anno de 1534 chegou á India Martim Affonso de Sousa com o cargo de *Capitão mór do Mar da India* levando armada em que tambem hia Diogo Lopes de Sousa seu irmão. (*Barros* 4. 4. 27.) Mandou arrazar a fortaleza de *Damam*, e correu a costa até Diu, fazendo grande guerra a Cambaya.

ANNO DE 1536.

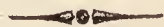
Francisco de Castro, mandado pelo illustre Capitão das Molucas Antonio Galvão a *Macassar*, foi levado pelos ventos 100 leguas ao Norte das Malucas, e aportou á Ilha *Santigano*, d'onde passou ás outras Ilhas *Soligano*, *Mindanáo*, *Buticano*, *Pimilarano*, e *Camizino*.

D'esta viagem resultou fazerem-se muitos Christãos por aquellas Ilhas: e como concorressem a *Ternate* em grande numero, pedindo o baptismo, fundou o insigne e virtuoso Galvão ahi um seminario, em que se recolhessem e instruissem os meninos, que d'aquellas diversas gentes viessem a doutrinar-se na Religião Christã. Fundação memoravel! que foi a primeira de nossas conquistas, e honrará em todo o tempo a memoria do fundador.

ANNO DE 1537.

Começou o celebre Fernam Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, em que gastou desde a sahida até á volta de Portugal 21 annos, recolhendo-se ao Reino em 1559. Imprimiram-se estas *Peregrinações* em Lisboa em 1614, e depois de varias reimpressões, sahiram novamente á luz em Lisboa, 1829, 4 vol. 12.

Fernam Mendes, sendo mandado a Çamatra, pelos annos de 1540 ou 1541, e voltando a Malaca, informou o Capitão Portuguez de tudo que lhe succedêra na viagem, tratando miudamente do descobrimento dos rios, portos, e angras, que novamente achára na Ilha de Çamatra, assim da parte do mar mediterraneo, como do Oceano, e do trato da gente que habitava aquellas terras. E arrumou por suas alturas toda aquella costa, com seus portos, e rios, &c. (Vej. *Peregrinações*, cap. 20.)

ANNO DE 1538.

Por este tempo vierão a Lisboa quatro principaes *Malabares*, ou *Paravás da costa da Pescaria* com o fim de aprenderem a lingua portugueza, e poderem ser melhor instruidos na doutrina da religião. El-Rei os mandou reco-

lher na Casa de Santo Eloy, com os Ethiopes nobres de Congo, que nella tambem estudavão. Para elles compôz João de Barros a sua «*Grammatica da Lingua Portugueza*» que se imprimiu em 1539.

No mesmo anno de 1538 foi o primeiro cêrco da fortaleza de *Diu*, defendida heroicamente por Antonio da Silveira contra as forças reunidas dos Guzarates, e Turcos. Quando o illustre capitão chegou a Lisboa recebeu o parabem de alguns Soberanos da Europa por seus Embaixadores, e refere a historia, que El-Rei de França Francisco I. mandou tirar o retrato do heroe, e o fez collocar em uma sala do seu palacio entre outros de famosos varões, que tinhão merecido a mesma honra, Lopo de Sousa Coutinho escreveu a historia d'este cêrco, que se imprimiu em Coimbra, em 1556, e é obra rara.

ANNO DE 1540.

A este anno referem Diogo de Couto, e Lucena o descobrimento das Ilhas *Celebes* pelos Portuguezes: o que se deve entender de um mais largo conhecimento ou tracto d'aquellas Ilhas, porque os Portuguezes já as tinhão achado, e tocado em 1525, como dissemos a esse anno.

O Rei de *Cota* em *Ceilão*, não tendo filho que lhe succedesse, mandou Embaixadores a El-Rei D. João III. rogando-lhe houvesse por bem que a successão passasse ao neto. Os Embaixadores trazião a estatua d'este futuro successor, de ouro; e El-Rei o coroou solemnemente em Lisboa, impondo uma preciosa corôa sobre a cabeça da estatua.

Fundou Fr. Vicente de Lagos, frade menor de S. Francisco, o Collegio de Santiago de *Cranganor*, para nella serem educados 80 mancebos, filhos de gentios convertidos. Este Collegio foi depois dotado por El-Rei de Portugal.

ANNO DE 1541.

Foi neste anno a expedição, em que o Governador da India D. Estevão da Gama navegou com uma grande armada todo o *golfo arabico até Suês*, com o intento de destruir a armada dos Turcos pue alli estava ancorada.

Em frente do monte *Sinai* sahiu em terra, e armou alguns cavalleiros, entre elles D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, e D. Luiz de Atayde, que depois

foi Vice-Rei da India. A isto alludia o letreiro, que se escreveu sôbre a sepultura de D. Estevão da Gama:

« *O que armou cavalleiros no monte*
« *Sinai veiu acabar aqui.* »

O grande D. João de Castro, que hia na expedição por capitão de um dos navios da armada, sondou, examinou, e arrumou os portos, enseadas, rios, costas, e lugares d'aquelle mar, e escreveu o *Roteiro do mar vermelho*, com uma exacção, miudeza, e verdade, que não tem sido excedida dos modernos. Este *Roteiro* imprimiu-se em Pariz no anno de 1833. 8.º

No mesmo anno foi a outra expedição de D. Christovão da Gama com 500 Portuguezes em auxilio do *Abexi*, os quaes D. Estevão da Gama lançou em terra no porto de *Maçuá*. Miguel de Castanhoso que hia nesta expedição *escreveu os successos d'ella*, dos quaes tambem tratou D. João Bermudes patriarcha da *Ethiopia* na sua *Relação* offerecida a El-Rei de Portugal D. Sebastião.

Fundou-se neste mesmo anno o *Seminario de Santa Fé de Gôa*, para nelle serem educados e instruidos os neófitos gentios, e os meninos christãos, filhos de gentios convertidos dos varios reinos d'aquelle Oriente. Nos papeis permitivos na fundação se nomeavão os meninos dos *Canarins*, *Decanis do Norte*, *Malabares*, *Chingalas*, *Bengalas*, *Pegús*, *Malaios*, *Jáos*, *Chinas*, e *Abexis*, por onde se vê quantas, e quam vastas regiões, e povos tinhão já então trato com os Portuguezes.

ANNO DE 1542.

Antonio da Motta, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto, navegando para a *China*, forão arrojados pelo temporal ás costas do *Japão*, onde tomaram porto. Pelo mesmo tempo aportaram tambem a *Japão* Fernam Mendes Pinto, Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto.

Neste mesmo anno entrou na India o Santo *Xavier* appellidado o *novo apostolo do Oriente.*

El-Rei D. João III. mandava ao descobrimento da *Ilha do Ouro*, que se dizia estar no oceano oriental a 5.° lat. austr., e a 150 leguas de *Çamatra.* Esta expedição não chegou a effeituar-se.

Por este tempo tinham já os Portuguezes um consideravel estabecimento, a que davão o nome de cidade, em *Liampó* (ou *Limpó*, ou antes *Nim-pó*) na costa oriental da *China* a 30.° septemtr. D'aqui passaram a fazer outro estabelecimento em *Chinchéo* pelos annos 1549, e ultimamente vieram fundar o de *Macáo*, na ponta do do Sul da Ilha de *Goazam* (ou *Yanxan*) em 1557, de que adiante se fallará.

ANNO DE 1544.

Antonio de Paiva entrou na Ilha de *Macassá*, e pas-

sou á de *Sian* (ou *Siang*) aonde se fizeram muitas conversões ao christianismo.

Fernam Mendes Pinto, e outros Portuguezes aportaram ás Ilhas *Léquias* (de *Lieukieu*) ao nordeste da Ilha *Formosa*, e ao Oriente da costa da *China*. D'ellas falla o mesmo Fernam Mendes em suas *Peregrinações* cap. 138, e 143.

O Rei de *Ternate* Tabarija (que depois do baptismo se chamou D. Manuel) fallecendo em *Malaca*, deixou os seus estados a El-Rei de Portugal.

Martim Affonso de Sousa fez tributarios a Portugal os Reis de *Jafanapatam*, e de *Travancor*.

ANNO DE 1545.

Passando neste anno o illustre D. João de Castro a governar a India, escreveu de *Moçambique* a El-Rei, e lhe annunciava o recente descobrimento da bahia, e rios, que do seu descobridor se ficaram chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15' lat. Sul. As cartas modernas demarcão a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

El-Rei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546, recommendava a continuação do mesmo descobrimento. (*Collecção de Cartas originaes.*)

ANNO DE 1546.

A 13 e 15 de Março d'este anno são datadas duas cartas de El-Rei D. João III, , uma para o Rei dos *Abexis* e outra para os Portuguezes, que ainda lá estavão, e tinhão ficado da expedição de D. Christovão da Gama. Nellas recommendava El-Rei com muito encarecimento, que por pessoas para isso idoneas se mandasse indagar, e descobrir um *caminho, que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque póde ser* (diz El-Rei) *que a terra do Abexi venha tanto para Oeste, e a do Manicongo vá tanto para o Léste, que não seja grande distancia de uma terra a outra*: queria que tambem se tentasse este caminho *do Abexi para Manicongo, ou para qualquer outro rio, do cabo da Boa Esperança para cá, &c.* (*Carta original*, na minha collecção.)

Neste anno de 1546 foi o segundo cerco de *Diu*, defendido heroicamente por D. João Mascarenhas, e ultimamente rematado com uma assignalada victoria por D. João de Castro.

Este grande homem falleceu em Gôa em 1548, tendo recebido pouco antes a mercê do titulo de *Vice-Rei da India* para com elle continuar a governa-la. D'elle diz um escriptor, que *era no mar soldado, piloto, e geografo, como mostrão seus escriptos.* Nós sómente accrescentaremos, que foi no mar, e na terra um exemplar das grandes virtudes, e eminentes qualidades, que constituem o verdadeiro heroismo, e fazem o homem digno da immortalidade. (Vejão-se as historias do cêrco, e a *Vida de Castro.*)

ANNO DE 1549.

Thomé de Sousa lançou os fundamentos á cidade de *S. Salvador na Bahia*, na *Terra de Santa Cruz* (Brazil), a qual cidade mandava El-Rei fundar para capital de todo aquelle Estado. Ordenou o governo da justiça, e fazenda, fundou Igreja, fortificou o lugar, &c.

Neste mesmo anno navegou o S. Xavier para *Japão*, aonde já as Náos portuguezas hião commerciar. Entrou em *Cangoxima*, *Exiando*, *Firando*, *Amanguchi*, *Meaco*, e *Figem*, demorando-se nesta sua apostolica expedição dous annos, e quatro mezes. Em 1552 falleceu na Ilha de *Sanchoan*, ás portas da *China*, aonde se dirigia.

ANNO DE 1551.

Tomaram os Portuguezes a cidade de *Geilôlo*, capital da Ilha do mesmo nome no archipelago das *Molucas*. O Rei ficou continuando o governo com o titulo de *Sangage* (governador) sujeito, e tributario a Portugal. (*Hist. da India* no tempo de D. Luiz de Atayde por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 31.)

ANNOS DE 1552 A 1556.

Em 1552 no galeão, em que naufragou Sepulveda vinhão a El-Rei de Portugal cartas de *Nautaquim* principe de *Tanixumaa*, Ilha do *Japão*, pedindo o auxilio de 500 Portuguezes para conquistar a Ilha *Lequia* (de *Lieukieu*) e offerecendo em reconhecimento o tributo annual de 5:000 quintaes de cobre, e 1:000 de latão.

Em 1554 teve o Vice-Rei da India cartas dos Reis Japonezes de *Firando*, *Amanguchi*, e *Bungo*.

Em 1556 fundaram os Portuguezes em *Funay*, capital do *Bungo* no *Japão*, um hospital para leprosos, que aquella gente costumava abandonar, como feridos do Céo, e para meninos, que muitos pais engeitavão, e talvez matavão por pobreza, ou por outros semelhantes motivos. O Rei de *Bungo* commovido d'esta humanidade dos Portuguezes, favoreceu o estabelecimento, e prohibiu que d'ahi em diante os pais matassem, ou expozessem os filhos. O estabelecimento teve consideraveis progressos, e El-Rei D. Sebastião mandava concorrer para as suas despezas.

Neste mesmo anno de 1556 prégava a fé christã na *China*, o dominicano Fr. Gaspar da Cruz, que tinha passado á India em 1548, e que depois escreveu « *Tratado das cousas da China com suas particularidades, e assi do reino de Ormuz, &c.* que se imprimiu em Evora em 1570, e ha pouco se reimprimiu em Lisbôa em 1829.

ANNO DE 1557.

Por este tempo alcançaram os Portuguezes, que os mandarins de *Cantão* lhe concedessem o porto da peninsula de *Macáo*, para nelle viverem e commerciarem. (Veja-se o anno de 1542.) Ahi fundaram uma colonia independente, que por tempo cresceu, e chegou a constar de algumas 700 familias portuguezas, quasi todas ricas com o trato da *China*, *Japão*, *Manilha*, e outros reinos, e terras orientaes. Pelos annos de 1622, começando a ser inquietados pelas esquadras holandezas, pediram soccorro, e defeza ao Vice-Rei da India, e então se sujeitaram ás leis de Portugal, tiveram governador portuguez, e a colonia teve o nome de *cidade*, que se chamou *do Nome de Deus de Macáo.*

Falleceu El-Rei D. João III. a 11 de Julho de 1557, e succedeu-lhe no throno seu neto El-Rei D. Sebastião ainda muito menino.

REINADO DE EL-REI D. SEBASTIÃO.

1557 — 1578.

ANNOS DE 1559 E 1560.

O Vice-Rei D. Constantino de Bragança tomou em 1559 a cidade de *Dàmàm*, e em 1560 a Ilha de *Manar* principal pescaria das perolas de *Ceilão*, aonde levantou fortaleza.

Em 1560 navegando a Não S. Paulo (que depois veiu a naufragar em *Çamatra*) pelos mares do Sul, em que chegou aos 42° austr., avistou em 37° e 45ⁱ uma formosa Ilha, que os mareantes desenharam, encantados da sua bella apparencia. O piloto lhe quiz dar o seu nome, chamando-lhe *Ilha de Antonio Dias*; mas hoje a achamos denotada nas cartas com o nome de *Ilha de S. Paulo.* E diz a *Relação* do naufragio, que estava Norte-Sul com a dos *Romeiros*, e as *Sete Irmãas.*

No mesmo anno foi a missão do P. Gonçalo da Silveira á *Cafraria.* Entrou por *Inhambane* até á Côrte de *Otongue*: veiu aos rios de *Cuama*, entrou pelo *Quilimane* até *Giloa*, á bôca do *Zambeze*, a *Inhamoi*, á Côrte de *Simbaoe*; *etc.* No anno seguinte de 1561 foi morto pelos barbaros.

Duarte de Albuquerque Coelho donatario da capitania de *Pernambuco* no Brazil, com Jorge de Albuquerque Coelho seu irmão, andando na conquista, e defeza das terras da capitania, descobriram o *rio de S. Francisco.*

ANNOS DE 1562 E 1566.

Em 1562 tomando o Cardeal Infante D. Henrique a tutoria de El-Rei D. Sebastião, ainda menor, lhe apresentou Lourenço Pires de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo. Em um d'elles recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, no interior de Africa, e escolha de pessoas aptas pára esta empreza.

Entraram os Portuguezes nas Ilhas de *Gotó*, as mais occidentaes de Japão em 1566: e El-Rei de Portugal mandou um rico presente a D. Bartholomeu, Rei de *Omurá* no mesmo *Japão.*

Achamos escripto que a celebre mina de mercurio de *Guanca-Velica*, a 30 leguas ao Norte de *Guamanga* no *Perú* fôra descoberta pelo Portuguez Henrique Garcez, ao qual se attribue tambem o descobrimento de outra mina do mesmo metal em *Paraz* em 1564.

ANNO DE 1566.

Quando Gonçalo Pereira hia á conquista de *Amboino*

em 1566, sabendo da estada dos castelhanos em *Cebu*, *e determinando hir em busca d'elles; como os seus pilotos não tinhão muita noticia d'aquellas partes, não passou da ponta de uma Ilha, que chamão terra dos negros, 25 leguas atraz de Cebu, aonde ficou bordejando em 9° da banda do Norte, mandando d'alli navios 'a descobrir por todas as partes, &c.* (*Hist. da India* no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Atayde, por Ant. Pint. Pereira, liv. 1. cap. 29.)

ANNO DE 1567.

Mem de Sâ Governador Geral do Brazil, lançou os fundamentos â cidade do *Rio de Janeiro*, da qual foi primeiro capitão Salvador Corrêa de Sá. Deu-lhe o nome de cidade de *S. Sebastião* em memoria de El-Rei.

ANNO DE 1569.

Tendo El-Rei D. Sebastião dividido o imperio lusitano-oriental em trez governos, o 1.° desde o *Cabo das Correntes* até o de *Guardafui*; o 2.° desde *Guardafui* até *Ceilão*; e o 3.° desde *Ceilão* até á *China*: deu o governo da primeira divisão a Francisco Barreto, que neste anno partiu para a costa oriental de Africa. D'ahi capitaneou a expedição ao *Monomotapa*, e minas de *Çofala*: ajustou pazes com

os Reis de *Chicanga*, e *Quiteve*: passou a *Sêne* capital das possessões portuguezas na *Cafraria*: e mandando Embaixadores a *Simbaoe*; obteve do Imperador as minas de prata de *Chicova*, de *Rutroque*, e de *Mocarás*. Foi a *Chicova*, e vindo a *Tete*, estabelecimento portuguez, ahi falleceu em 1573. O seu successor Vasco Fernandes Homem ainda continuou a commandar a expedição, e penetrou até ás minas de *Chicanga*, de *Manhica*, &c.

No Malabar renderam-se ás armas portuguezas *Onór*, e *Barçalor*: e Gonçalo Pereira Marramaque fundou fortaleza em *Amboino*, e descobriu n'aquelle mar algumas Ilhas, ainda não conhecídas dos Portuguezes. (*Hist. da India* no Governo de D. Luiz de Atayde por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 30.)

Parece-nos digno de louvada memoria o honrado desinteresse do insigne capitão D. Luiz de Atayde, o qual sahindo da India para o Reino a 6 de Janeiro de 1572, quiz trazer quatro vasilhas com agua dos rios *Indo*, *Ganges*, *Tigres* e *Eufrates*, as quaes depositou, e se conservaram por muito tempo no seu castello de Peniche, como testemunho das unicas riquezas, que trouxera d'aquelles Estados.

Antonio Pinto Pereira escreveu a Historia da India no tempo em que a governou D. Luiz de Atayde, offerecida a El-Rei D. Sebastião, e impressa em Coimbra em 1616. folh.

ANNO DE 1570.

No mez de Setembro começou a desevonlver-se a gran-

de liga dos Reis da India contra os Portuguezes, favorecida pelo Turco, e Persa. — Notavel defeza de Chaul e de Gôa, e outras fortalezas do Malabar contra o Nizamaluco, Hidalkan, e outros Reis e Principes colligados.

ANNOS DE 1574 E 1575.

Havendo-se já em 1559 e 1560 feito as primeiras tentativas para a fundação do estabelecimento portuguez em *Angola*, mandou El-Rei D. Sebastião renoval-as neste anno de 1574. Foi o capitão da empreza, e fundador, conquistador, e Governador d'aquelle nascente reino, Paulo Dias de Novaes, neto, e digno descendente de Bartholomeu Dias, descobridor do Cabo da *Bôa Esperança*. Sahiu de Lisboa em 1574, e chegou a Africa em 1575. Construiu logo o forte de S. Miguel, fundou a primeira povoação, e igreja, ordenou as cousas do governo civil, e intitulava-se «*capitão, e Governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia*» dando-lhe o nome de *Sebaste* em memoria de El-Rei de Portugal. Este nome foi logo esquecido, como era de presumir, e o reino tomou o nome de *Angola*, que era o de um Rei do paiz, a cujas instancias se tinha emprehendido ao principio aquelle estabelecimento.

Pelos annos adiante, e por differentes circumstancias se forão os Portuguezes alargando pela costa, e pelo sertão: e em 1784 erão pertenças do reino de Angola.

O presidio de *Massangano*, fundado em 1583
de *Muxima* .... ?
de *Cambambe* 1603

de *Ambaca*. 1614
de *Benguella* 1617
das *Pedras de Pungo andongo*. 1671
de *Caconda*. 1682
de *Novo Redondo*. . . . . . . ?
de *Encoge*. 1759

&c.

ANNOS DE 1578 E 1579.

Em 1578 concorrião á pescaria dos mares da *Terra Nova*, pelo menos, 50 navios portuguezes, que importavão cousa de 3:000 toneladas. Os navios hespanhoes que ahi concorrião ao mesmo tempo erão 100; os francezes 150; os inglezes 30!

Em 1579 se entregou ao capitão Portuguez de *Amboino* a Ilha do *Bouro grande*, no archipelago das Molucas.

PERIODO 4.º

DESDE O ANNO DE 1578 ATÉ AO PRESENTE.

ANNOS DE 1580 A 1599.

Em 1580 o Rei de *Ceilão* Prea Pandar fez doação de seus Estados a El-Rei de Portugal D. Henrique por não ter filhos que lhe succedessem.

Em 1582 se submetteu aos Portuguezes, acceitando a Religião Christã, a *Ilha de Labua*, situada no archipelago das Molucas a pouca distancia de *Ternate*.

Em 1583 o Rei de *Chale*, se fez tributario, e os Portuguezes levantaram alli fortaleza.

Em 1587 ou 1588 levantaram os Portuguezes fortaleza em *Mascate*. D. Paulo de Lima expugnou a cidade de *Jor*, e entrou triunfante em *Malaca*.

Em 1590 foi tomada pelos Portuguezes *Candia*, capital do reino do mesmo nome em *Ceilão*.

Em 1595 levantaram os Portuguezes fortaleza em *Solór*. (v. anno de 1629.)

Em 1597, por fallecimento do Rei de Calumbo sem successão, foi acclamado Rei o de Portugal, a quem elle doára os seus Estados.

Em 1599, D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Gôa, visitou a christandade das *Serras do Malabar*, e celebrou Synodo. Fr. Antonio de Gouvêa, augustiniano, escreveu « *Jornada do Arcebispo de Gôa*, *&c.* » Coimbra, 1606.

ANNO DE 1600.

O celebre Portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou neste anno uma casa forte no *Pegú*, na fóz de *Serião*, e depois de varios casos, e extraordinarias façanhas, chegou a ser acclamado Rei de *Pegú* em 1603. Acha-se a Relação d'este notavel facto impressa com o *Itinerario* de *Tenreiro* em algumas edições de Fernam Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.

ANNO DE 1602.

Bento de Goes, Jesuita Portuguez, que tinha bom conhecimento da lingua persiana, e de outras orientaes, foi mandado ao descobrimento do *Gran-Cataio.* Viajou mais de trez annos pelos sertões da Asia, caminhando sempre pelo norte do Imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbegs* para o oriente até á *China*, tirando em resultado que o *Gran-Cataio* era o proprio Imperio da *China.* Na *China* falleceu em 1607.

No mesmo anno de 1602 passou da India á Persia o augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, mandado pelo Governador da India como Embaixador ao Schach-Abbas. Este principe o enviou, em companhia de outro Embaixador seu, a Roma e a Hespanha. Voltou á *Persia*, e d'ahi á Europa, atravessando os desertos da *Arabia.* Chegado a *Alepo*, e embarcando para *Marselha*, foi tomado por Corsarios Argelinos, e esteve captivo em Argel, &c.

ANNO DE 1606.

O Governador de Angola D. Manuel Pereira Forjaz, intentando a communicação com a contra-costa, nomeou para o descobrimento d'este caminho a Balthazar Rebello

(ou Pereira) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, assim pelo valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. — Começou, e tinha já penetrado no interior do paiz, quando se viu obrigado a retroceder, para acudír á fortaleza de Cambambe, sitiada por um Soca visinho, e pelos negros do *Mosseque*.

ANNOS DE 1606 E 1607.

Nicoláo d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, sahiu de Gôa em 1606 com destino de vir a Portugal por terra. Nos principios de Agosto estava na fortaleza de *Comorom*: d'ahi partiu para Lara, Xirás, Romus, Bagadet, Ana, Taibe, e Alepo, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607; d'ahi veiu por Alexandreta, e por fim chegou a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Filippe o mandou de novo á India. Escreveu o seu *Itinerario*, que deu a Pedro de Mendonça Furtado, e do qual existe uma cópia incompleta (de que falla Barbosa Machado) na Bibliotheca publica de Lisboa (B — 4 — 8 — numeração provisoria.) Parece que seguio o mesmo caminho que trouxe Fr. Gaspar de S. Bernardino, e é provavel que o mesmo trouxesse D. Alvaro da Costa em 1611 por ser o das *caravanas*, que tinhão roteiro determinado.

ANNO DE 1607.

O Imperador *Monomotapa*, tendo sido auxiliado pelos Portuguezes, fez doação a El-Rei de Portugal das minas do ouro, prata, cobre, &c., que houvesse nos seus Estados. Esta doação foi acceitada, em nome de El-Rei pelo capitão de *Téte*, Diogo Simões Madeira.

D. Estevão de Atayde foi no anno seguinte de 1608 ao exame, e posse d'estas minas, e especialmente das de ouro e prata de *Chicova*. E escreveu a *Relação* do seu trabalho, e exame.

Por occasião da exploração d'estas minas se fundaram em 1614 as fortalezas de *Massapa*, e *Chicova*.

ANNO DE 1609.

Conquistaram os Portuguezes a Ilha de *Sundiva*, a pouca distancia da terra firme de *Bengala*, e dependente do reino de *Arracan*. Sebastião Gonsalves Tibáo a governou com poder independente; tomou ao Rei de *Bacalá* as ilhas de *Xavapur*, e *Patelavanga*, e a outros principes varias terras n'aquellas paragens.

ANNOS DE 1610 A 1612.

Em 1610 publicou Pedro Teixeira as suas «*Relaciones del origen, descendencia, y succession de los Reys de la Persia, y de Hormuz, y de un viage hecho des de la India Oriental hasta Italia por terra.* «Amberes, 1610. 8.º Este celebre Portuguez passou de Lisboa á *India*, veiu a *Ormuz*, correu a *Persia*, esteve nas *Filippinas*, e *nova Hespanha*, e aportou a S. Lucar em 1601. Voltou depois á *India*, e de Gôa veiu a *Baçora*, *Bagdad*, *Alepo*, &c. D'ahi passou a *Veneza*, e de Veneza a *Anvers*, aonde residiu e depois falleceu.

Em 1612 apossaram-se os Portuguezes de *Benderabasi* (*Gomroun*), entre *Ormuz* e *Kismish*, celebre porto no golfo Persico, aonde levantaram dous fortes para defeza, (Godinho escreve «*Bandel Abassi* — e *Comorom.*)»

ANNOS DE 1613 A 1620.

Em 1613, e nos annos seguintes mandou o Vice-Rei da India algumas expedições á Ilha de *S. Lourenço* com o fim de examinarem os seus portos, e se informarem da gente, costumes, e producções da terra, e de indagarem

se por alli existião alguns dos Portuguezes, que por vezes havião naufragado n'aquellas costas.

Em uma d'estas expedições tocou um dos pilotos a bella Ilha do *Cirne*, descoberta em outro tempo pelos Portuguezes. Esta Ilha é a que os Hollandezes depois denominaram *Ilha Mauricia*, e os Francezes *Ilha de França*.

«D'esta jornada de exploração, ordenada pelo Vice-Rei D. Jeronymo de Azevedo, nos ficou uma *Relação* manuscripta por Paulo Rodrigues da Costa.»

Em 1614 e 1615 Jeronymo de Albuquerque Coelho expellíu do *Maranhão* os Francezes, que alli estavão havia perto de trez annos com grandes forças, e fundou a nova colonia, que deu principio áquelle Estado. Teve grande parte nesta honrada facção o Sargento-mór do Estado do Brazil Diogo de Campos Moreno, que escreveu a relação do successo com o titulo «*Jornada do Maranhão por ordem de Sua Magestade feita no anno de* 1614.»

Em 1615 e 1616 se começou a povoação do Pará, sendo fundador da cidade, e seu primeiro Capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco.

O Rei de *Siam* mandou fazer proposições de alliança ao Vice-Rei da India, offerecendo lugar para a fundação de uma fortaleza no porto de *Martavam*.

O porto e fortaleza de *Soar*, na costa da *Arabia* foi expugnado, e tomado pelos Portuguezes.

Pelos annos de 1619 e 1620 avassallaram os Portuguezes o Rei de *Dongo*, no sertão de *Angola*, ficando elle tributario a Portugal com o reconhecimento de 100 escravos cada anno.

ANNO DE 1622.

Em 1622 chegou a Gôa o P. Jeronymo Lobo, Jesuita Portuguez, mandado ás missões da India. Veiu a Moçambique em 1624, e entrando no paiz dos Galas passou á Abyssinia, aonde viveu muitos annos. Depois de largos, e perigosos successos voltou a Portugal aonde falleceu em 1658. Escreveu o seu *Itinerario* geralmente estimado dos eruditos.

ANNO DE 1623.

Estabelecimento do Governo do Estado do *Maranhão*, e *Gran-Pará* como separado do Governo Geral do Estado do Brazil. E' seu primeiro Governador, e Capitão General Francisco Coelho de Carvalho, que toma posse, e realisa a separação em Setembro de 1626.

ANNO DE 1624.

Por estes annos sahiu do *Dely* o P. Antonio de An-

drade Jesuita Portuguez, com o intento de descobrir a christandade do *Tibet*. Conseguiu com effeito, depois de uma longa e trabalhosa peregrinação, chegar á côrte de *Caparanga*, capital do reino. Recolhendo-se a Gôa, fez ainda segunda viagem, levando em sua companhia o P. Gonçalo de Sousa: e quiz fazer terceira, que os seus superiores lhe não permittiram. De ambas ha *Relações* impressas, que se traduzíram em varias linguas. O epitafio da sepultura do P. Andrade o denomina »*primus missionis Thibetensis explorator et fundator.*« Falleceu em 1634.

ANNO DE 1629.

D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, visitando a ilha de *Solor* habitada por Portuguezes, fez reparar a muralha, e melhorou a povoação, deixando ahi por governador o valoroso Nuno Alveres Botelho. (*Memoria contemporanea.*)

ANNO DE 1635.

Depois da morte do P. Andrade (v. anno de 1624) foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, tambem Jesuita, natural de Celorico da Beira, que escreveu «*Relação copiosa dos trabalhos, que padeceu na missão do Tibet.*« (V. Barb. Mach. *Bibliothec. Lusit.*)

ANNOS DE 1637 A 1639.

Pedro Teixeira, Portuguez, fez neste anno por ordem do Governo do *Pará*, a grande viagem desde o *Pará* até *Quito*. Remontou o rio *Maranham* ou *Amazonas*, até onde se lhe ajuntão as aguas do rio *Napo*. Entrou pelo *Napo*, que mais acima tem o nome de *Coca*, e navegou por elle até mui perto de *Quito*, aonde finalmente chegou por terra.

Sahiu Teixeira dos confins do Pará a 28 de Outubro de 1,637, com 47 canôas de bom porto, levando 2:000 pessoas, entre ellas 70 soldados todos Portuguezes, 1:200 Indios, e os mais mulheres, e rapazes. Commandava huma vanguarda o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, nascido no Brazil. Chegou a *Quito* nos fins da Setembro de 1638. Voltou ao Pará em Dezembro de 1639.

(Veja-se *Nuevo descubrimento del gran Rio de las Amazonas: por el P. Christoval de Acunã*. Madrid, 1641. 4.º)

Em 1639, o capitão Pedro da Costa Favella, Portuguez, é o primeiro, que entra no *Rio Negro*.

ANNOS DE 1645 A 1648.

Pelos annos de 1645 e seguintes andavão na Côrte de Portugal dous principes orientaes, vassallos de El-Rei. Um era o Rei das *Maldivas*, que tinha vindo pedir auxilio contra um seu irmão que lhe usurpára o throno. Este principe serviu na campanha do *Alem-Tejo*. O outro era D. Martinho principe de *Arracam*, que tendo sido baptisado e creado em Gôa, e tendo servido nas armadas portuguezas da India, obteve de El-Rei a capitania de Gôa por Alvará do anno de 1646.

Em 1647 sahiu de S. Luiz do Maranhão Bartholomeu Barreiros de Atayde, mandado por El-Rei ao descobrimento das minas do rio *Aguarico*, ou *do Ouro*, e foi acompanhado do religioso Carmelitano Fr. José de Santa Teresa, que por ter sido muitos annos captivo dos gentios sabia a lingua de varias nações d'aquelle sertão. D'esta expedição parece que não houve resultado algum.

Em 1648 se recobraram os Estados de Angola do poder dos Hollandezes. Foi o illustre fidalgo Salvador Corrêa de Sá e Benavides, Governador que então era do Rio de Janeiro, o que executou esta gloriosa empreza com poucos meios, mas com grande valor, industria, e ardileza. Todas as dependencias de Angola ao Sul e ao Norte ficaram limpas de tão perniciosos inimigos. O Rei de Congo, que com elles se tinha alliado, obteve a paz, cedendo á Corôa de Portugal a Ilha de *Loanda*.

ANNO DE 1651.

Principios da povoação da *Ilha dos Patos* (hoje *Ilha de Santa Catharina*) sobre a costa do Brazil por Francisco Dias Velho Monteiro, com a sua familia, e 500 Indios domesticados. (*Rezum. Hist. de Santa Catharina* pelo Visconde de S. Leopoldo. Pariz 1839.)

ANNO DE 1660.

A este anno se faz memoria de um Portuguez appellidado *Melgueiro*, que sendo mestre, e piloto de um navio hollandez, sahiu do *Japão* em Março; dirigiu-se aos mares do pólo arctico, subindo até 84°; passou entre a antiga *Groenlandia*, e *Spitzberg*, e deixando á esquerda a *Scotia*, viera a Portugal.

O escriptor que nos subministrou esta noticia, cita *Mr. de Buache, no Parallèle des Fleuves*, Hist. da Academ. das Scienc. de Pariz, an. 1753 e *Memorias* da mesma Academia pag. 885. E accrescenta por testemunho de *Mr. Buache*, que os Batavos tinhão, e occultavão com recato o *Diario* d'esta navegação unica até áquelle tempo.

O mesmo escriptor nos dá ainda outra noticia, que

diz ser sabida « *Notum etiam est* (diz elle) *Martinum Chack Lusitanum*... &c. » isto é, que um Portuguez por nome Martim Chack, governando uma Náo em conserva de outras duas pelo *mar pacifico*, fôra correndo os mares, arrojado por uma violenta tempestade, e ventos occidentaes, achando-se por fim á parte meredional da Irlanda, donde viera a Lisboa.

ANNO DE 1663.

O P. Manuel Godinho natural da villa de Montalvão, egresso da companhia de Jesus, Prior de S. Nicoláo de Lisboa e depois de Loures, estando nas missões da India, veiu por terra a Portugal, de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu « *Relação do novo caminho que fez por terra, e mar, vindo da India para Portugal no anno de* 1663 » impressa em Lisboa em 1665.

ANNOS DE 1668 E 1669.

Sobre o descobrimento do *Rio Negro* na America portugueza deve vêr-se o *Diario da Viagem* que fez pela *capitania de S. José do Rio Negro*, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa em 1825.

Mandou El-Rei de Portugal Embaixador á *China*, o qual foi recebido do Imperador com grandes mostras de benevolencia, e obteve algumas liberdades para a religião e para o commercio.

ANNOS DE 1678 A 1680.

Ayres de Saldanha, que por estes annos governava *Angola*, intentou abrir communicação por terra a *Benguella*, e d'ahi á contra-costa de *Sena*. Offereceu-se para esta empreza o capitão José da Rosa, mas sahindo de *Massangano*, a poucas jornadas encontrou tantas difficuldades, e tanta opposição em muitos Sovas, que lhe impedião a passagem, que se viu forçado a retroceder.

ANNO DE 1682.

Em 1682 pouco mais ou menos, Bartholomeu Boeno da Silva natural de Pernahiba, com um seu filho do mesmo nome chegaram a Goiazes. O filho foi pouco depois o principal descobridor das terras d'aquella capitanía. (Veja-se a *Memoria sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da capitania de Goiaz*, no Jornal de Coimbra, Num. 76. Part. 1. Art. 1., *pelo P. Luiz Antonio da Silva e Sousa, natural da Serra do Frio, capitania*

de Minas Geraes.) Parece que em 1726 é que se fez alli estabelecimento de povoação Portugueza, de que foi primeiro Governador, o de S. Paulo, Rodrigo Cezar de Menezes até 1728.

ANNO DE 1696.

Por estes annos descobriram os Portuguezes o *aljofar*, e as *perolas* nos mares de *Çofála*, a cousa de 30 leguas da barra de *Luabo*.

Tambem se descobriram as minas de prata no reino de *Mocranga*, na terra chamada *Nhanace*, quasi confinante com as nossas terras de *Tete* junto do *Zambeze*.

ANNO DE 1729.

Notaremos aqui, que, segundo um antigo escriptor Portuguez, *até os ultimos annos de El-Rei D. Sebastião não se tinha descoberto no Brazil minas de ouro, nem de prata, nem outras riquezas, e perolas, &c.*

Em 1659 achamos a primeira noticia (ainda duvidosa) de uma *rica mina descoberta ha pouco tempo no Brazil.*

Em tempo de El-Rei D. Pedro II. *se começaram a descobrir as minas do ouro*, sendo Governador do Rio de Ja-

neiro Artur de Sá. Nas exequias que se fizeram a este Soberano em Roma, se lia, entre outras legendas, que adornavão o tumulo, esta:

« *Novis in Brasilia inventis aurifodinis munificentiæ*
« *Petri II. servit Natura.* »

Em 1719 se descobriram as novas minas de ouro de *Cuiabá*, *Goiazes*, e outros districtos, sendo a mais preciosa a do *Serro do Frio*, por d'ella sahirem tambem diamantes.

Em 1727 e 1728 se descobriram os *diamantes* no Brazil, e achamos em memoria, que a frota, que viera do Rio de Janeiro em 1730, trouxera a Portugal 1146 onças.

ANNOS DE 1722 A 1729.

Em 1722 vierão a Portugal Embaixadores de um Rei poderoso da Ilha de *S. Lourenço*, offerecendo a El-Rei os portos do seu reino para nelles mandar levantar fortalezas.

Em 1723 foi despachado pelo Governo do Pará o capitão Francisco de Mello Palheta, com uma tropa de exploração a correr e examinar o rio *Madeira* no Brazil aonde já tinha hido em 1716 outra expedição portugueza.

Em 1725 mandou El-Rei Embaixador á *China* a cumprimentar o Imperador pela sua exaltação ao throno. O Embaixador Alexandre Metello entrou em Pekin em 1727.

Em 1726: primeiro estabelecimento da povoação portugueza em *Goiaz*. (V. o anno de 1682.)

Em 1729 recebeu o Vice-Rei da India uma embaixada do Principe de *Agra*, e outra do *Raja de Ambor* que pedia que de Portugal lhe fosse enviado algum habil mathematico, com quem podesse conferir certos pontos astronomicos. Este Embaixador veiu a Lisboa com cartas e presentes do mesmo Principe, e do Gran-Mogol Mahamed Shea, que se intitulava *Imperador do Indostan*.

ANNOS DE 1735 A 1737.

Antonio Ribeiro Sanches, sabio Portuguez, primeiro medico dos exercitos da Russia, correu nestes annos, por ordem d'aquelle governo, a *Ukrania*, as margens do *Don* até ao mar de *Zabache*, e os confins do *Cuban* até *Azoff*: atravessou os desertos entre a *Criméa*, e *Backmut*: visitou os *Calmucos* desde o reino de *Cazan* até ás margens do *Don*: e os *Tartaros* da *Criméa*, e de *Nogai*, e os *Tartaros* de *Kergissi*, e *Tcheremissi* ao norte de *Astracan*, desde 50° até 68.° de lat., &c. Buffon, *Hist. natur. de l'homme.*)

Nos mesmos annos foi povoado no Brazil *Mato-grosso* pelos moradores de *Cuiabá*.

ANNOS DE 1741 A 1743.

Foi neste anno a primeira exploração do rio *Aporé* e do celebre sitio do *Corumbijura* por alguns moradores de *Mato-grosso*. (Veja-se *Navegação desde o Pará até Mato-grosso*, impressa pela Academ. R. das Scienc. em 1826.)

ANNO DE 1747.

Neste anno sahiu do Gran-Pará por ordem de El-Rei de Portugal uma escolta, que navegou pelo *Amazonas* até ao *Madeira*, seu confluente. Começou-se a viagem a 14 de Julho, e a 25 de Setembro chegou a escolta á embocadura do Madeira. Navegou por este rio até 17 de Dezembro, em que chegou ás *Cachoeiras*. Vencidas 19 cachoeiras, navegou pelo *Aporé*, que os Hespanhoes chamão *Ithenes*, e a 14 de Abril de 1750 chegou ás minas de *Mato-grosso*, que era o seu destino, com 9 mezes completos de viagem. Escreveu a *Relação* d'ella *José Gonsalves da Fonseca*, e a Academ. R. das Scienc. de Lisboa a imprimiu em 1826.

ANNOS DE 1768 A 1775.

Entre os annos de 1768 e 1774 foi escripto o *Roteiro da Viagem da cidade do Pará até ás ultimas colonias dos dominios portuguezes, em os rios Amazonas, e Negro, illustrado com algumas noticias, que podem interessar a curiosidade dos navegantes, e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará, e S. José do Rio-negro.* Escreveu-o o Reverendo José Monteiro de Noronha.

Em 1774 e 1775 foi a viagem pelo *Amazonas*, e *Rio-negro*, feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sam Payo, ouvidor da capitania de *S. José do Rio-negro*, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa, em 1825.

ANNO DE 1783.

Ordenando a Rainha D. Maria I. que se despachassem viajantes aos sertões da America para collegirem noticias dos varios productos da natureza, foi um d'elles o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, levando por desenhadores a Joaquim José do Cabo, e a José Joaquim Freire. (*Memor. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa* tom. 5. pag. 65.) O gravador Manuel Marques de Aguilar, tendo hido a Inglaterra aperfeiçoar-se na sua arte, foi depois, pelos annos de

1794 pouco mais ou menos, encarregado de abrir as estampas pertencentes áquellas viagens.

O naturalista Manuel Galvão da Silva foi mandado para *Moçambique* em execução das mesmas Ordens Regias, e para o mesmo fim, levando em sua companhia o desenhador Antonio Gomes. (*Ib.* pag. 63)

ANNO DE 1787.

O Tenente Coronel Manuel da Gama visitou neste anno o *Rio Branco* por ordem da côrte, e o descreveu com prolixa investigação, fazendo levantar a carta respectiva pelo Engenheiro Doutor em Mathematica José Simões de Carvalho.

ANNOS DE 1796 A 1798.

Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partiu d'esta cidade a 29 de Dezembro de 1796 como enviado de S. A. o Principe Regente, em companhia de *D. João Carlos de Bragança, Embaixador Ethiope do Rei de Dahomé.* Foi a Dahomé, e voltou á Bahia, aonde chegou a 5 de Fevereiro de 1798. Escreveu, e offereceu ao Principe em 1800 «*Viagem de Africa em o reino de Dahomé*» manuscripta, em 4.º, que está na Bibliotteca R. da Ajuda.

Em 1797 partiu o Major Francisco Nunes com uma expedição ao descobrimento da communicação do rio *Capim* para o *Piauhy*. Voltou, e deu conta da viagem em 1798.

ANNO DE 1798.

Estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares) no ministerio dos negocios da Marinha e dominios Ultramarinos, quiz renovar a empreza (outras vezes tentada) da communicação entre as duas costas occidental e oriental de Africa por terra. Designou para isto a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o, com este intento, governador dos *Rios de Sena*, d'onde havia de partir a expedição. Lacerda partiu para o seu governo, munido de instrumentos e meios adequados; procurou informações e noticias; e pôz-se a caminho para o interior. Chegando ás terras do Rei Cazembre (que parece ser o ponto central entre as duas costas) ahi falleceu. Os seus companheiros, a quem elle, á hora da morte, recommendou a continuação da empreza, não annuiram a esta recommendação, e a empreza ficou sem o seu completo effeito.

(Vejão-se os Extractos da Obra publicada em Londres, na lingua ingleza, em 1824 com o titulo « *Relação dos descobrimentos feitos pelos Portuguezes no interior de Angola e Moçambique, tirada de manuscriptos originaes por F. E. Bowdich.*)

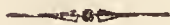
ANNO DE 1799.

Ao mesmo tempo que da parte oriental de Africa se tentava a empreza da communicação das duas costas pelo interior, de que fallamos no artigo antecedente, tentava-se tambem da parte occidental, por ordem do Capitão General de Angola D. Fernando de Noronha, que encarregou d'este descobrimento o Tenente Coronel, Commandante e Director da Feira de *Casange* Francisco Honorato da Costa.

Os exploradores chegaram ao sitio de *Cazembre*, aonde tinha fallecido o Doutor Lacerda ; mas ahi acharam embaraços, que por alguns annos os detiveram.

Em 1807, sendo Governador o Capitão General de Angola Antonio de Saldanha da Gama (depois Conde de Porto Santo, e ha pouco fallecido) renovou este a mesma tentativa, mandando uma expedição á contracosta, a qual com effeito se executou, voltando a Loanda em 1809, e trazendo embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com *Moçambique*.

Enviou ainda o mesmo Governador e Capitão General segunda expedição com ordem expressa de hir até *Moçambique*, a qual voltou a Loanda estando já no governo de Angola José de Oliveira Barbosa, e trazendo cartas do Governador de Moçambique.

ANNOS DE 1810 E 1811.

Em 1810 levantou o Capitão Tenente José Joaquim da Silva a carta hydrographica da costa do Pará até ao Maranhão.

Em 1811 sahiram da capital do Brazil, por ordem do governo, exploradores da navegação do Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Tapajóz, e Xingu, rios que todos entram no Amazonas.

FIM DO INDICE.

MEMORIA

SOBRE

AS VIAGENS DOS PORTUGUEZES

A' INDIA POR TERRA, E AO INTERIOR DE AFRICA.

El-Rei D. João II., inspirado pelo seu grande animo, e não vulgar instrucção, e munido dos planos, informações, e notas de seu tio o immortal Infante D. Henrique, logo que subiu ao throno de Portugal em 1481, tomou tanto a peito o descobrimento da India e terras orientaes, como é constante da historia do seu reinado: e não se contentando de continuar nas emprezas maritimas na costa occidental de Africa, que originariamente se dirigiam áquelle fim, resolveu mandar por terra viajantes exploradores, que trabalhassem, por descobrir aquellas apartadas regiões, e por se

instruir da situação das terras, das suas producções, do seu commercio, dos caminhos por onde os Portuguezes poderião a ellas conduzir-se, e finalmente de tudo quanto fosse em utilidade do plano geral, cuja execução se havia emprehendido, e elle desejava concluir.

Havia na Europa desde o seculo 12.º a idéa vaga e confusa de um principe mui poderoso d'aquelle oriente, que seguia e professava a religião christaã, e que se designava commumente com o nome de « *Preste-João.* »

O primeiro, que parece haver trazido á Europa a noticia d'este potentado, foi um Bispo da Syria, que vindo pelos annos de 1145 implorar a protecção do papa Eugenio III., fallava de *um principe christão, nestoriano, chamado Preste-João,* que reinava no oriente; o qual tinha alcançado algumas victorias contra os Persas, e não duvidaria vir em auxilio dos christãos de Jerusalem contra os infieis (1).

No seculo seguinte, e no anno de 1237, escrevia o prior dos frades prégadores da Terra-santa ao papa Gregorio IX., referindo-lhe os serviços que os seus religiosos tinhão feito ao christianismo em differentes regiões da Asia, e nesta carta dizia, entre outras cousas « *Temos recebido muitas cartas do patriarcha nestoriano, a quem obedece a grande India, o reino do Preste-João, e as terras visinhas do oriente* » onde vemos o nome do *Preste-João* unido ao da *grande India*, e descobrimos a razão provavel porque

(1) Fleuri, *Hist. Eccles.* liv. 69 §. 10 ao an. 1145. *Natal Alexandre* tambem menciona uma carta do Papa Alexandre III., escripta em 1177, e dirigida «*illustri et magnifico Indorum Regi, sacerdotum sanctissimo, &c.*« e diz o historiador que era endereçada »*ao Rei dos Ethiopes, a quem chamamos Preste-João*« esta carta vem na Collecção de Concilios do P. Labbe, no tom. 10.

depois se foi dando áquelle tão nomeado e tão inculcado Principe a denominação de *Preste-João das Indias.*

No seculo 14.° forão muitas as expedições de missionarios christãos, mandados pelos summos pontifices á Persia, á Tartaria, á China, e a outras terras orientaes, os quaes todos fizeram não pequenos serviços ao christianismo n'aquellas remotas regiões, chegando a fundar estabelecimentos religiosos em *Cambalu*, e *Caiton* na China septemtrional, em *Usbeck*, em *Sultania*, em *Ceilão*, na *Java*, *&c.* E posto que nas relações d'estes missionarios, ou nas memorias, que d'elles, e dos seus trabalhos nos teem dado os escriptores eccleciasticos, não achamos expressamente repetido o nome de *Preste-João*, é comtudo verosimil, que elle se conservasse junto com a lembrança das primeiras e mais antigas noticias; e como por outra parte constava, que em alguns d'aquelles paizes se encontravão christãos da seita, ou rito nestoriano, facil era ligar e confundir estas idéas, que a ignorancia da geografia não permittia ainda rectificar, e apurar (1).

Ainda no seculo 15.°, pelos annos de 1461, se faz menção de certos legados orientaes, que tendo vindo a Ita-

(1) No *Atlas em lingua catalã*, delineado, e escripto em 1374, e publicado de um exemplar da *Bibliotheca do Rei de França* pelo Sr. J. A. C. Buchon no anno de 1838, se vê entre as duas palavras «*Affricha*» e «*Nubia*» a figura de um imperador coroado, com sceptro na mão, e a lado a legenda»......... *de Sarrayns, ciutat do....est...de Nubia. Está tos temps en guerra e armes con crestians de Nubia, qui son so seynoria de l'imperador de Ethiopia de la terra de Preste Johan* «isto é»... *de Sarracenos, cidade do...est... da Nubia. Está sempre em guerra e armas com christãos da Nubia, que estão debaixo do senhorio do imperador de Ethiopia, da terra do Preste-João.* «Nova prova do que vamos dizendo sobre a antiguidade do nome de *Preste-João* na Europa.

lia solicitar do santo padre Pio II. auxilio contra os Turcos, passaram a França a empenhar o Rei Carlos VII. em seu favor, sendo acompanhados de um, que se dizia prelado dos frades menores, e talvez tomava o titulo de patriarcha de Antioquia, nomeando-se *orador* ou *legado do Preste-João*. A enfermidade de Carlos VII., de que logo falleceu, não permittiu que estes legados fossem por elle ouvidos; e o santo padre tendo entretanto podido averiguar, que erão insignes impostores, mandava reter em Veneza o falso patriarcha, que houve por bem retirar-se a tempo com os seus companheiros.

Este facto, bem como os precedentes, mostra quanto na Europa era acreditada desde antigos tempos a existencia do *Preste-João*, isto é, de um principe christão, muito poderoso, que reinava na India, ou nos paizes orientaes; crença que não nasceu da *ignorancia dos Portuguezes*, como dizem alguns ignorantes, ou mal intencionados escriptores estrangeiros, mas que tinha tido a sua primeira origem nas antigas relações, e que foi recebida em outros paizes antes que chegasse a Portugal.

El-Rei D. João II. foi pois dirigido nesta parte pelas idéas, que erão communs em toda a Europa, e sempre possuido do grande pensamento de descobrir a India, desejava muito abrir alguma communicação com aquelle principe, confiando que elle, pela qualidade de christão, se prestaria a uma facil e amigavel correspondencia; e como senhor de grandes Estados na India, não só traria consideraveis interesses ao commercio dos Portuguezes, mas tambem concorreria para que elles viessem a conhecer o melhor, mais breve, e mais seguro caminho maritimo para aquellas partes, que ha tantos aunos buscavão com incriveis trabalhos e despezas, e não menor constancia e perseverança.

Quando El-Rei volvia em seu espirito estes pensamentos

occorreu um accidente, que parecia confirmal-os e favorecêl-os.

Çacuta, ou Zacuta, mandado a Lisboa como Embaixador do Rei de *Beni*, informou a El-Rei, que além do seu paiz, cousa de 250 leguas para o Oriente, havia um Principe mui poderoso, denominado *Ogané*, de cuja *Suzerania* era dependente o Rei de Beni; e taes circumstancias acrescentava, e de tal modo descrevia os ritos, e o ceremonial, de que usava aquelle potentado, que El-Rei combinando tudo isto com as idéas, que havia do Preste-João, facilmente começou a presumir que poderia ser este o proprio Principe, e resolveu não poupar diligencia alguma para verificar a sua conjectura, ou presentimento (1).

No anno pois de 1486, ao mesmo tempo que mandava o illustre e intrepido navegador Bartholomeu Dias ao descobrimento do grande cabo meridional de Africa, lhe dava ordem, que nas terras, que fosse descobrindo, *lançasse certos negros e negras, que comsigo levava, já industriados, para que por elles chegasse á noticia do Preste-João, este desejo, que El-Rei tinha de o conhecer, e ter com*

(1) Uma das circumstancias, com que Çacuta descrevia o ceremonial d'aquelle misterioso Principe, era que *não se deixava ver dos seus vassalos, ouvindo-os de dentro de cortinas, e amostrando-lhes, quando muito, um pé.* (Barros, 1. 3. 4.) Esta mesma circumstancia notou muito depois, como propria do Rei dos Abexins, o illustre Castro, no *Roteiro do mar roxo*, aonde tratando dos costumes d'aquelles povos diz «*é ordenança dos Reys nam se averem de amostrar a seu povo, e passam muitos annos, que nam sam vistos. Quando quer que vão á guerra, ou caminham, levam per derrador de sí taes impedimentos, que nam podem ser notados de alguma pessoa*» O que porém nos parece ainda mais notavel a este respeito é o que lemos na viagem do douto e celebre viajante Arabe Ben-Batuta, que visitando as terras interiores de Africa

elle amizade. (*Baros*, 1. 3. 4.) E não contente o grande Principe com estas providencias, que mal satisfazião a sua incessante e ardente curiosidade, despachava tambem por terra varios outros viajantes, ordenando-lhes, que por via do Cairo ou de Jerusalem, que erão pontos então mui conhecidos e frequentados, tentassem penetrar até á côrte do Preste-João, e haver as informações e noticias, que tanto se desejavão.

Um escriptor nosso antigo menciona como primeiro entre estes viajantes um religioso por nome Fr. Antonio de Lisboa, acompanhado de outro frade leigo; mas logo adverte, que elles não chegaram a passar de Jerusalem, por não fallarem a lingua arabica. E Damião de Goes, na *Chronica de El-Rei D. Manuel*, part. 3. cap. 58., depois de dizer, que El-Rei D. João II. mandára *por algumas vezes, e em diversos tempos* homens que sabião a lingua arabica, sómente refere por seus nomes *Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e João Perez da Covilhã* (1), que são

pelo meio do seculo 14.°, e fallando do paiz de *Barnu*, cujos habitantes erão musulmanos, diz que «*tinhão um Rei, por nome Edris, o qual não apparecia á gente, nem fallava senão por detraz de uma cortina.*» Aproveitaremos ainda esta nota para dizer que o principe *Ogané*, assim denominado nas relações portuguezas, segundo a informação do Embaixador de Beni, nos parece ter alguma semelhança com o Rei de *Organa*, de que faz menção o Atlas Catalão, acima citado. Nelle se denota no interior de Africa um rio, a que chama *Nilo* (o *Niger*)?: por baixo se lê «*Nubia*» «*Organa*» e abaixo da palavra *Organa* esta nota «*aqui reina o rei de Organa, sarraceno que tem continua guerra com os sarracenos maritimos, e com outros* (alarahps), ou *occidentaes.*» Vej. *Notice sur un atlas en langue catalane, &c.* por Mr. Buchon, Paris. 1838, em 4.°

(1) Alguns escriptores dão a este segundo viajante o nome de *Pero*, ou *Pedro da Covilhã*; mas ha nisto equivocação, segundo

com effeito os que mais famosos se fizerão nestas expedições terrestres, destinadas a explorar os paizes orientaes, e a se informarem do *Preste-João das Indias.*

Ainda que os nossos escriptores não são perfeitamente uniformes em designar o anno, em que os viajantes sahiram de Portugal para esta importante commissão, temos comtudo por quasi certo, que El-Rei os despachou, estando em Santarem, a 7 de Maio de 1487, sendo então presente ao despacho o Duque de Beja D. Manuel, que depois foi Rei. Esta é a data seguida por Castanheda, Barros, e outros.

Os viajantes forão por terra até Napoles, e embarcando ahi a 24 de Junho, dia de S. João Baptista, navegaram para Rhodes, aonde forão bem acolhidos de Fr. Fernando, e Fr. Gonçalo (que alguns nomêão *Fernam Gonçalves* e *Gonçalo Pimenta*) cavalleiros Portuguezes, da Ordem de S. João de Jerusalem, que ao tempo residião n'aquella ilha.

De Rhodes passaram a Alexandria, e logo ao Cairo; e como achassem oportuna companhia nas cafilas de Fez e Tremecêm, assentaram aproveitar-se d'ella, e viajaram como mercadores para *Thor* sobre o golfo arabico, d'onde passaram a *Çuaquêm*, na costa da Ethyopia sob o Egypto, e ultimamente a *Adém*, havendo ahi por conveniente, na conformidade de suas instrucções, separar-se, e tomar cada um d'elles differente direcção.

Resolvêram por tanto, que *Paiva* se dirigisse á Ethiopia, que parecia ser a região designada pelas informações de Beni e Congo, e aonde se dizia existir um grande Rei christão, que poderia ser o principe que procuravão; e que

parece; porque Rezende, author contemporaneo, Goes, e outros o chamão *João*, ou *João Perez*, e é provavel que o sobrenome patronimico *Perez* désse occasião ao êrro.

Covilhã partisse em direitura á India, ajustando por ultimo que se reunirião no Cairo depois de certo tempo determinado.

Affonso de Paiva chegou com effeito a entrar em terras da Ethiopia. O Covilhã passou ao golfo persico, d'onde navegando para a costa da India, visitou Cananor, Calecut, Gôa, e toda a costa Malabarica. Veiu a Çofala, voltou a Adêm, e recolhendo-se ao Cairo no tempo aprazado, achou a noticia de ter alli fallecido o seu companheiro Paiva, quando já voltava da Abyssinia.

Em quanto estes dous viajantes procuravão desempenhar a sua ardua commissão, não cessou El-Rei de empregar novos e oportunos meios de assegurar cada vez mais o seu effeito; e com este presupposto, despachou os dous hebreus Rabbi Abraham de Beja, e José de Lamego com cartas suas para Paiva e Covilhã, endereçadas ao Cairo. Covilhã os veiu effectivamente encontrar ahi, e recebendo as cartas de El-Rei, lhe respondeu logo por José de Lamego, referindo tudo o que até então tinha visto e observado; participando a noticia da morte de seu companheiro; e dizendo, que se podia navegar para a India pelo Oceano, e que o Preste-João não podia ser outro senão o Imperador da Ethiopia, segundo as informações que tinha podido colligir: e ainda alguns accrescentão (não sem verosimilhança) que elle mandára a El-Rei uma carta d'aquelles mares orientaes entre a India e a costa africana. Como porém El-Rei ordenava que de nenhum modo voltassem a Portugal sem visitar Ormuz, e sem haver alguma certeza do *Preste*, o Covilhã se pôz de novo a caminho com Rabbi Abraham para Adêm: d'ahi passou a Ormuz, voltou ao golfo arabico, visitou Mecca, Monte Sinai, Thor, e depois Zeila; d'onde por terra penetrou emfim até á côrte do Abexi (1490), e entregou ao principe, que então alli reinava, e se chamava Escander (Alexandre) as cartas de El-Rei D.

João, e um mappa, em que estavam delineadas as nossas navegações. Em Ormuz se tinha Covilhã apartado do seu companheiro Rabbi Abraham, confiando-lhe segundas cartas para El-Rei.

Parece que a fortuna se comprazia de favorecer os projectos, e animar as esperanças de El-Rei de Portugal! Como elle tinha no Mediterraneo, em differentes portos de Levante, pessoas encarregadas de lhe participarem quaesquer noticias, que se podessem obter do Preste-João, e das terras da India, aconteceu, que vindo por aquelle mesmo tempo a Roma, e estando no collegio de Santo Estevão dos Indianos, um sacerdote ethiope, por nome Lucas Marcos, o santo padre Innocencio VIII. o enviou a El-Rei, o qual não só o recebeu e ouviu com grande contentamento, e alvoroço, mas tambem por elle escreveu novas cartas ao Imperador Abexi, fazendo que elle mesmo escrevesse outras por quatro differentes vias, nas quaes todas se annunciava áquelle principe o ardente desejo que El-Rei de Portugal tinha da sua amizade e communicação; se lhe recommendava e pedia que recebesse benignamente o Embaixador que de Portugal lhe tinha sido enviado; e se lhe indicava a via do Cairo, Jerusalem, ou Roma para reciproca correspondencia, *até que Deus abrisse outro mais directo, e mais facil caminho.*

O Paiva falleceu no Cairo, como já vimos. O Covilhã não voltou a Portugal; porque estando já para isso despachado por Escander, e fallecendo este antes que Covilhã podesse realisar a sahida, *Nau*, ou *Naut*, que succedeu no throno, lhe denegou constantemente licença para sahir do imperio, e o mesmo fez *David*, que succedeu a *Naut*, adoçando comtudo a Covilhã as saudades da patria *com lhe fazer amplas mercês e donativos.* Pelo que, *cazou-se Covilhã na Abyssinia* (diz Goes) *e teve filhos, e filhas.*

Com effeito pelos nossos escriptores nos consta, que quando o grande Albuquerque embocou o estreito do golfo arabico em 1506, ainda o Covilhã vivia nas terras d'aquelle imperio: e quando o Embaixador do Abexi, Matheus, chegou a Gôa no anno de 1512 para vir a Portugal, dizia, que na Abyssinia existião trez Portuguezes, *um chamado João, que havia muito tempo tinha sido mandado por um Rei de Portugal* (e este era sem duvida o nosso João Perez da Covilhã, mandado por El-Rei D. João II. vinte e seis annos antes), *e outros dous que de pouco tinhão lá chegado*, e serião certamente alguns d'aquelles, que os capitães Portuguezes lançavão em terra em certas paragens, com ordem de penetrarem no interior, quanto lhes fosse possivel, a fim de poderem depois dar informação do que tivessem observado. Ainda no anno de 1526, em que o P. Francisco Alvarez sahiu da Ethiopia com D. Rodrigo de Lima, parece que lá existia o Covilhã; e finalmente no anno de 1559 achamos menção de um *Alvaro da Costa Covilhã*, que vivia na Abyssinia, e seria provavelmente algum dos filhos do nosso viajante.

Taes são as noticias que d'esta importante viagem (1) ficaram em nossas historias, e que aqui quizemos ajuntar para commodidade dos leitores, confiando que se nos relevará descermos talvez a miudezas e particularidades, que podem hoje parecer de pouco interesse, mas que acreditam, e recommendam o discernimento, o zêlo, e a constancia, com que os Reis Portuguezes procuraram lançar os fundamentos ao magnifico edificio de gloria e de grandeza, a que depois se elevou o Imperio lusitano-oriental.

El-Rei D. João II. ao mesmo passo que com tanta di-

(1) Não podemos escusar-nos á satisfação de copiar nesta nota as palavras de um douto e sincero escriptor francez a respeito da viagem, de que temos tratado. E' Mr. Pouque-ville, que

ligencia e grandes despezas da sua fazenda (1) mandava explorar as terras orientaes, tambem se não descuidava de fazer examinar o interior de Africa, tanto para adquirir conhecimento das producções do paiz, e dos costumes das gentes, como para aproveitar as utilidades do commercio, e levar áquelles povos rudes e barbaros a luz do evangelho, e com ella os beneficios da civilisação.

na *Memor. histor. e diplomat. sobre o commercio e estabelecimentos francezes no Levante, &c. an.* 1827, fallando da época da tomada de Constantinopla por Mahomet II. diz assim «Até então tinha «o Mediterraneo sido o centro da navegação do mundo; mas a «providencia permittiu em fim, que os homens descobrissem mais «vasto campo, em que podessem dar alla ao seu genio, e á sua «coragem. Os estados, que com mais perseverança se havião dado «ás viagens longinquas, é que devião obter a gloria de abrir e «franquear o caminho. *Os Portuguezes mereceram esta honra*, do«brando o cabo da Bôa Esperança. Um anno depois d'este memo«ravel descobrimento, Pedro de Covilhã e Affonso de Paiva man«dados por El-Rei de Portugal a reconhecer, *um*, *os estados do «Preste-João*, *que se chamavão India*, e o outro *as terras d'onde «vinha a especiaria*, partiram a executar *uma das missões mais «vastas, e que jámais se havião concebido.* Levavão elles ordem de se «informarem, se era possivel a navegação desde o cabo da Bôa «Esperança até ás Indias orientaes, e de se instruirem de tudo o «que podesse ser util ao commercio. Chegados a *Thor*, aonde se «separaram, Covilhã embarcou, e foi o primeiro Portuguez que «navegou os mares da India, ao mesmo tempo que Paiva se di«rigia á Ethiopia, tendo ambos ajustado entre si reunirem-se no «Cairo, de volta de suas viagens. Em quanto estes exploradores «desempenhavão a *sua perigosa commissão*, Christovão Colombo «descobria a America...»&c.

(1) *Rezende*, na *Vid. de João II.* cap. 60, fallando da viagem do Paiva e Covilhã, acrescenta «*e depois d'elles forão outros, com muitas despezas, que El-Rei nisso fez.*»

Alguns escriptores estrangeiros, que ignorão, ou fingem ignorar os factos da nossa historia, atreveram-se a dizer que *os Portuguezes nunca tiveram o pensamento de inspirar aos Africanos alguma idéa moral.* Esta proposição é uma insigne, e calumniosa falsidade, desmentida por toda a historia dos nossos descobrimentos e conquistas, e filha, ao que parece, do baixo ciume, com que os estrangeiros, em geral, teem considerado, e ainda hoje considerão a superior gloria, que n'aquelles tempos adquirimos. Nós refutaremos em outra nota a injuriosa accusação, que nisto se nos quer fazer. Aqui sómente tratamos de recolher as escassas idéas que ainda achamos nos escriptores nacionaes sobre as indagações dos nossos antigos no interior de Africa, para que por ellas se veja, que as tentativas, feitas pelos modernos com o mesmo fim, forão precedidas pelos Portuguezes trez seculos antes, e que se os Portuguezes não tiraram d'ellas maiores proveitos, nem para si, nem para os povos Africanos, tambem os modernos não teem sido até ao presente muito mais felices, apezar da grande aptidão e capacidade de que se prezão e jactão, e apezar dos multiplicados meios de que hoje podem ajudar-se nesta empreza, e de que os Portuguezes totalmente, ou quasi totalmente careciāo no seculo 15.°

Bem natural parece que o illustre Infante D. Henrique se não esquecesse de lançar mão de um arbitrio tão proprio para levar ao fim os seus intentos, como era o das viagens ao interior de Africa. Os fins principaes a que elle se dirigia, que consistião em trazer os povos barbaros á religião christã, e ampliar ao mesmo tempo as relações, e os interesses commerciaes do reino, aconselhavão este meio como opportuno. O Infante tinha noticia, pelas informações dos Mouros, das grandes feiras, que se fazião em differentes lugares da Africa central, e não ignorava o extenso commercio, que os seus habitantes entretinhão com

os das costas septemtrionaes, assentadas sobre o Mediterraneo. Pelo que não podemos prudentemente duvidar de que intentasse examinar estes objectos com todo o cuidado e empenho, e assim parece persuadil-o tanto a embaixada que mandou a Farim, Rei de Cabo-verde, e a fundação da fortaleza de Arguim, como os estabelecimentos que ordenou se fizessem nas margens do Rio-grande.

Comtudo, pelo que mais directamente respeita ao nosso particular assumpto, a historia sómente nos conservou lembrança do ousado Portuguez João Fernandes, *homem de honra e confiança, e já instruido na lingua d'aquelles povos*, que voluntariamente se offereceu ao infante para hir investigar o interior do paiz dos *Azenegues*. Este animoso aventureiro ficou com effeito no *Rio do Ouro*, penetrou o sertão, inquiriu o trafico, ritos, e costumes dos habitantes, e depois de sete mezes de peregrinação n'aquellas terras, mandou o infante que Antão Gonsalves o fosse buscar, e conduzir ao reino, aonde com grande attenção e gosto ouvia as informações, que elle dava de tão estranhas gentes.

El-Rei D. João II. foi o que depois proseguiu com mais constancia o desempenho d'aquelle plano. D'elle nos consta que entretinha frequente correspondencia com alguns Reis e grandes senhores do interior, e que por via do castello de Arguim mandava estabelecer feitoria portugueza em *Huadem* (1) despachando para feitor Rodrigo Reinel, para escrivão Diogo Borges, e para homem da feitoria Gonçalo d'Antes.

Sendo o mesmo principe informado que o Senegal corria por *Tambuctu* e *Mombarce*, principaes feiras dos sertões africanos, mandava igualmente construir uma fortaleza na bôca d'aquelle rio. Nas que se fundaram na Mina,

(1) Em arabe *Uádán*, ou *Onâdán*, ou *Hoden*.

e no Congo não só tinha a gente necessaria para defeza, e os feitores que havião de tratar do commercio, mas tambem designava certas pessoas, particularmente destinadas a fazer excursões ás terras do sertão para se informarem das gentes que as habitavão, dos seus usos, costumes e linguagem, das producções da terra, dos seus commercios, &c. (1) Por outra parte os ecclesiasticos que tinhão a seu cargo a conversão dos infieis, fazião tambem para isso, por mandado de El-Rei, entradas nas terras, com o que se augmentava o numero, e a certeza das noticias, que progressivamente se hião adquirindo d'aquelles vastos paizes (2).

Entre as muitas pessoas encarregadas d'estas viagens e indagações, faremos aqui menção das que o illustre Barros noméa nas suas *Decadas*, segundo os documentos originaes,

(1) *Mariz, dialog.* 4. 11. «E era El-Rei D. João tão humano, que se carteava (com os Principes africanos) e os tratava particularmente, tudo porém para descobrir o estado do Preste-João, e com elle as Indias, de que tantas grandezas se publicavão pelo mundo. E para este seu desejo mandava tambem por terra, e sertão dentro da Ethiopia muitos christãos, assim portuguezes, como naturaes da terra, em o qual tanto se occupava, e com tanto fervor o solicitava, principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os escriptores antigos não tiveram noticia, que não lhe repousava o espirito, commettendo muitas vezes por varias partes esta grande balsa de Guiné, que até hoje se não deixou penetrar.»

(2) *Sousa, Hist. de S. Domingos*, part. 2. liv. 6. cap. 6., fallando da missão de *Beni* em 1486 diz «as memorias de nossa Ordem dizem que El-Rei escolheu nella sujeitos, que além das sagradas letras, erão entendidos nas mathematicas, para que, nas horas que lhe vagassem da prégação, fossem inquirindo alguma noticia da India *pelo sertão d'aquellas provincias*, e do grande Rei do Abexim, que o vulgo chamava Preste-João, e havendo-a, procurassem chegar a elle.»

que em seu tempo existião na casa de Guiné e India. São pois Pero de Evora e Gonçalo Eanes, mandados por El-Rei aos Reis de *Tucurol* e de *Tunbugutu*. Rodrigo Rebêllo, escudeiro da casa de El-Rei, e Pero Reinel seu moço de esporas, e João Collaço besteiro da camara, despachados com outros homens, em numero de oito, por via de *Cantor*, a *Mandi-mansa*, um dos mais poderosos principes da provincia de *Mandinga* (1). Mem Rodrigues, e Pero de Astuniga a *Tunbugutu*, e a *Temalla* dos Fullos: Rodrigo Rebêllo, e João Lourenço criados de El-Rei, Vicente Annes, e João Bispo, linguas, a varios outros reinos e gentes. Por um Abexi chamado Lucas, escreveu tambem El-Rei ao principe, ou senhor dos *Móses*, nome mui celebrado entre os negros, e que se julgava ser visinho, ou vassallo do *Preste*, ou da gente dos *Nobis* (2); e pelo forte da Mina enviou mensageiros a Mahamed-ben-Manzugul, neto de Mussa, Rei de *Songo*. »E não só por seus naturaes (diz Barros) mas ainda por estrangeiros, assim como Abexis e alguns alarbes que vinhão ao castello de Arguim, commetia este descobrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por

(1) *Barros*, 1. 3. 12. «E assi ficou d'esta, e d'outras hidas, que El-Rei lá mandou, tanta amizade entre os nossos e este Rei Mandi-mansa, que enviando eu, por razão do meu cargo de feitor d'estas cazas de Guiné e Indias, no anno de 1534, um Pero Fernandes a este reyno de Mandi-mansa, em nome de El-Rey dom João o terceiro nosso senhor, que ora reina, por razão do resgate de Cantor, estimou o Rei muito este recado, que lhe foi dado da parte de El-Rei, dizendo que havia em boaventura ser-lhe enviado este mensageiro, porque a seu avô, que tinha o seu proprio nome, fôra enviado outro mensageiro d'outro Rey dom João de Portugal. Tanta memoria, sem terem letras, havia entre estes barbaros das cousas d'El-Rei dom João.»

(2) Este senhor dos Móses parece ser o mesmo, que no Atlas Catalão acima citado se diz « *Mussa Rei de Melly*. »

tentar. Tão occupado e solicito o trazia este negocio! principalmente depois que viu e gostou de muitas cousas, de que os antigos escriptores não tiverão noticia, fallando d'esta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito! E bem como um leão faminto, a quem a caça se esconde, com temor d'elle, em meio de alguma grande e espinhosa balsa, a qual elle rodêa e commette por muitas partes, e ferido e espinhado das entradas e sahidas, já cançado se lança com o sentido e tendo posto na prêa escondida, assim El-Rei commettendo por muitas partes e vezes esta grande balsa de Guiné, que até hoje não se deixou penetrar, cançado d'esta continuação, e despeza da sua fazenda, e assim de grandes cuidados que lhe derão os negocios do reino, principalmente no tempo das traições, se deixou algum tanto repousar. . . . , &c. »

Depois do fallecimento de El-Rei D. João II., e quando já os Portuguezes conhecião e praticavão o caminho maritimo da India, e os diversos portos da costa oriental de Africa, nem por isso afrouxaram, antes mais insistiram, e se empenharam em haver conhecimento dos paizes interiores d'aquella parte do mundo.

Os primeiros capitães, mandados á India, levavão homens criminosos e condemnados a graves penas, os quaes, por commutação d'ellas, erão lançados em terra em diversas paragens, com ordem de penetrarem, quanto lhes fosse possivel, ao interior, para depois informarem do que tivessem visto e observado. No *rio dos Reis*, a 25° meridionaes, deixou o grande Vasco da Gama dous d'estes exploradores, e pouco adiante outros dous no *rio dos bons signaes.* Cabral, á sua volta da India, lançou outros dous em *Melinde*, recommendando-lhes que trabalhassem por penetrar até á *Abyssinia*, de que ainda não havia bem miudas, e exactas informações. João da Nova (em 1501) achou em Quilôa um Antonio Fernandes, carpinteiro de náos, de-

gradado, lançado em terra pelo mesmo Cabral. Cyde Barbudo, e Pedro Quaresma, mandados a indagar por *toda a terra do Cabo da Bôa Esperança até Çofala* o lugar, e as circumstancias da perdição de Francisco d'Albuquerque e Pedro de Mendonça, lançaram em terra (em 1505) dous degradados na aguada de S. Braz com ordem de correrem ao longo da costa da Cafraria. Tristão da Cunha (em 1507) pôz em Melinde trez homens, a saber, um portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (ou *João Gomes o Jardo*, segundo a ultima edição de *Castanheda*), um mourisco christão, chamado João Sanches, e um mouro de Tunes por nome Cyde Mahamede, mandados por El-Rei D. Manuel com cartas suas ao Imperador Abexi: aos quaes o bom Rei de Melinde se encarregou de dar aviamento para a viagem, que comtudo se não chegou então a executar por embaraços supervenientes. Estes mesmos homens porém foram depois (em 1508) postos por Affonso de Albuquerque em terra, a 3 leguas do cabo de Guardafui, com cartas suas, e por alli chegaram finalmente á côrte de David, aonde na menoridade d'este principe governava por elle sua avó Helena; sendo acaso esta uma das causas, que determinaram os Abexis a mandar o Embaixador Matheus, que com effeito veiu pouco depois a Portugal «*trazendo carta de Helena, avó de David, Precioso João, Imperador dos Ethiopes a D. Manuel Rei dos Portuguezes, escripta em* 1509» (Goes.)

Seria longa esta nossa escriptura, se quizessemos mencionar todas as tentativas, todas as diligencias, todos os esforços, que n'aquelle tempo se empregaram para havermos conhecimento dos paizes sertanejos das vastas regiões africanas: e é por certo bem para lamentar, que, em parte, algum descuido dos nossos antigos, e em parte a tyrannia do tempo, e as revoluções ordinarias do mundo nos privassem de memorias mais individuaes, com as quaes res-

ponderiamos hoje á vaidosa, e não menos invejosa, presumpção dos estrangeiros, que aproveitando-se por ventura dos trabalhos e escriptos dos antigos Portuguezes (que elles buscão, e guardão, e arrecadão melhor do que nós) veem depois lançarnos em rosto a nossa supposta incuriosidade, e fazer ostentação dos seus scientificos trabalhos.

Faremos porém ainda menção de um projecto, ou tentativa, que foi a ultima do reinado de El-Rei D. Manuel, e que infelizmente veiu a malograr-se pela prematura morte d'este Soberano. Castanheda, e Goes nos subministraram esta noticia.

Um cavalleiro Portuguez, por nome Gregorio de Quadra, que fòra criado do marquez de Villa Real, e andava por capitão de um bergantim na armada de Duarte de Lemos, na costa oriental de Africa, pelos annos de 1508 e 1509, estando em frente de Magadaxo, e cortando-se-lhe de noite, por má vigia, a amarra do bergantim, foi levado com o baixel á discrição das ondas até ao cabo de Guardafui, e d'ahi a Zeila, onde sendo captivado com a sua gente, passou ao poder do Rei de Adem, que o teve prezo por alguns annos.

Posto depois em liberdade, cómo tivesse bem aprendido a lingua arabica, e se fingisse devoto religioso mahumetano, o proprio Rei de Adem o levou a Medina, d'onde passou á Persia, e á custa de gravissimos incommodos visitou a Babylonia, Baçorá, Ormuz, e India, voltando ultimamente a Portugal em 1520.

Deu este capitão tão boa conta a El-Rei D. Manuel de tudo o que tinha visto e observado, e de tudo o que sabia da Arabia, da Ethiopia, e do grande lago, que se reputava ser a origem do Nilo, do Zaire, e de outros grandes rios de Africa, que El-Rei o julgou capaz de executar *o que desde muito tempo fazia objecto de seus pensamentos e*

meditações, que era descobrir o caminho de Congo para Ethiopia por terra, esperando tirar grandes proveitos da communicação, que se abrisse entre os dous principes christãos seus alliados, cujos estados tinham portos maritimos em ambas as costas occidental e oriental de Africa.

Despachou pois o capitão Quadra, e lhe deu cartas de credito para o Rei de Congo, e instrucções sobre o que devia tratar com o Abexi ácêrca da guerra com os Turcos, e das fortalezas que El-Rei queria fundar nas costas do mar da Arabia e da Ethiopia.

Quadra partiu, e chegando ao Congo entregou as cartas de El-Rei: mas logo se lhe oppozerão taes embaraços, ordidos pela inveja e malevolencia dos seus proprios naturaes, que elle, para os remover, se viu obrigado a voltar a Portugal, aonde achou El-Rei fallecido, concebendo d'aqui tal desgosto, que se resolveu entrar em religião, aonde acabou seus dias em exercicios de piedade.

El-Rei D. João III, não obstante vêr-se obrigado a dividir os seus cuidados para Africa, Asia, e America, segundo a excessiva extensão, que havião tomado os dominios, e as emprezas portuguezas nestas diversas partes do mundo, não se esqueceu comtudo da exploração da Africa interior, e no anno de 1546, escrevendo ao Imperador da Ethiopia, e aos Portuguezes, que ainda lá existião, e tinhão feito parte da expedição de D. Christovão da Gama, recommendava com encarecidas palavras, que por pessoas idoneas se mandasse indagar e descobrir um *caminho que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque póde ser* (dizia El-Rei) *que a terra do Abexi venha tanto para Oeste, e a de Manicongo vá tanto para Leste, que não seja grande distancia de uma terra a outra*, queria, e ordenava, que tambem se tentasse este caminho do *Abexi para Manicongo, ou para*

qualquer outro rio do cabo da Bóa Esperança para cá (1).

Ainda em tempo de El-Rei D. Sebastião, e no anno de 1562, tomando o cardeal infante D. Henrique a tutoria de El-Rei menor, e a regencia do reino, lhe apresentou Lourenço Pirez de Tavora uns apontamentos sobre varios objectos do governo, em um dos quaes se recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, e a escolha de pessôas aptas para esta empreza.

No mesmo reinado (anno de 1569) se fez notavel a expedição de Francisco Barrêto, e de seu successor Vasco Fernandes Homem ás terras de *Monomotapa*, e ás minas de *Chicova*, *Rutroque*, *Chicanga*, *Nocarás*, *&c.* Nem foi menos util para o conhecimento de uma parte da Africa a importante expedição (em 1574 e 1575) a que foi mandado Paulo Dias de Novaes, digno descendente do intrepido Bartholomeu Dias, para o descobrimento das terras de *Angola*, e fundação d'este reino portuguez, a que logo depois, e pelos tempos adiante accrescêram as terras de *Benguela* (em 1617) e os varios outros Presidios, e Districtos nos respectivos sertões, resultando de tudo isto os conhecimentos e informações, que hoje temos d'aquella parte de Africa.

(1) A carta que El-Rei escreveu ao *Rei da Abyssinia* é datada de Almeirim a 13 de Março de 1546, e a que S. A. escreveu aos *fidalgos e seus creados e gente de armas que estavão nas terras do Preste*, é de 15 do mesmo mez e anno. Ambas forão remettidas por copia a D. João de Castro, a quem El-Rei dizia «*porque poderá ser que para virem demandar as costas, que vereis pelo treslado da carta, que escreveu aos Portuguezes lhes será necessario alguns instrumentos, agulhas, cartas de marear, e astrolabios, lhos enviareis, e assy um regimento de modo que teram em descobrir, e escrever as derrotas e alturas do que caminharem*» (Existe a carta original de El-Rei a D. João de Castro, e as copias que a acompanharam, na minha *Collecção.*)

Finalmente a exploração dos sertões africanos, e o descobrimento de um caminho para communicação da costa occidental com a oriental, estava de tal modo, e esteve sempre no animo, e no intento dos Portuguezes, como mostrão os factos, que havemos indicado, e os mais de que agora fazemos menção.

No anno de 1606 o governador de Angola D. Manuel Pereira Forjaz, intentando realisar aquella communicação, nomeou para a execução do projecto a Balthazar Rebêllo (ou Pessoa) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, tanto pelo seu valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. Elle com effeito começou a viagem, e tinha já penetrado ao interior, quando se viu obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, pouco antes fundada (em 1603) e ora sitiada por um Sova visinho, colligado com os negros da provincia do Mosseque.

No mesmo seculo 17.º no anno de 1648, sendo Angola libertada, e limpa de Hollandezes pelo illustre capitão Salvador Corrêa de Sá, se offerecia este a El-Rei D. Pedro II. para hir reduzir á obediencia de Portugal o Reino de Pate, na baixa Ethiopia oriental, que se tinha rebellado, e *para abrir communicação desde Cuamá e Monomotapa até Angola por terra*: projecto e offerecimento que *a inveja e a ingratidão da côrte frustrou, como outras vezes tinha feito ao que podia parecer glorioso a este benemerito fidalgo*, diz um escriptor judicioso e contemporaneo (1).

(1) Vem aqui a proposito, pela ordem chronologica, notar o facto que nos refere Mr. Jomard nas suas *Remarques et recherches géografiques sur le voyage de Mr. Caillié, &c.* «*Se exceptuarmos* (diz elle) *Leão, mouro nascido em Granada, e os Portuguezes de que só temos noticias incertas, transmittidas por Marmol, e Barros, o primeiro européo, que chegou a Tombuctu, foi o francez Paulo Imbert, nascido em Sables-d'Olonne, isto é, na mesma provincia que Renato*

Entre os annos de 1676 a 1680, tendo Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa o governo de Angola, intentou abrir communicação por terra até Benguela, e de Benguela á contra-costa do Sena. E posto que para esta empreza se offereceu o Capitão José da Roza, que logo sahiu de Massagano com esse destino, encontrou tantas e taes difficuldades, e tanta opposição nos Sovas que dominavão as terras da sua passagem, que se viu obrigado a retroceder. (1)

Caillié. A sua viagem é anterior a 1670. Elle acompanhava seu amo, portuguez renegado, enviado a Tombuctu pelo governador de Tafilet : aonde achamos notavel, que o douto escriptor nomêe o *francez Imbert* como *primeiro europêo, que chegou a Tombuctu*, sem advertir que o *portuguez, amo de Imbert*, naturalmente hiria adiante do seu creado, e entraria *primeiro* na cidade!

(1) Seja-nos permittido copiar aqui o que no anno de 1663 escrevia o P. Manuel Godinho, na importante *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, impressa em Lisboa em 1665. «O caminho de Angola (diz elle) por terra á India, não é ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado: porque de Angola á lagôa *Zachaf* (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de 250 leguas. Esta lagôa põem os cosmografos em 15° e 50'; e segundo um mappa que vi, feito *por um portuguez, que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros d'aquella Cafraria*, fica esta lagôa não muito longe do *Zimbaue*, quer dizer, côrte de Mesura, ou Marabia. Sahe d'ella o rio *Aruui*, que por cima do nosso forte de Téte se mette no rio *Zambeze*. E tambem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do *Rondo*, se vai ajuntar com o rio de Cuamá para baixo do Sena. Isto supposto, digo agora: quem pertender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita alagôa Zachaf, e

Em 1798, estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (que depois foi Conde de Linhares) no Ministerio dos Negocios da Marinha e do Ultramar, quiz este illustre Ministro renovar a antiga, e tantas vezes intentada empreza da abertura da communicação por terra entre as duas costas occidental e oriental de Africa: para cuja execução designou a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o para governador dos *Rios de Sena*, d'onde devia partir a expedição. Lacerda foi tomar o seu governo, e havendo-se munido dos meios, e instrumentos necessarios, e tomadas as possiveis informações e noticias dos paizes que hia percorrer, se pôz a caminho para o interior. Chegando porém ás terras do Rei Cazembe (que parece serem o ponto central entre as duas costas) alli falleceu: e posto que nos ultimos momentos da vida encommedou a seus companheiros a continuação da empreza, elles comtudo não annuiram a esta recommendação, e o descobrimento ficou sem ulterior effeito (1).

em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Téte e Sena; d'estes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, &c. Que haja a tal alagôa dizem-no não só os Cafres, senão *Portuguezes, que já lá chegaram*, navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras porque passar, *disse já em outro papel, que se me pediu para bem do descobrimento* » (Dita *Relação*, cap. 25.)

(1) Temos por noticia fidedigna, que na livraria do Sr. Conde de Linhares existe a *Relação* circumstanciada d'esta viagem com os planos, instrucções, e documentos a ella relativos. Póde porém entretanto vêr-se a obra intitulada « *Considerações politicas, e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos Portuguezes na Africa e na Asia, por José Accursio das Neves*, Lisboa. 1813, em 12.

Finalmente no anno de 1807, sendo Governador o Capitão General do reino de Angola o illustre, douto, e zeloso fidalgo Antonio de Saldanha da Gama, hoje Conde de Porto Santo, *se realisou*, de mandado d'elle, a primeira expedição de Loanda á contra-costa, a qual voltou no anno de 1809 trazendo a embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com Moçambique. Immediatamente enviou o digno Governador outra expedição com ordem expressa de hir até Moçambique, o que effectivamente se executou, voltando esta segunda expedição a Loanda com cartas de Moçambique, estando já a governar Angola José de Oliveira Barbosa (1) (*).

Dirá por ventura alguem que todas estas noticias, que aqui temos ajuntado, são de pouco valor, e interesse, por que em fim ainda se não conseguiram grandes adiantamentos na geografia de Africa, nem no conhecimento dos povos que a habitão, nem nos outros muitos objectos, que deverião concorrer para a civilisação de tantas nações barbaras, e de um tão extenso continente. Nós o confessamos com mágoa: mas perguntamos ao mesmo tempo aos sabios estrangeiros, que nos lanção em rosto a nossa ignorancia, e a nossa incapacidade do seculo 15.°, perguntamos, digo, se elles, que desde o fim do seculo 16.° começaram a apossar-se de nossas conquistas, e a despojar-nos do fructo dos nossos trabalhos, teem sido mais felices, e teem adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa inte-

(1) Veja-se a *Memoria* do Sr. Visconde da Carreira publicada no *Observador Lusitano*, impresso em Paris no anno de 1814.

(*) Na *Historia da navegação* de J. H. *de Linschot hollandez ás Indias orientaes*, Amsterdam, 1619, no cad. 4., fallando o autor de *Moçambique* diz que das minas de *Çofála* não distão as de Angola na contra-costa mais de 300 leguas, e que *os negros de Angola vão muitas vezes a Çofála por terra.*

rior? Elles apenas ha poucos annos poderam ver essa misteriosa cidade de *Tombuctu* tão procurada, tão requestada, e tão fatal aos seus indagadores. Mungo-Parck não chegou a entrar nella: a pintura que elle fez do orgulho, perfidia, e barbaridade dos Mouros das visinhanças explica bem uma das razões porque as emprezas ao interior de Africa são tão difficeis, e arriscadas. O Major Laing que em 1826 penetrou até *Tombuctu* com a protecção do Bachá de Tripoli, foi obrigado a sahir logo occultamente, e pouco depois foi assassinado pelos *Fellans*, horda potente e béllicosa, que reina quasi exclusivamente nos immensos desertos da Africa central. O capitão Clapperton, que emprehendeu a mesma viagem, teve igual sorte antes de chegar a ver Tombuctu. Mr. Jomard, no lugar que acima citamos, faz uma lista de quarenta e dous viajantes, que desde 1588 intentaram reconhecer os paizes da Africa interior, e reflecte que só um pequeno (e bem pequeno) numero d'elles deixou de succumbir no meio da sua carreira, sendo victimas da empreza a que se havião arrojado.

Concluiremos este assumpto das viagens de Africa com as palavras de um escriptor não suspeito « *Os Portuguezes* (diz Pinkerton) *estabeleceram a Oeste em Africa diversas feitorias. . . . as relações dos missionarios augmentaram os conhecimentos da geografia africana:* comtudo por um concurso de circumstancias particulares, estes conhecimentos teem sempre sido mui limitados, e o seu aperfeiçoamento tem até ao presente experimentado *obstaculos quasi insuperaveis.* »

Estes obstaculos, estas difficuldades que o escriptor chama, com razão, *quasi insuperaveis*, teem por causas principaes a vasta extensão dos desertos de arêa; a altura das cadêas de montanhas; as guerras quasi continuas, que fazem entre si as pequenas tribus africanas, mais animosas e mais feroces que as da America, e menos faceis de se in-

timidarem á vista das armas européas; a falta de mares interiores, ou de grandes rios navegaveis, que offereção facilidade de levar ao centro do paiz os beneficios da industria, e do commercio, &c. De mais: os habitantes d'aquellas vastissimas regiões são extremamente supersticiosos e tenacissimos de suas praticas religiosas; e nos lugares aonde o mahumetismo tem chegado, e se tem misturado com as grosseiras superstições do paiz, participão os miseraveis habitantes dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixão de mostrar, por todos os modos, o odio e extrema aversão que elles lhes tem inspirado aos europêos. Acresce ainda, em geral, que os homens selvagens e barbaros de quasi todos os paizes do mundo mostrão constantemente uma quasi invencivel repugnancia a alterarem o seu modo de viver, e a adoptarem a nossa civilisação. O Christianismo inspirado pelos missionarios das differentes nações da Europa, tem feito na verdade muitos christãos, mas póde dizer-se que não tem feito um só homem civilisado, que adopte os nossos costumes, e que viva ao nosso modo. « *Os estabelecimentos Portuguezes* (diz um illustre Portuguez, em uma Memoria manuscripta fallando dos nossos estabelecimentos de Africa.) *Os estabelecimentos Portuguezes, que alli existem ha seculos, não tendo influido senão imperceptivelmente nas povoações visinhas, fazem desconfiar da possibilidade de civilisação n'aquella parte do globo, que parece destinada a ser o domicilio eterno da barbaridade* » (1).

Em verdade, que se não fossem tantas, tão fortes, e tão invenciveis as causas da ignorancia, em que ainda laboramos a respeito das terras da Africa central, e das difficuldades que se teem encontrado na sua civilisação, parece natural que os estrangeiros, no espaço de dous seculos e meio, tivessem já supprido a incapacidade dos Portuguezes, e dado grandes passos na obra da civilisação dos Africanos.

(1) Memoria manuscripta do Sr. Conde de Porto Santo.

E comtudo ella se conserva quasi estacionada, e tal (com pequenas differenças) qual a deixaram os Portuguezes pelos fins do seculo 16.º

Lancem-se os olhos a uma carta de Africa, e se conhecerá logo o mui pouco que se tem adiantado na geografia d'esta parte do mundo. Os estabelecimentos hollandezes, inglezes, francezes, e dinamarquezes na costa occidental teem na verdade dado a estas nações, em differentes tempos, grandes interesses commerciaes. Com este intento é que ellas se lançaram á porfia umas sobre outras, e todas sobre os Portuguezes, cuja riqueza desafiava o seu ciume e a sua cobiça. A civilisação dos povos indigenas do interior era então objecto mui secundario para os governos d'essas nações: e quando, ha pouco mais de meio seculo, começaram a tomar mais a peito esse objecto, encontraram logo, e teem continuado a encontrar as grandes difficuldades, que oppõem á natureza do paiz, o caracter e costumes dos povos, e as outras circumstancias que deixamos indicadas.

O grande estabelecimento do cabo da Bôa Esperança termina ao norte a uma distancia, que se póde chamar insignificante, com respeito á grande extensão do continente africano: e no conhecimento da Cafraria, e de toda a costa oriental bem pouco se tem adiantado além do que deixaram escripto os Portuguezes nas relações de seus numerosos naufragios, e na descripção dos paizes em que teem e conservão dominio, e estabelecimentos permanentes.

Finalmente a Abyssinia é ainda hoje em grande parte conhecida tambem pelas Relações dos Portuguezes, que a frequentaram, visitaram, e habitaram por muitos annos; como é sabido, e o que os modernos viajantes de outras nações teem pretendido accrescentar, ou é tomado dos escriptos portuguezes, ou consiste em algumas noticias do estado moderno d'aquelles vastos paizes, ou finalmente na

indagação da historia natural da sua constituição fisica, e dos seus productos, objectos que no seculo 16.° erão tão novos para os Portuguezes como quaesquer outras nações da Europa.

Agora que temos referido o que ainda nos consta das nossas antigas viagens por terra á India, e das tentativas que fizemos para o conhecimento das terras e povos do interior de Africa, pediria o nosso assumpto, que dessemos tambem noticia das viagens por terra executadas pelos Portuguezes, vindos da India até á Europa. Mas para satisfazermos cabalmente a este intento seria necessario escrever obra mais volumosa, e talvez repetir o que os proprios viajantes deixaram escripto em suas Relações impressas, ou manuscriptas, das quaes todavia seria conveniente fazer uma collecção ordenada, e quanto podesse ser completa.

Limitar-nos-hemos pois, por agora, a dar uma breve idéa das principaes viagens de que temos achado memoria nos nossos escriptores, e isto bartará para satisfazer ao intento que levamos em colligir estas noticias, que é mostrar que não somos nós os Portuguezes tão incuriosos, ou tão ineptos, como nos querem fazer os estrangeiros.

SECULO 16.°

1515. — Tendo o grande Albuquerque posto á obediencia de Portugal a rica cidade de *Ormuz*, e recebido nella com grande solemnidade a embaixada do Schach Ismael Rei da Persia, despachou com o mesmo caracter de Embaixador á côrte de Hispahan a Fernam Gomes de Le-

mos, senhor da Trofa, o qual tendo concluido a sua missão, se achava já de volta em Cochim no mez de Janeiro de 1517, e d'ahi escreveu a El-Rei D. Manuel, mandando-lhe um *Livro, em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera*, como consta da propria carta por elle dirigida a El-Rei com a data de 4 de Janeiro de 1517, que se conserva no Archivo da *Torre do Tombo*, no *Corpo Chronol.* part. 1. maço 21. num. 4. (Vej. *Goes, Chron. de El-Rei D. Manuel* part. 4. cap, 9. e 11) Do *livro* porém que continha a relação da embaixada e caminho não sabemos que exista.

1520. — Neste anno, entrando na Abyssinia D. Rodrigo de Lima Embaixador de El-Rei D. Manuel áquelle imperio, entrou com elle, entre outros Portuguezes, o *P. Francisco Alvares*, natural de Coimbra, que de Portugal havia sahido como capellão da embaixada de Duarte Galvão. Este ecclesiastico residiu na Abyssinia cousa de 6 annos até o de 1526, e escreveu « *Verdadeira informação das terras do Preste-João* » obra rara, que se imprimiu em Lisboa no anno de 1540 em fol., e que foi traduzida em varias linguas, e inserida por Ramuzio na sua Collecção, em Veneza 1550 com o titulo « *Viagem á Ethyopia por Francisco Alvares, &c.*

Pelo mesmo tempo viajava por diversos paizes da Asia o Capitão *Gregorio de Quadra*, de que acima fizemos mensão.

1522. — A este anno se deve referir o princio das viagens de *Antonio Tenreiro*, segundo o que elle mesmo escreve na sua bem conhecida Relação, ou *Itinerario*. Sahiu elle de Ormuz em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes hia por Embaixador á Persia. Esteve Tenreiro na Persia,

d'onde passou á Armenia, veiu á Syria, ao Cairo, a Alexandria, e d'ahi á Ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ahi cinco ou seis annos (como elle mesmo refere no cap. 58) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a El-Rei sobre a armada do Turco, sendo Governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendonça (1). Sahiu de Ormuz pelos fins de Septembro de 1528, e chegou a Portugal em Maio do anno seguinte. E' mui curioso o seu Itinerario, que se imprimiu em 1560, e depois por varias vezes, sendo a ultima em 1829, junto com a *Peregrinação* de Fernam Mendes Pinto. (Vej. *Castanheda* liv. 7. cap. 71., *Andrade, Chron. de D. João III.* part. 2. cap. 49., e os *Annaes da Marinha Portugueza* publicados no anno de 1839. pag. 394.)

A morte do Conde Almirante Vice-Rei da India veiu annunciada a El-Rei D. João III. por um expresso enviado *da India por terra* de mandado de D. Henrique de Menezes, como refere *Quintella, Annaes da Marinha Portugueza* ao anno de 1526.

1537. — São mui conhecidas de nacionaes e estrangeiros as viagens, ou (como elle mesmo lhe chama) as *peregrinações* de Fernam Mendes Pinto, começadas em 1537 e continuadas por 21 annos até o de 1558, com tanta e tão miuda e variada relação de casos e successos; com tão curiosas descripções de lugares e regiões; de povos, e costumes; e com tantas e tão importantes noticias uteis á navegação e ao commercio, que mereceria uma particular e extensa menção, se a propria historia d'estas viagens não

(1) De memorias contemporaneas consta que Tenreiro, chegando da India, esteve a ponto de ser assassinado por um F. Mello, de Castello de Vide, por ter trazido cartas a El-Rei contra seu pai. — Tenreiro teve uma pensão de 30$000 réis mensaes.

tivesse sido muitas vezes impressa, e recentemente em 1829 na lingua portugueza, em que foi escripta; e se não se achasse ha muito tempo traduzida em algumas linguas estrangeiras, e publicada nas Collecções de Viagens. A multiplicidade e singularidade das aventuras, que este escriptor refere, a estranheza dos povos e nações que viu e dos seus ritos, costumes, crenças, opiniões e linguagens, os incommodos e riscos que correu, e de que escapou, são e salvo, fizerão com que alguns leitores e escriptores desconfiassem da veracidade das suas relações. Hoje porém está mais desvanecida esta desconfiança, e as indagações dos mais ousados viajantes modernos teem verificado muitos dos factos, que ao principio parecião mais estranhos e duvidosos.

1540. — Veiu da India por terra Antonio de Sousa, mandado por D. Estevam da Gama. (*Couto*, Dec. 5. liv. 7. cap. 1.)

1548. — Neste anno passou á India Fr. Gaspar da Cruz, religioso dominicano, natural de Evora. O zêlo da religião o levou á China, e foi o primeiro, ou um dos primeiros missionarios portuguezes, que entraram n'aquelle imperio. Temos d'elle uma *Relação da China, e de suas particularidades*, que se imprimiu em Evora no anno de 1570, e segunda vez em Lisboa em 1829 com as *Peregrinações de Fernam Mendes Pinto*, de que acabamos de fazer memoria.

No Codice 840 da Bibliotheca Publica Portuense conserva-se o «*Itinerario da Ilha de Ormuz até Tripoli de Berberia, e d'ahi até a Rochella de França, de Martim Affonso*»

Este viajante era medico: partiu de Ormuz a 25 de Junho de 1565 e veiu a Portugal atravéz da Persia e Asia menor com cartas importantes. Sua derrota foi de muito

circuito por causa da guerra que havia entre os Turcos e Persas, a qual o obrigou a deixar o curso regular das caravanas, sem que nunca fosse conhecido, nem d'elle se desconfiasse. Descreve largamente os lugares por onde passou, com bom conhecimento da Geografia. Falla de Riscóo, Jarde, Benvit, Adistan, Mahabad, Chaltabad, Caixam, Com, Sava, Caslui, Soltania, Meaná, Turquina, Condi, Tabris, Sufian, Van, Vastan, Sory, Taduan, Orfá, Halep, &c.

...? Na *Historia da India no governo do Vice-Rei D. Luiz de Atayde*, escripta por Antonio Pinto Pereira, pelos annos de 1570, e impressa em 1616, no liv. 2. cap. 13. faz o escriptor menção de um *Isaque do Cairo, Judéo, que da India tinha vindo duas vezes por terra a Portugal.* Nada mais sabemos d'estas viagens, nem temos achado noticia da sua verdadeira data, que sem duvida pertence ao seculo 16º (1).

...? O mesmo diremos de outra viagem, de que nos dá noticia o P. Fernam Guerreiro na sua *Relação Annal, &c.* liv. 1. cap. 1. pag. 3., dizendo, que um *André Pereira, hindo de Portugal á India por terra, e passando por aquella parte da Caldéa, que corre de Babylonia para o estreito de Baçorá, onde o Eufrates e o Tigres entrão no mar da Persia*, ahi tratára com os christãos d'aquellas partes, e ainda depois voltára a ellas para acompanhar um bispo, que elles querião mandar ao Papa, e a El-Rei de Portugal.

(1) Estando El-Rei D. João III. em Almeirim em Janeiro de 1541, veiu da India por terra um Judêo, trazendo recado a El-Rei, como o Vice-Rei D. Garcia de Noronha fallecêra em vespera de Pascoella no anno anterior de 1540, succedendo-lhe D. Estevão da Gama que hia na segunda successão, por ter já vindo para o reino Martim Affonso de Sousa, que era o nomeado na primeira, &c. (*Relações de Pero de Alcaçova Carneiro*) — manuscriptas.

1593. — Neste anno passou á India o dominicano Fr. Manuel dos Santos, o qual voltando a Portugal *por terra*, escreveu a sua viagem com o titulo de *Curioso Itinerario*, *&c.* manuscripto, de que faz menção a *Bibliotheca Historica Portugueza*, pag. 33. da 2.ª edição.

SECULO 17.º

O seculo 17º não é menos notavel que o precedente na historia das nossas viagens. Logo no anno de 1602 occorre a importante, e, para aquelle tempo, difficil viagem do Jesuita Portuguez Bento de Goes. Era este religioso varão natural de Villa Franca na Ilha de S. Miguel; e como tivesse conhecimento das linguas orientaes, e especialmente da Persiana, pertendeu, e conseguiu de seus superiores, ser mandado ao descobrimento do *Gran-Catayo*, paiz que então desafiava a curiosidade dos Européos. Partiu com effeito da côrte do Mogol, em cujas provincias tinha prégado o evangelho, e viajou mais de trez annos pelos sertões da Asia, hindo sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbeks* para o oriente até á China, e vindo a conhecer em resultado da sua trabalhosa, e dilatada viagem, que o chamado *Gran-Catayo* era o proprio imperio da China, e não um paiz diverso, como mui geralmente se acreditava. Na China falleceu Goes em 1607. Vem a sua viagem inserta na *Relação do P. Trigaut*, e fazem d'ella menção frequente os escriptores Portuguezes.

No mesmo anno de 1602 fazia a sua viagem á Persia o douto augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, que depois de ter acompanhado ás serras do Malabar o Arcebispo D.

Fr. Aleixo, foi mandado áquelle imperio como Embaixador do Governador da India Ayres de Saldanha. Alli adquiriu a estimação do *Sha-Abbas*, que o enviou em companhia de um Embaixador seu, que mandava a Roma, e á Côrte de Hespanha. Voltou á Persia, e d'ahi á Europa, atravessando os temorosos e arriscados desertos da Arabia. Chegado que foi a Alepo, embarcou para Marselha, e sendo tomado por corsarios, ou piratas argelinos, esteve captivo em poder d'aquelles barbaros. D'estas viagens e trabalhos falla elle mesmo na *Relação da Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes ás serras do Malabar*, impressa em Coimbra em 1606 em fol., aonde tambem se lêem curiosas e importantes noticias sobre os povos que habitão aquellas serras, e sobre os seus costumes, e ritos religiosos, &c.

Em 1606 e 1607 temos noticia da viagem de Nicoláo d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, que sahiu de Gôa com destino de vir a Portugal, por terra. Nos principios de Agosto de 1606 estava na fortalezá de *Comorom* d'onde passou a *Lara, Xiras, Romus, Bagadet, Ana, Taibe* e *Alepo,* aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607. D'ahi vindo por Alexandreta, chegou por mar a Marselha, e logo a Madrid, d'onde El-Rei D. Felippe o tornou a mandar á India. Escreveu o seu *Itinerario*, do qual existe na Bibliotheca Publica de Lisboa um exemplar incompleto. (Vej. *Barbosa Machado*, *Biblioth. Lusit.*)

Por esses mesmos tempos viajava por terra para a Europa Fr. Gaspar de S. Bernardino missionario na India, o qual naufragando na Ilha de S. Lourenço, passou a Mombaça, cabo de Rosalgáte, e Ormuz; d'onde resolvendo continuar sua viagem por terra, visitou a Persia, Caldêa, e Syria até Chypre. D'ahi foi ver os Lugares Santos, e voltando a Chypre, Candia, Zante, Cephalonia, e Corfu, se recolheu por ultimo a Hespanha e logo a Portugal. Escre-

veu o seu *Itinerario*, cuja primeira parte se imprimiu em Lisboa — 1611 em 4.º

Temos noticia que neste mesmo anno de 1611 veiu da India a Portugal por terra D. Alvaro da Costa, de cuja pessoa e viagem não alcançámos individual informação (1).

Os annos de 1624 e 1626 são notaveis na historia da Geografia, e das Viagens portuguezas, pelas duas que fez o P. Antonio de Andrade Jusuita, ao descobrimento do Tibet, estabelecendo alli missão christã, e catholica. Na segunda d'estas viagens (anno de 1626) em que foi acompanhado do P. Gonçalo de Souza, e cuja Relação se imprimiu em Lisboa em 1628 falla elle expressamente da cidade de *Caparangua*, aonde residia o Rei de Tibet, e aonde estes padres tinhão chegado em menos de deus mezes e meio, partindo de *Agra* (no *Dehli*) e passando por *Sirinagar*. Falla igualmente do paiz de *Ursangue ou Usang*. do qual diz que dista 40 jornadas de Caparangua, e 20 da China. &c. (Devem vêr-se as proprias Relações, e a *Nouvelle Relacion de la Chine* do P. Magalhães, traduzida em francez, e impressa em 1690, de que mais adiante fallaremos.)

Pertence ao mesmo anno de 1624 a viagem, e residencia na Abyssinia do P. Jeronymo Lobo Jesuita Portuguez. Foi elle mandado ás missões da India, para onde partiu, e chegou a Gôa em 1622: e vindo no dito anno de 1624 a Moçambique, d'ahi entrou no paiz dos *Galas*, penetrando até á Abyssinia aonde viveu muitos annos não sem grandes trabalhos e perseguições. A serie das suas posteriores aventuras, os naufragios que fez, os grandes incom-

(1) O Codice 482 da *Bibliotheca Publica Portuense* é copia da *viagem de D. Alvaro da Costa*, com este titulo « *Tratado da viagem que fez da India oriental á Europa nos annos de* 1610 *e* 1611 *por via da Persia e da Turquia . . . com relação . . . da Terra Santa . . . e geral descripção da India oriental, e navegação dos Portuguezes.* »

modos que soffreu, em fim a sua vida até ao anno de 1658 em que ficou em Portugal, são cousas dignas de curiosa reflexão. Escreveu o seu *Itinerario*, que tem merecido a attenção dos sabios, e eruditos, principalmente na parte que diz respeito ás cousas da Abyssinia, e que se acha traduzido em inglez, em francez duas vezes, e em italiano.

Em 1635 foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, outro Jesuita Portuguez, natural de Celorico da Beira, o qual fez caminho por *Bengala*, evitando a difficil passagem da serra, por onde o P. Andrade tinha entrado na Tartaria. Escreveu tambem a *Relação copiosa dos trabalhos que padeceu na missão do Tibet.* Obra, que segundo Barbosa Machado foi mandada a Roma no referido anno de 1635.

E' digno de mui particular commemoração nesta nossa breve memoria o P. Gabriel de Magalhães, tambem Jesuita Portuguez, que depois de estar por alguns annos nas missões do Japão, passou á China, e a correu quasi toda desde o anno de 1640 até 1648 em que se estabeleceu em Pekin, residindo ahi por quasi 29 annos até o seu fallecimento, e deixando-nos uma *Relação da China* das mais exactas que se havião escripto até o seu tempo. Esta *Relação* foi traduzida em francez, com notas, e explicações, e impressa em 1690 em 4.º

Alguns annos antes d'estes, em que vamos, missionou na Abyssinia o P. Manuel de Almeida Jesuita Portuguez. Das cartas, que elle annualmente escrevia ao seu Geral, impressas em Roma, em italiano, no anno de 1629, e de outras memorias de muitos Jesuitas, é que o P. Telles compilou a *Historia Geral da Ethiopia alta ou Preste-João*, impressa em Coimbra em 1660 em folh. aonde se vê o largo conhecimento que os Portuguezes tinhão d'aquelle imperio por elles tão frequentemente praticado.

Em 1663, o P. Manuel Godinho, natural da Villa de Montalvão, e religioso da Companhia, (depois secularisado Prior de S. Nicoláo de Lisboa, e por ultimo de Loures) tendo sido mandado ás missões da India, veiu por terra a Portugal de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveu « *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de* 1663 « impressa em Lisboa em 1665 4.° Obra curiosa, que merece ser lida dos eruditos.

ESTADO

DA

MARINHA PORTUGUEZA

EM

DIFFERENTES E'POCAS.

Sem remontar aos tempos gloriosos em que Portugal chegou a occupar o primeiro lugar entre as Potencias Maritimas, no 14.º e 15.º Seculos, e em que os nossos antigos Reis mandaram poderosas armadas e formidaveis expedições ás Conquistas e Descobrimentos d'Africa, Asia, e America, que enchêram o mundo d'admiração e assombro, e levaram o nome Portuguez ás mais remotas partes da Terra, trataremos só do estado das forças navaes nos dous ultimos Seculos.

No fim do reinado d'El-Rei D. João V. estava a marinha em bastante decadencia. El-Rei D. José empregou parte da sua actividade em fazer construir novos vasos de guerra, de sorte que em 1766 havia 12 Náos de 58 a 80 peças; 14 Fragatas de 14 a 48, e um consideravel numero d'embarcações ligeiras.

No reinado de D. Maria 1.ª cuidou-se muito do melhoramento da Marinha; fizeram-se bastantes construcções navaes; e se adoptou um grande numero de providencias uteis.

Em 1793, época da maior força da Marinha Portugueza nos tempos modernos, constava ella de 50 Navios

com 1566 bôccas de fogo. Ainda que o seu pessoal não era proporcionado ao numero de Navios, comtudo uma porção consideravel da Marinha de Portugal fez parte nesse mesmo anno, e nos seguintes, das Esquadras combinadas contra a França, no Oceano e no Mediterraneo. O quadro seguinte, extrahido do Relatorio feito ás Côrtes em 25 de Setembro de 1821, demonstra quaes os Navios e sua força em 1793.

12 NA'OS DE LINHA.

Principe Real.	110	Affonso d'Albuquerque.	64
Conde D. Henrique.	80	Gigante.	64
D. Maria 1.ª	74	Infante D. Pedro.	64
Meduza.	74	D. João de Castro.	64
Rainha de Portugal.	74	Princeza da Beira.	64
Vasco da Gama.	74	S. Sebastião.	64

12 FRAGATAS.

Carlota.	46	Golfinho.	36
Fenix.	46	S. João Principe.	36
Minerva.	44	Princeza do Brazil.	36
Cisne.	40	S. Rafael.	36
Tritão.	36	Thetis.	36
Venus.	36	Ulysses.	36

8 CORVETAS.

Andorinha.	24	Falcão.	24
Aurora.	24	Gaivota.	24
Benjamin.	24	Princeza da Beira.	24
Diligente.	24	Serpente.	24

5 BRIGUES, E CUTTERS.

Lebre.	24	Outro.	18
Voador.	24	Outro.	18
Balão.	18		

Havia mais 7 grandes Charruas empregadas em conduzir as madeiras de construcção do Brazil; 6 Hiates para as Costas de Portugal; e mais algumas embarcações pequenas.

Infelizmente o augmento da força da marinha ficou estacionario pelo tempo que decorreu até á retirada da Familia Real para o Brazil, em 29 de Novembro de 1807, época em que só havia os seguintes Navios.

8 NA'OS DE LINHA, *que sahîram do Tejo com a Familia Real.*

Principe Real.	84	Rainha de Portugal.	74
Conde D. Henrique.	74	Affonso d'Albuquerque.	64
Meduza.	74	D. João de Castro.	64
Principe do Brazil.	74	Martim de Freitas.	64

4 NA'OS, *que ficaram em Lisboa.*

Maria 1.ª	74.	Incapaz de servir; empregada como Bateria fluctuante.
Vasco da Gama.	74.	Em concerto, e quasi prompta.
Princeza da Beira.	64.	Incapaz de servir; empregada como Bateria fluctuante.
S. Sebastião.	64.	Incapaz de serviço, sem total concerto.

4 FRAGATAS, *que acompanharam a Familia Real.*

Minerva.	44	Urania.	32
Golfinho.	36	Outra.	

5 FRAGATAS, *que ficaram em Lisboa.*

Fenix.	48.	Precisavão concerto tot.	Tritão.	40.	Não admitião concerto.
Amazona.	44.		Venus.	30.	
Perola.	44.				

4 BRIGUES E ESCUNAS, *que acompanharam a Familia Real.*

Lebre.	22	Voador.	20
Vingança.	20	Curiosa.	12

Depois da separação do Brazil, (aonde nos usurparam muitos navios), a Marinha Portugueza ficou reduzida aos seguintes vasos.

4 NA'OS DE LINHA.

D. João 6.º	74	S. Sebastião.	64
Rainha de Portugal.	74	Uma no Estaleiro.	74

6 FRAGATAS.

Amazona.	44	Diana.	50
Perola.	44	Principe Real.	50
Principe D. Pedro.	44	Venus.	36

7 CORVETAS.

Calipso.	24	Isabel Maria.	24
Cibelle.	24	Lealdade.	24
Princeza Real.	24	Principe Real.	24
Infante D. Miguel.	22		

10 BRIGUES.

Infante D. Sebastião.	20	Audaz.	18
Providencia.	20	S. Boaventura.	
Tejo.	20	Constancia.	
Treze de Maio.	20	Gloria.	
D. Pedro, (no estaleiro.)	20	Neptuno.	

6 CHARRUAS.

Maia Cardozo.	50	Galatêa.	24
S. João Magnanimo.	36	Orestes.	24
Princeza Real.	36	Principe Real.	

5 EMBARCAÇÕES MENORES.

Sumaca Conceição.
Escuna Ninfa.
Cahiques — Inveja, Piedade, e Treze de Maio.

6 HIATES.

St.ª Anna.
St.º Antonio.
Bom Despacho.
St.ª Isabel.
S. Martinho Nazareth.
Resgate.